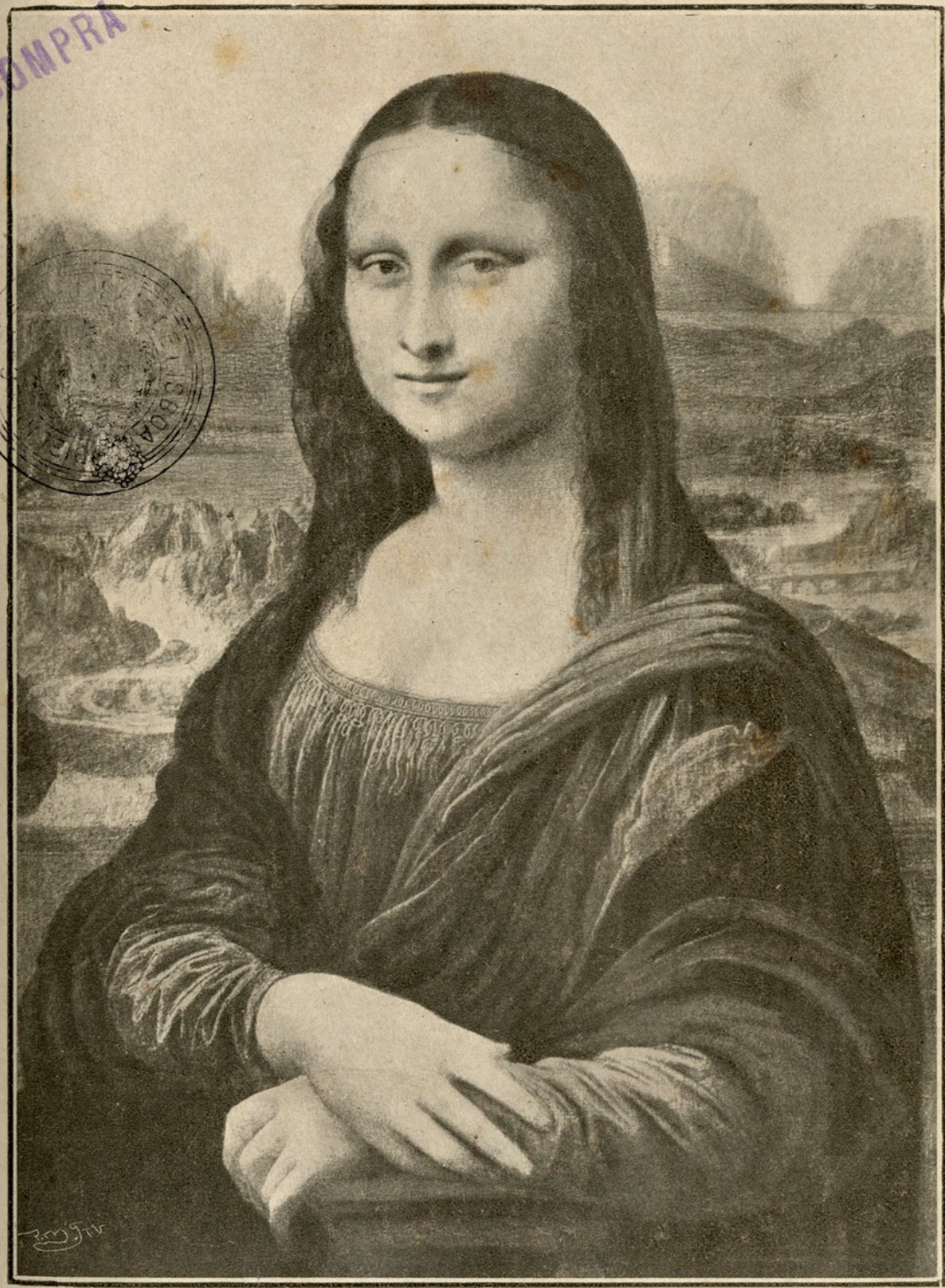


1940

N.º 75  
SETEMBRO 1911

# SERÕES

COMPRA



MUSEU D'ARTE — Leonardo da Vinci (1452-1519). Escola italiana — A Gioconda

# Summario

## MAGAZINE

PAG.

### RETRATO DE MADAME VIGEE

(*Frontispicio*) . . . . . 162

### FLORENÇA A AMOROSA

(*1 vinheta e 5 illustrações*) por JUSTINO DE MONTALVÃO . . . . . 163

### OS MOLEIROS

(*8 illustrações*) por ALFREDO GUIMARÃES . . . . . 173

### O PORTO

(*9 illustrações*) por HENRIQUE MARQUES JUNIOR. . . . . 179

### ARTE PORTUGUÊSA (*Illustrações*)

Na arribana — SILVA PORTO . . . . . 187

Conduzindo o gado (Ribatejo) — SILVA PORTO . . . . . 196

### VISÃO DE DEUS

*Versos* por AUGUSTO CASIMIRO . . . . . 188

### O THEATRO DA NATUREZA

(*8 illustrações*) por VICTOR RIBEIRO . . . . . 190

### UM DIA EM S. JULIÃO DA BARRA

(*7 illustrações*) por MAXIMILIANO DE AZEVEDO . . . . . 197

### O NOSSO INIMIGO: O ALFERES

(*7 caricaturas*) por JOSÉ FRANCEZ . . . . . 205

### A CATADUPA ARDENTE

(*4 illustrações*) por FRANK LAVILLE . . . . . 213

### RESENHA PORTUGUEZA

(*4 illustrações*) por PORTUGAL DA SILVA . . . . . 223

THEATROS . . . . . 230

### PELO MUNDO FORA

(*7 caricaturas*) . . . . . 233

### SERÕES DAS SENHORAS

(*3 illustrações*) . . . . . 237

# Serões



Historia \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ Sciencia  
Romance \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ Arte  
Actualidades \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ etc. \_\_\_\_\_

Magazine Mensal Ilustrado

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritôres  
e artistas portuguezes e brasileiros.

*Assignatura annual, 2\$200 réis*

*Semestre, 1\$200 réis*

*Numero avulso, 200 réis.*

**Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados**

---

**Atenção:** Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao **DICCIONARIO**.



# Diccionario Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portugüesa: a de um completo e práctico diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquisas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

## Diccionario Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionario verdadeiramente **prático**, isto é, um diccionario em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna sollicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquisas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

**Lingua portugüesa**

**Locuções latinas e estrangeiras**

**Historia e geographia**

### O Texto

apresenta o mais copioso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionario d'esta natureza, abrangendo a **lingua**, as **letras**, as **sciencias**, as **artes**, acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, apoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos**, **antónymos**, **proverbios** e **locuções proverbias**,

**pronúncia figurada** (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenas de **artigos encyclopedicos** (grammática, ariihmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

**Locuções latinas e estrangeiras**, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia**. Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

**Noticias biográphicas**, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguêsa e brazileira;

**Monographias de obras de arte famosas**: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

**Personagens e typos symbolicos**, literários, sociaes.

---

## **ILLUSTRAÇÕES**

---

**6:000 gravuras** distribuidas no texto.

**110 quadros encyclopedicos**, 3 dos quaes a côres.

**1:000 retratos** de individualidades celebres, portuguêsas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

**90 mappas geographicos**, 8 dos quaes a côres.

---

### **Preço da obra completa**

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

**3\$000 RÉIS**

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prazos que o comprador indicar:

**CADA TOMO, 500 RÉIS.**

N.º 75



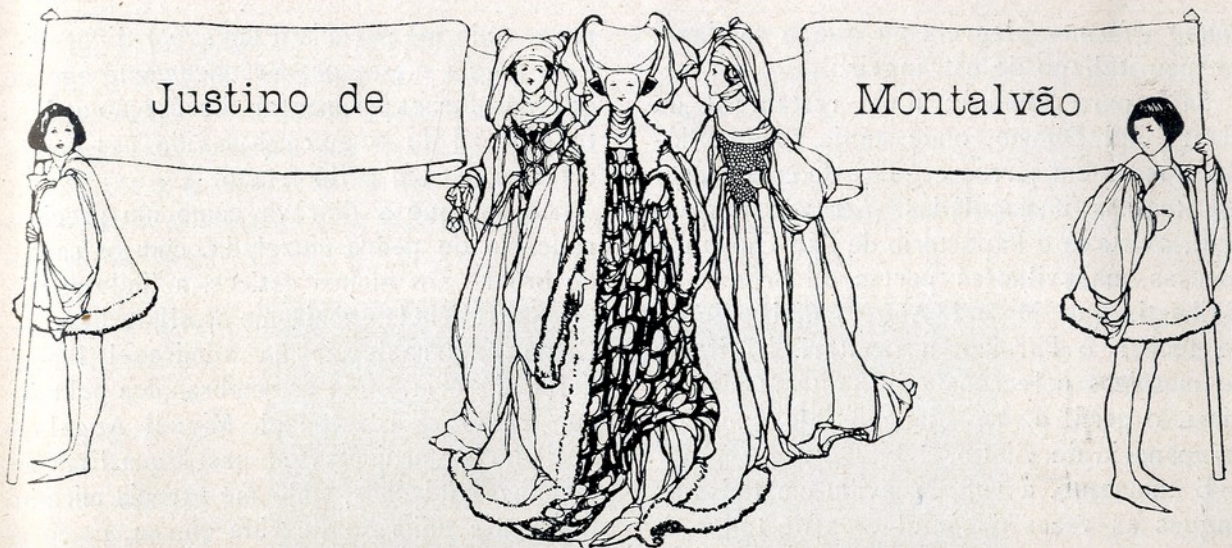
SERÔES  
REVISTA  
MENSAL  
ILUSTRADA



SETEMBRO 1911



MUSEU D'ARTE. — MADAME VIGÉE (1755-1842) Lebrun. — Retrato da autôra



# Florença a amorosa

(Conclusão)

## A minha fé

Encanto das manhãs florentinas, no fino ar frio que esperta os nervos e as ideias, dá uma rosea frescura ao rosto das mulheres que caminham em eurytmias de movimentos mais vivos, e espalha as nuvens do azul limpido em que os campanilhos e os domos se elevavam em linhas tão nitidas!

As horas corriam para mim n'um d'esses sonhos acordados em que as sensações e as imagens, como nas que se fazem dormindo, vôam com azas mais ligeiras que as do tempo.

Nunca como aqui compreendi este verso de Homero: «Feliz o homem que pode gosar a mocidade florescente até ao limiar da velhice!» Em Veneza, o que sentia era ao mesmo tempo pathético e triste. Mas n'esta clara cidade onde nada é vago e indeterminado, a alma desperta. Os pensamentos são tão nitidos como os contornos, e desabrocham no cerebro com não sei que de triunfal, de são e alacre, que electriza como uma symphonia que tivesse ao mesmo tem-

po a amplitude heroica de Wagner e a fresca de Mozart.

Sob este ceu, ao sentir-me livre, desprendido de todos os laços, compreendia a existencia com a serenidade feliz d'um patricio requintado e sensual do Cinquecento.

A pouco e pouco operava-se em mim uma metamorphose espiritual. O esplendor e a nobreza das coisas ambientes actuavam sobre todos os meus sentidos. Não era já como um forasteiro e um espectador que eu contemplava a elegancia das formas; mas como se renascesse florentino d'outrora e ouvisse as Musas cantar no meu coração, como n'uma lyra, um hymno de alegria, de felicidade, de prazer.

Logo de manhã cedo, abria as janellas para commungar a divina luz do sol que entrava no meu quarto, ás ondas, vibrante de pregões, de chilreios de passaros voando sobre as estatuas do terraço fronteiro e sobre a cupula da Sagrestia Nuova.

Uma visinha que penteava os cabellos castanhos na janella defronte, sorria com a bocca florida da Primavera de Botticelli ao



«*buon giorno*» alegre com que a saudava, no meu italiano de estrangeiro.

Saia para almoçar n'um restaurant da Piazza del Duomo, onde havia sempre flôres frescas em jarras esguias de crystal, sobre toalhas immaculadas. Atravez dos vidros, avistava o Baptisterio de San Giovanni, com as maravilhosas portas de bronze de Ghiberti, que Miguel Angelo dizia dignas de fechar o Paraizo, a frontaria rutilante de mosaicos polycromos de Santa Maria dei Fiori, o perfil de tão elançada elegancia do campanario de Giotto.

E emquanto, á volta, soavam em todas as linguas as vozes das mulheres de todas as raças a quem este ar da Italia embriaga, lia as cartas de longe, que me traziam o eco das vozes familiares que ha tanto não ouço, mas nunca emudecem no meu coração.

A minha saudade, voando leguas e leguas n'um segundo, ia bater á porta d'uma casa vermelha de Leça, á beira do mar azul que s'espraia, coalhado d'azas de gaivotas e de velas latinas de lanchas, até á ermida solitaria da Boa-Nova; entrava no quarto silencioso onde o retrato de minha Mãe me fitava com os olhos profundos dos que nos vêem d'além da morte; beijava as mãos de meu Pae solitario: atravessava depois os Oceanos, n'um vôo mais rapido que o do vento, e ia seguindo, atravez das cidades longiquas da Africa e da America, meu irmão Manuel, nos azares da sua vida, como a minha, errante.

N'uma mesa, ao lado, dois noivos ingleses, na primeira fase encantada da lua de mel, conversavam rindo, d'olhos nos olhos, bebendo pelo mesmo copo o leve vinho de Chianti, que sabe a flôres. E a linda palavra *dearling* que ás vezes cantava nos labios d'ella, como uma caricia melodiosa, fazia-me um instante pensar com nostalgia na sonhada ventura dos que, n'esta terra d'amores, não vivem sósinhos.

Mas logo que saia, o simples espectáculo da vida e do movimento que animava a longa via Calzaioli, cheia de gente indo e vindo, e dos carros rapidos cujas campainhas tilintavam alegremente, me fazia esquecer d'esse desvanecio sentimental. E o brilho da luz nas pedras, a novidade das coisas que via, o aroma já oriental da cigarrilha toscana que fumava, o proprio ar que respi-

rava, tudo me parecia d'um sabor differente, e se fundia n'esse prazer docemente egoista que nos faz experimentar a sensação ardente e pueril de possuirmos a vida nas nossas mãos, como um bello fructo.

Ao sol que a doirava como um precioso relicario de pedra cinzelada, com os santos de broaze nos nichos goticos, a linda egreja Or San Michele enchia-me os olhos d'extase. E ao entrar depois na admiravel Piazza della Signoria, onde as sombras dos palacios construidos por Raphael, Miguel Angelo e Palladio se projectavam nas lages lisas em manchas violaceas, tudo me parecia miraculosamente animado de vida eterna, como se os seculos tivessem passado em vão sobre as nobres architecturas que conservam intacta a elegancia d'outr'ora.

Em frente do Palazzo Vecchio, elançando sobre a gigantea molle quadrada das espessas muralhas ameadas a esbelta e estranha torre do relógio, no mesmo lugar onde Savonarola foi queimado, os tritões e as nereidas da grande fonte de Neptuno, cambando os corpos ageis, pareciam mover-se, latejar de juvenildade animal sob os jactos de prata espumante da agua que jorra em torno da concha tirada pelos cavallos marinhos.

Ao lado, a Loggia dei Lanzi abria deante de mim um sacrario de arte, onde cada santo é uma estatua glorificando na sua nudez a ardente paixão da vida.

Deante da immortal graça da Sabina de João de Bolonha, da Judith de Donatello e do Perseu de Benvenuto Cellini, a impressão que logo resalta é que n'esse prodigioso seculo dezeseis a estatuaria attingiu em Florença o esplendor supremo. Nada, desde então, se creou de novo, d'um garbo tão vigoroso e são. Depois da Renascença as mais famosas estatuas parecem tristes. Estes florescentes corpos de marmore e bronze, ao mesmo tempo robustos e esbeltos, evocam o deslumbramento d'uma civilização de luz, de grandeza e de força, uma religião da vida tão profunda como a que só, seculos antes, animara a alma dos homens, na Grecia do quarto seculo.

O amor da forma em si mesma, a adora-

ção da livre natureza, o orgulho sereno da força, a alegria luminosa da saúde e da adolescência, tal é o ideal que manifestam as obras dos artistas que fizeram renascer a moral e a estética da Hellade.

Por esta concepção renovadora, os esculptores da Renascença são talvez ainda mais dignos da admiração que os gregos. A obra d'estes nascia sem esforço, da visão incessante dos corpos nus dos gynastas, nos jogos olympicos. A concepção derivava directamente das formas mais perfectas que jamais contemplaram os olhos dos homens. Tudo facilitava a criação artística n'um povo que deificava a perfeição corporal. Ser bello, são e robusto era o principal objectivo da educação. Sparta e Athenas tinham concursos de belleza, como hoje se fazem concursos de virtude. A

fealdade physica inspirava uma repugnancia menos hypocrita do que hoje inspira a monstruosidade psychica, porque os gregos sentiam a intima correlação que existe entre uma e outra.

O cuidado das gerações futuras era uma religião civica. E as estatuas mais bellas ornavam as camaras nupciaes, para que as

esposas, contemplando-as durante a gestação, dessem á luz filhos semelhantes aos deuses.

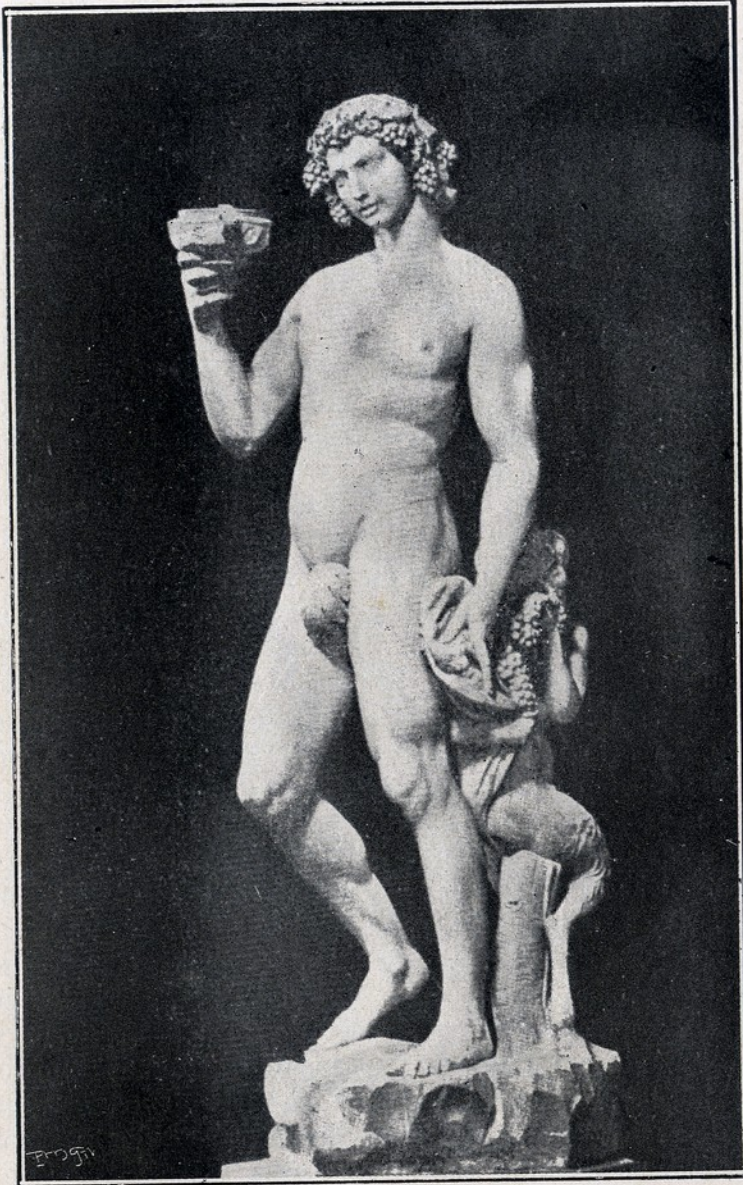
Mas os primeiros esculptores florentinos tinham atraz de si seculos de barbaria, de lucta, de bestialidade, em que a guerra era

considerada heroica. A religião grosseira mandava quebrar as estatuas. Em vez do amor da vida, o ideal christão proclamava o da morte, a dôr, a piedade, a tristeza e a humilhação que deprimem. Os pregadores, dos pulpitos, anatematisavam o prazer como um crime e a formosura como um peccado.

Libertando a escultura da sombra das catedraes, onde as multidões boçalmente fanatisadas se prostravam no pavor do julgamento final; glorificando a natureza e a vida, estes percursoros crearam para além da sua época,

dêram á humanidade a consciencia de si mesma, o nobre orgulho de ser livre, o fizeram, pela arte, a mais fecunda das revoluções sociaes.

Era com o espirito illuminado por estas ideias, que na nitida Florença emanam naturalmente da visão das formas, que eu entrava nos museus, cheio do mesmo fervor,



BACO (Miguelangelo)

do mesmo fremito de devoção profunda com que os catholicos entram nas egrejas.

## A amargura de Miguel-Angelo

A memoria de Miguel Angelo é tão viva em Florença como a de Dante, que pelo genio violento foi na voluptuosa Italia o seu irmão sombrio.

Além do retrato da collecção dos Uffizi, pintado pelo seu biographo Vasari, do admiravel busto em bronze do «Bargello», feito por Daniel de Volterra, e do que Battista Lorenzi lhe esculpiu sobre o tumulo, na igreja de Santa Croce, existem na casa que habitou e onde um dos seus descendentes fundou no seculo doze um curiosissimo muzeu intimo, dois outros retratos e um busto em que os discipulos mais amados devotamente fixaram a physionomia do Mestre Incomparavel.

Em todas essas efigies que o representam em edades diversas, o Buonarotti revive para a minha imaginação, como se o animasse ainda a paixão vulcanica que lhe calcinou a alma protheica.

Na atmospherá creada pela contemplação da sua obra prodigiosa, n'esta cidade que entre todas amou, revejo-o tão allucinantemente vivo, como se os seculos tivessem passado em vão sobre a sua morte — igual a um dos collossos de marmore que divinizou e atravez das edades ficaram emergindo, na soberania intangivel da sua força.

Eil-o, eterno, diante de mim, vestido de burel rude, como um monge ascetico, com a energica, descarnada cabeça saturniana, tão feia e no emtanto tão bella, d'uma fealdade que a magia do genio transfigura. A barbicha rala e grisalha, as maxillas salientes, a testa vincada de rugas, amolgada de bossas, sob o cabello aspero e curto, a boca crispada no rictus amargo, o nariz esmagado n'uma disputa com um camarada, dão-lhe ao mesmo tempo o ar d'um fauno doloroso e d'um velho pedreiro mendigo. Mas nas orbitas profundas, os olhos videntes, que parecem fitar para além da terra, absortos nas regiões inexploradas da alma, illuminam-lhe o rosto de Vulcano de uma claridade mythica.

Essa fealdade physica, o aspecto irascivel e taciturno que inspira a todos antipathia e faz exclamar á bella Imperia: «Que homem desagradavel!» mantem-no casto até á morte, encarcerado na fulgurante caverna do seu orgulho de solitario.

— «A esculptura é minha mulher, e a pintura a minha amante. Ambas me têm dado bellos filhos!»

Que amargura latente sob a ironia altiva destas palavras! E como a sua bôea de desafio e de sarcasmo devia crispá-se n'um rictus mais doloroso, ao dizel-as aos raros que admittia na intimidade.

A falta do amor é na vida de Miguel-Angelo a chaga occulta, a tragedia intima que lhe dá á obra tal expressão de feroz rudeza, de selvagem melancolia.

nenhuns homens têm mais necessidade de ser amados do que os artistas e os poetas.

Para esquecer a dôr da vida que lhe nega a unica compensação que a redime, refugia-se na arte, trabalha com febre, com furia, dias inteiros, noites inteiras, creando incessantemente. encarnando em pedra dura, em lagrimas ardentes, em fêl e em sonho as suas amantes brancas, até cair extenuado, quando o ultimo clarão bruxoleia na lampada de cobre e sobre a cidade adormecida a luz rompe, a luz benefica e germinal que ri ás arvores verdes, ás aguas alegres, ás aves cantantes, á vida para todos tão clara, para elle tão sombria,

Na treva profunda, no mysterio da criação nocturna, que radioso mundo de ideias se agitaria dentro da sua alma oceanica! Que estranhos dialogos se travariam entre o asceta visionario e as formas exteriorisadas do seu pensamento — todas essas creaturas sobrenaturaes em que encarnou as suas chymeras, as suas aspirações e as suas amarguras: a adolescencia victoriosa no *David*, a embriaguez do invencivel desejo no *Bacco*, a luxuria dolorosa na *Léda*, a humilhação no *Guerreiro moribundo*, a força moral no *Moisés*, a melancolia do ideal inatingivel no *Pensieroso*, o desespero da lucta contra a fatalidade no *Laoconte*, a suprema majestade do soffrimento humano na *Noite*.

Amar e ser disforme! Amar e inspirar a repulsão e o riso! Sentir no coração todo o ardor da paixão e ser só! Ser uma voz divina no universo, uma lyra vibrante, e agonisar no silencio, com uma mordança na bôca convulsa! Aspirar á felicidade, como uma fonte occulta aspira á luz, e referver e estancar se contra um rochedo esteril!

Expulso da ventura, todo o amor repellido, toda a paixão de lava que lhe arde na alma, como n'um vulcão suffocado, elle a offerta, em holocausto, á patria e á arte. Mas a Patria, corrompida, vilipendiada, deixa-se escravisar sob o jugo do estrangeiro. Depois de a fortificar, de a defender em vão, Florença prostra-se diante do vencedor, como

uma cortezã sem vergonha. E é tanto a ruina da liberdade vencida como a do seu destino, do seu desespero impotente, que fremem na dôr petrificada d'essas silenciosas figuras de marmore, nascidas do seu mystico noivado com a Arte, que não engana, que não trae nunca.

Uma unica mulher, Vittoria Colonna, marquezia de Pescara, faz brotar as nascentes

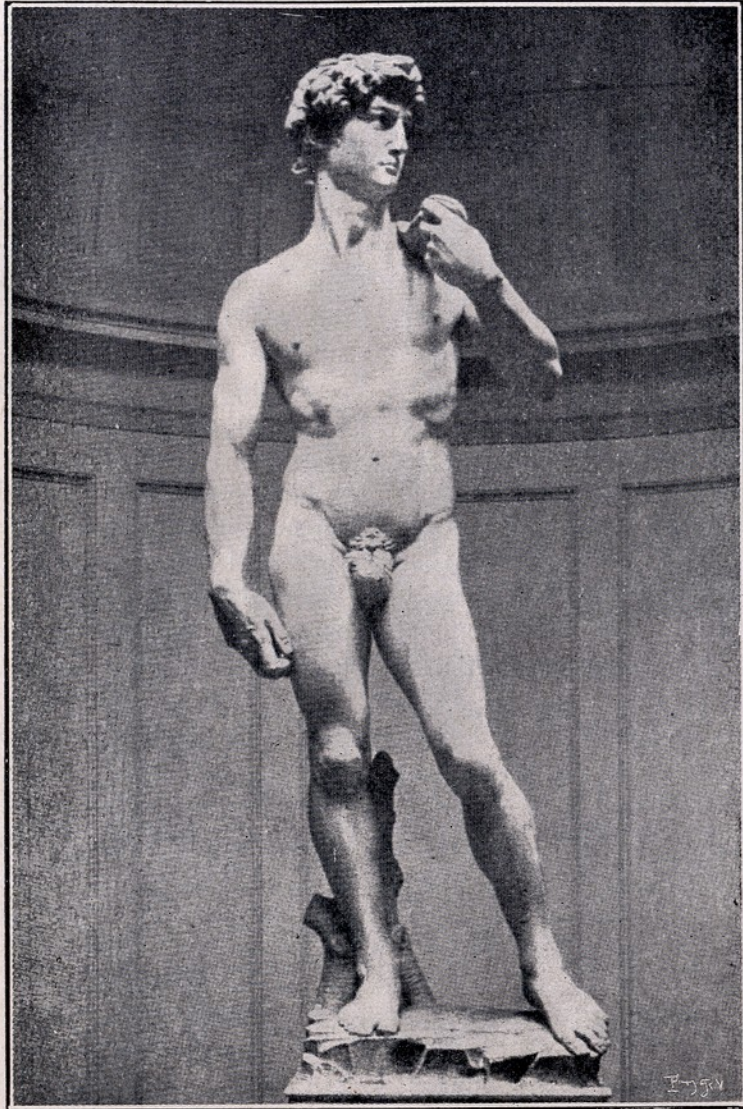
secretas de poesia no seu coração, illuminando-lhe a velhice com a luz do seu sorriso — luz divina, mas pallida e triste como a do sol de inverno, que brilha sem aquecer. Viuva do unico homem que amou, fiel á sua memoria, Vittoria Colonna passa na vida de Miguel-Angelo como a doce figura

d'uma Egeria espiritual, immaterialmente casta. O sentimento que os liga é a admiração reciproca, não o amor. O seu primeiro beijo é o ultimo, sagrado pela morte, na fria sala rutilante de tocheiros do castello de Pescara, onde Miguel Angelo se ajoelha diante do cadaver da mulher admiravel a cuja belleza moral diz, n'uma das suas extraordinarias poesias, dever o sentimento da perfeição que o guia.

A Arte que consola e faz esquecer a dôr de descer, a Arte é verdadeira-

mente a sua unica amante, até á morte. Como o Prometheu mythico no alto da montanha sobranceira aos homens que despresa, conheceu como elle a angustia glacial do isolamento.

D'ahi, o drama interior que sua obra reflecte, com uma continuidade e intensidade que faz d'ella o mais sublime poema da dôr e da revolta d'uma alma contra o Destino.



DAVID (Miguelangelo)

No fim da vida, nonagenario, unico sobrevivente da phalange heroica, surdo, sem vista, misero esqueleto descarnado pela paixão, ao sentir a morte aproximar-se, pede que o conduzam ao belvedere do Vaticano onde se ergue, na sua belleza eterna, o torso de Hercules, esculpido por Apollonius. E extaticamente, as pobres mãos que já não podem crear, tacteiam n'uma caricia errante o marmore divino, em quanto as lagrimas, uma a uma, rolam dos seus olhos cegos...

## O Mausoleu dos Medices

Foi na Sagrestia Nuova que tive a primeira revelação fulgurante, o primeiro choque d'assombro ante a divina alma tragica de Miguel-Angelo.

Depois de subir da crypta onde a penumbra e o silencio dos seculos se adensam sobre os tumulos, e de atravessar sem interesse a ostentosa Capella dei Principi, toda rutilante de marmores e pedrarias, foi como se um manto de subito me pezasse nos hombros, ao entrar no mausoleu sombrio onde foram esculpidas as mais prodigiosas figuras da escultura moderna.

A luz que sob a cupula de pedra cae das janellas estreitas, é fria e livida como a d'uma gruta, d'um limbo, já fora do mundo. Tudo alli é magestosamente lugubre. Apenas duas côres, o branco e o nego — alvura espectral do marmore, negrura fluctuante da sombra.

A claridade dir-se-ia não vir de fóra, do ceu, mas irradiar sobrenaturalmente das proprias figuras mudas, em vagos nimbos de sonho, em reflexos lunares d'allucinação

E é tal a harmonia severa das estatuas, dos sarcofagos, dos nichos, da cupula, dos detalhes architecturaes, que tudo parece amassado e modelado pela mão do Titan encarcerado, n'uma noite de febre, de dôr e de solidão. Nada alli rutila, nada alli canta o triumpho da vida, n'aquella caverna de sombra gelada como a da sua alma deserta.

Sob as estatuas de dois Medices, orgulhosos e concentrados, os tumulos, quasi sem ornatos, têm uma sobriedade que faz pare-

cer mais colossaes as estatuas do Dia, da Noite, do Crepusculo e da Aurora.

A tragedia estatica que ellas representam, e no seu silencio exprimem ao espectador preparado para a compreender! E' preciso vê-las de perto, sentil-as tão vivas sobre a morte, tão latejantes apesar da immobildade, tão eloquentes apesar da mudez, para perceber o drama immenso de que são os personagens eternos.

A dôr, a tortura cerebral e sentimental do genio que encarnaram, fal-as immortalmente symbolicas.

Enorme, nua, no somno prostrado, com a cabeça escondida no braço como se nunca mais quizesse tornar a vêr a luz do mundo, que ancia profunda de aniquilamento, que desespero sem redempção ella interpreta, a sublime *Noite dolorosa!*

A sua muda bocca de esphinge, paralyzada n'um rictus d'amargura, parece cerrar-se sobre a revelação do enigma eterno.

Que formidavel grito de maldição, se de repente os seus labios de marmore se entreabrissem! Dormir, dormir, sem despertar...

Ser de pedra, de dura pedra insensivel, para não sofrer a vergonha de viver n'uma terra d'escravos.

*Non vedere, non sentire m'è gran ventura  
Però non mi destar; deh; parla basso!*

N'estes versos gravados sobre o marmore, toda a sua alma apaixonada e desolada lateja, como n'uma suprema confissão convulsa.

E' talvez n'estas figuras da capella de San Lorenzo onde se enclausurou solitario, taciturno, depois da derrota de Florença, da derrocada de todos os sonhos heroicos de liberdade, que Miguel-Angelo poz o maximo do seu genio.

Fel-as ja desenganado, desiludido de tudo, tão longe do tempo em que no jardim dos Uffizi, entre a corte academica de sabios, poetas e artistas que rodeava o Magnifico, começara a sua carreira esculpindo, sem nunca ter tocado no cinzel, a cabeça d'um fauno rindo — como a imagem juvenil do alegre desejo.

Na attitude crispada d'essas sobrehuma-

nas criaturas que parece irromperem, brotarem do bloco bruto de mármore, ainda informes (como os primeiros seres deviam ter surgido do caos) exprimem-se os seus mais íntimos desprezos, o desânimo depois da acção estéril, o esforço aniquilado sob a mentira, a traição, a vulgaridade, a humilhação. Luctara e fôra vencido. Como

*David*, desafiara a fatalidade obscura que se vingara d'elle como a *Nemesis* antiga. Foi com uma torrente de fel no coração que as creou, refugiado no mundo do seu sonho, maior que o real. Absorvido n'um pensamento constante de desespero, alheio á natureza que o rodeava, dir-se-ia que quiz atingir um ideal desconhecido da humanidade.

Por isso os que o não comprehendem, não podem amal-o. Violento, inquietante, sem

sorrisos, sem doçuras, escandalisa e choca com a sua brutal virilidade as almas femininas e ordenadas. Como todos os percursores, incomprehendido na sua solidão, com sentimentos e ideias diferentes dos outros homens, não pode verdadeiramente ser amado senão pelos violentos, pelos apaixonados.

No meio da sua alegre e voluptuosa raça parece um bárbaro sublime, um profeta visionario e flagelador. Na sua alma, con-

tinuamente agitada, ha todas as revoltas d'um libertario moderno, de um atheu desesperado. Emerge da Renascença, solitario e altivo, sem laços de parentesco com as escolas do tempo e sem filiação nas do passado.

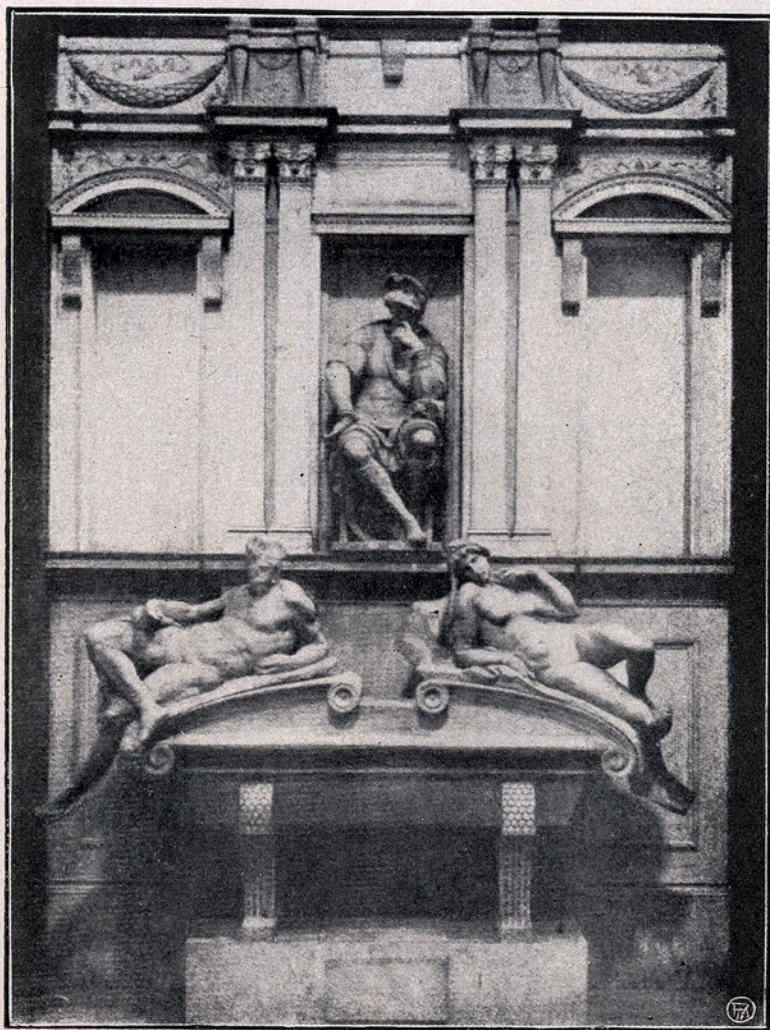
Não se assemelha a ninguem, nem mesmo aos gregos. As figuras allegoricas do mausoleu dos Medicis são inspiradas pela mythologia. Mas com as suas formas exuberantes, a violencia das suas attitudes contorsionadas, como differem das calmas deusas olympicas!

Da arte hel-lenica apenas toma o culto do nú — não a serenidade essencial da expressão e da fórma. A formosura das suas estatuas não é physica, á maneira das pagãs. Vem dos sentimentos que exprimem, das paixões que as animam.

Nenhum genio rompeu mais violentamente com a Tradição. Muitas vezes,

no seu desdem de creador d'uma arte nova, esquece ao mesmo tempo a verdade historica e a verdade natural. Mas é tal o milagre do seu genio, que mesmo o monstruoso e o disforme parecem, sob as suas mãos de gigante, sublimar-se e ter belleza.

Só Dante pôde ser considerado na Italia o seu ascendente. O seu culto por elle era tão profundo, que n'um soneto diz invejar-lhe até as proprias desgraças e o exilio.



TUMULO DE LOURENÇO DE MEDICIS (*Miguelangelo*)  
(Capella dos Medicis em Florença)

A *Divina Comedia* era o seu livro d'horas, o unico em que rezava. No seu Juizo Final, sente-se em toda a composição a influencia directa do poeta sobre o pintor. Mas, irmão de Dante pela violencia, diverge d'elle pela sua concepção anti-christã do universo.

Em toda a obra de Miguel-Angelo não ha uma figura alada, uma cabeça nimbada da aureola mystica. Formas vivas dos seus pensamentos filosoficos, as suas estatuas contemplam o infinito e interrogam o mysterio da vida profunda, para além dos ceus e das nebulosas.

## David

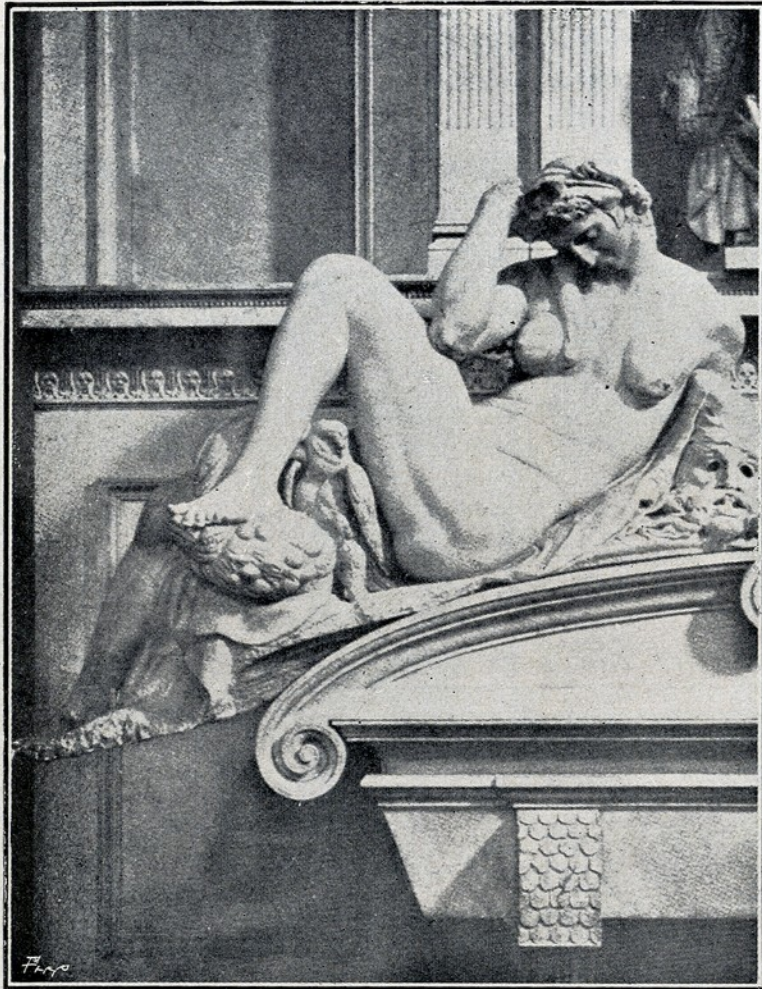
Para levar de Florença uma visão suprema, á hora vinciana em que o poente a nimba de clarões, no seu circo de collinas esculpturaes, subo a San Miniato pela la-deira que ascende em espiral da porta torreada de San Niccoló, cujos frescos as chovas e soes dos seculos diaphanisaram em cambiantes vaporosos.

Na tarde secca, o ar gelado parece estalar como um cristal nitido. O duro vento da tramontana, que dir-se-ia soprar contra os olhos uma poeira cegante de vidro, dá attitudes tranzidas aos arbustos arroxeados, ás oliveiras lividas, cujas meudas folhas metalicas luzem e fremem como rendas rigidas de prata. Das murtas que se azulam,

exalam-se aromas acres. Os sons dos sinos, ao passo que vou subindo, vibram em tinidos mais argentarios, no vasto silencio do espaço limpido e azul — d'este liquido e rutilante

azul dos seus florentinos, que mesmo sob as neves d'inverno parecem de primavera.

A espaços, ageis, airosas contra o vento que lhes molda os vestidos curtos sobre os corpos solidos, e agita em torno dos rostos roseos e das nuças fulvas longos véus iluctuantes, descem aos pares inglezas ou norte-americanas, das tantas que aqui vêm hibernar, copiando as figuras subtis de Botticelli, flirtando nos *five o'clock tea* do Dgerini, e



A NOITE (Miguelangelo)  
(Estatua do tumulo de Juliano Medicis)

sonhando, á noite, ao embalo das operas patheticas, na Pégola.

Ao chegar ao Pizzale Michelangelo, os meus olhos vão logo para o *David*, erecto ao meio do vasto terraço sobranceiro ao valle suave como um leito, em que Florença parece offerecer-se aos beijos mordentes do sol e do vento, com a mesma indolencia lasciva com que a *Venus* de Ticiano espera, nua e enfeitada de joias, os beijos do amante ducal.

Vigoroso e bello, o heroe adolescente ergue a colossal nudez de bronze sobre o bloco de marmore rodeado pelas quatro figuras que allegorisam a dôr, o sonho, a tor-

menta e a revolta do escultor do tumulo dos Medices.

A consciencia da força invencivel, a certeza da victoria proxima animam-lhe o garbo olympico, irradiam-lhe dos membros tensos, dos musculos vibrantes, de todo o vigor esbelto do corpo preparado para o ataque. N'uma das mãos, erguida até ao hombro, segura a funda; e na outra, pendente ao longo da coxa, a pedra com que matará o gigante. O desdem da bocca voluntaria e dos olhos audazes sorri da morte. Sobre a cidade pagã, dominando o espaço, confiante na vida, desafiando o destino, dir-se-ia o symbolo triumphal da mocidade, do instinto livre, do pensamento juvenil e immortal que se ri do poder, das leis, das tradições, de todas as forças tyránicas e hostis.

\*

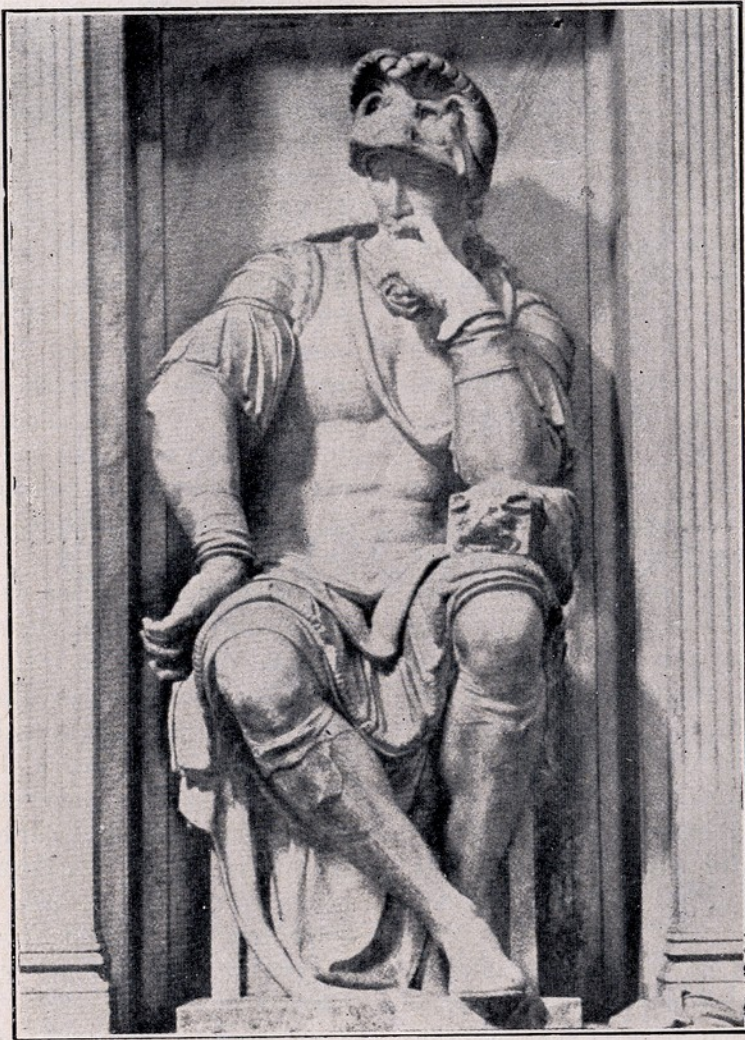
A toda a roda, o panorama das colinas que como as rondas de nimphas nas anforas etruscas rodeiam o valle, é d'encanto involvidavel a esta hora, n'esta luz florentina que cinzela as coisas com nitidez estatuaria.

Aqui, o maravilhamento não vem como nos poentes alcyonicos de Veneza, da cambiante magia das côres, mas da eurithmia das linhas, da architectura perfeita das formas.

Nem a pintura, nem as palavras, demasiado densas e sem vôo, podem exprimir a musical pureza de curvas d'esta paysagem suprema, quando o sol em declive faz ondear sumptuosas tapeçarias scintilantes sobre as montanhas que docemente se curvam para a cidade d'onde ascendem, em columnas fluidas, em gazes espiralantes, centenaes de fumos azulados.

E' n'este instante ambiguo, intermezzo lyrico da luz e da sombra, em que não é já dia e não é noite ainda, quando apenas magicamente as montanhas fulgem nos cumes, diademadas d'oiro, como as rainhas hieraticas da natureza, emquanto nas vertentes os arvoredos se esfumam, e os planos inferiores se vaporizam em neblinas róxas que lhes da mysterio.

A longada, Florença alastra ao fundo do valle do Arno que sob os arcos das pontes se estira e sinua, verde, irizado, como uma faixa de setim que a cinge, espelhando lá ao longe, por entre a bruma violacea dos choupaes das Cascinas, os ultimos reflexos roseos



LOURENÇO DE MEDICES (*Miguelangelo*)  
(Estatua do seu tumulo)

e sulfureos do crepusculo.

Da massa plana da casaria amarella, esbranquiçada, cinzenta, vermelha, lampejante de claraboias e vidraças candentes,



emergem as silhuetas aerias das torres e cupulas — Santa Croce, San Lorenzo, Santa Maria Novella, Santa Maria dei Fiori com seu domo igual a uma mitra bysantina, o campanario esbelto de Giotto, as ameias e o torreão do Palazzo Vecchio, com seu ar sombrio de fortaleza medieval.

Das egrejas, como um côro de vozes de noviças, sobem os angelus finos dos sinos tintinantes. Marulhos do rio, sons distantes de carros rolando, chegam filtrados pelo ar, em vibrações atenuadas. Antes de adormecer, Florença parece segredar, balbuciar mais docemente, sob o sol que se inclina sobre ella — como o rosto de Pan amoroso.

No alto, o ceu é uma abobada de éther azulissimo que se volatilisa, listrado de lilaz ao occidente, e para o ocaso de grandes manchas ardentes, de labaredas purpureas e alaranjadas.

Cada vez mais a paisagem se atenua, sob a claridade que vai voando parà o alto. Começam as collinas a picar-se de luzes, Bello Sguardo, Monte Oliveto, o Belvedere, com suas muralhas, á esquerda, Fiesole, em frente, sintilante de villas entre olivae, como uma pinha de escamas flamejantes.

Umaz por traz das outras, as ondulações dos Apeninos vão-se degradando em azues alvadios, de mais em mais diluidos, até ás ultimas, lá ao longe, com as cristas rutilando de neve, como se não fossem feitas de rocha, mas de crystal.

Ineffavel psalmo, sonata enebriadora dos effeitos da luz expirante que vae imaterializando esta paysagem de chymera! Como a alma, pairando sobre os montes, mais perto do infinito mysterio, entre a majestade das coisas naturaes, entre o côro universal das fórmaz eternas, se liberta das vulgaridades humanas!...

... Já ao longo do Arno fumegante de nevoa se vae estirando a fieira das luzes, a pouco e pouco, como uma cobra dourada que se desenrosca.

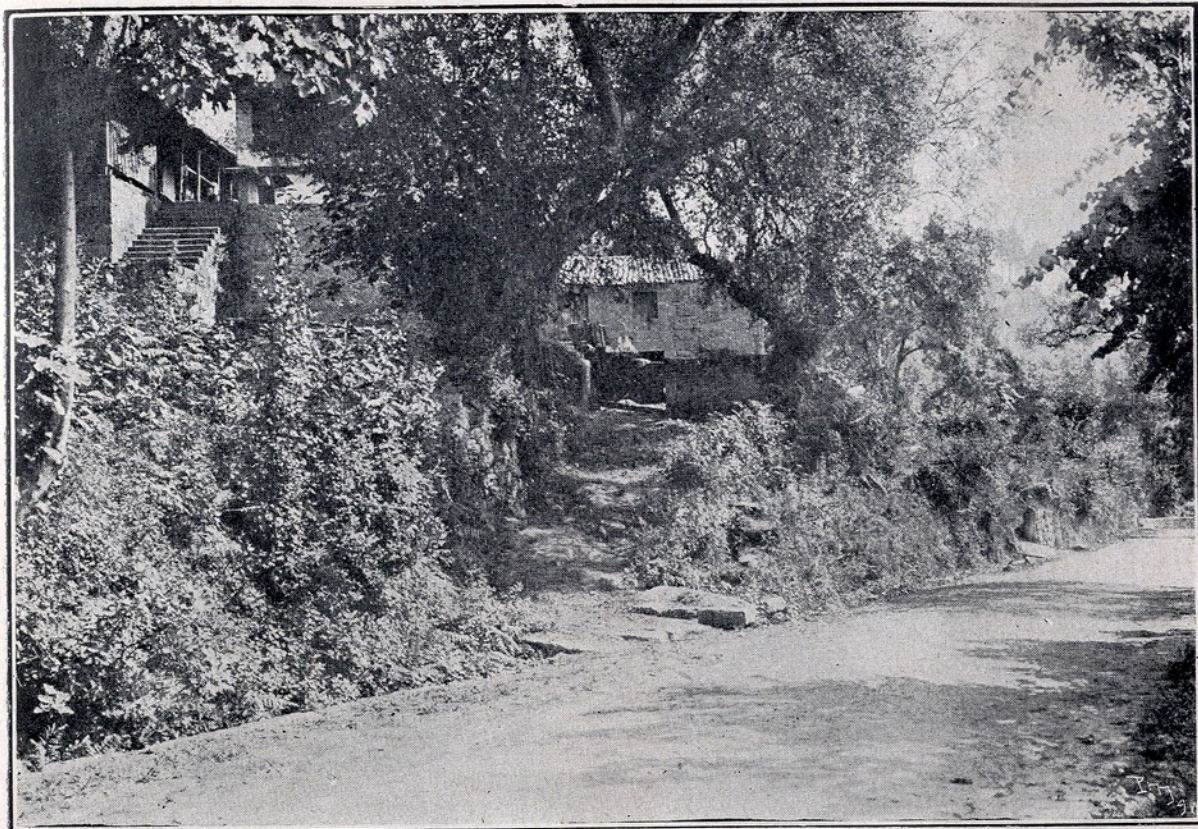
A maravilhosa Ponte Vecchia, toda carregada de casebres multicores, tão velhos que parece vão desabar sobre o rio, a custo sustidos por escoras, como por muletas, está toda salpicada de vidros reluzentes. Corre

o vento dos montes niveos. Um arripio transe o ar que se contrae como a epiderme. Uma immobilidade absoluta extasia a payragem. Como no fundo dos frescos de Andrea del Sarto, os cyprestes destacam com uma finura esguia de pinceladas, lapidados, esculpidos, dir-se-hia, em bronze, sobre o horizonte lumiñoso. Sob os enxames das luzes, Florença, ao fundo, lembra um jardim d'ouro, no meio das collinas diluidas na mancha de sombra unica, em que se não distinguem já as côres e as linhas. E na immensa bruma que emfim dilue, esfuma todos os aspectos, apenas no alto do Vialle dei Colli os perfis das arvores destacam um momento, nitidamente gravadas no céu pelo ultimo reflexo do sol já desaparecido, que emfim se apaga, de repente.

Na vastidão do Piazzale, agora deserto, o vento faz rodopiar em bailados freneticos as folhas seccas e vergar os cyprestes flagelados, com fremitos de sedas rasgadas. Um sino grave começa a tocar a trindades, em San Salvatore del Monte, «la bella villanella» do convento dos franciscanos, a meio caminho da encosta coroada pela fortaleza de S. Miniato, d'onde Miguel Angelo dirigiu, durante onze mezes, a defeza de Florença contra os lansquenets tudescos e os arcabuzeiros hespanhoes do condestavel de Bourbon.

Emergindo dos caos das sombras fluctuando sobre a velha cidade pagã, como a imagem victoriosa do Instincto livre, desafiando os deuses e os destinos, assestando contra todos os gigantes da oppressão e do preconceito a sua pedra de fundibulario, o *David* nú parece clamar os mandamentos do seu irmão moderno, Zarathustra, o pastor das almas novas: — «*Faze o que quizeres, mas sabe querer!... Não acredites nos que te fallam em esperanças sobrenaturaes!... A grande blasphemia, é blasphemar da Terra!*»

E sobre a sua cabeça audaz, no céu immenso, arde a primeira estrella — emquanto o vento parece envolvel-o d'um fremito de estandartes heroicos, d'um côro de vozes clamando a eterna aspiração dos homens, para uma illusão eternamente renascente...



BOM CAMINHO!... (Cliché de José d'Aguilar)

# Os moleiros

(Carta a Manoel de Souza Pinto)

Querido amigo:

Parece que ainda o estou a ver, de sombrinha cinzenta, sorrindo amigavelmente ás faias verdes, e batendo as suas botas inglezas, por aquela estrada de Caneiros, no Estio preterito.

O nosso arrojo tambem ainda agora me admira, cortando em pleno meio dia de agosto caminhos e caminhos de poeira secca, sufocada pela burnaceira atroz do ar pesado e forte. O seu braço, sob aquelas caniculas, agitava instintivamente a sombrinha parada, a qual mais me parecia, de tão inquieta,

um balão veneziano em marcha *aux flambeaux*; e eu, cicerone nas terras verdes e assoalhadas da minha aldeia, batia com vigor e contra as suas guélas de alfacinha, o pó monotono da estrada, nos meus butes de bezerro, cardados.

Não deixando de lhe recordar quanto divagadoramente nos sentimos felizes, revolvendo pela estrada dos pecégueiros e das uvas padeiras a velha historia mutilada dos ligures e dos phenicios, sei dizer-lhe, ainda, que outras recordações me ficaram d'esse dia de estiagem e distracção, as quaes restam sendo perenemente agradaveis ao meu

sentimento de minhoto contemplativo e amigo.

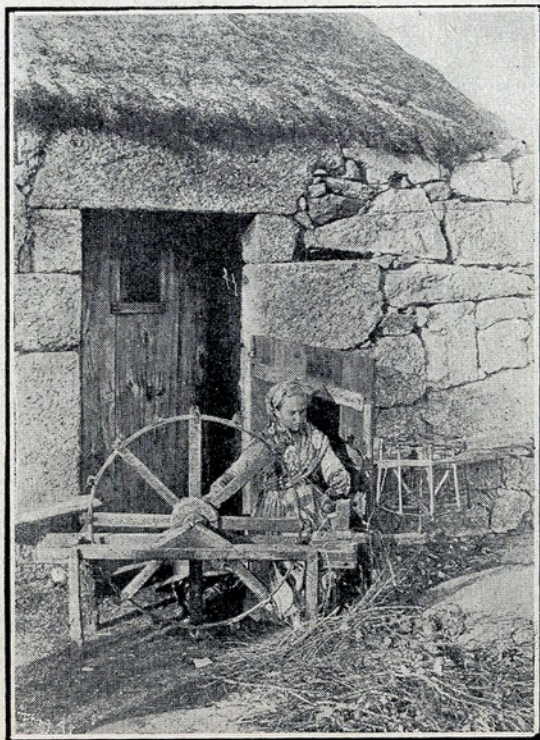
Como me não havia de recordar vel-curvado ao postigo dos tecelões, no caminho da *Conceição de Fôra*, recolhendo para o seu *block-notes* a indumentaria inédita do velho tear de pesos, caseiro. O meu amigo sorria? De mofa não era, por certo, o seu sorriso constante. Antes (e sem duvida) o poderia dizer um sorriso amavel e profundo, despertado por essas revelações, e do facto do seu convívio com rusticos. A denominação pictoresca dos objectos tradicionais, marcada pelo camponez, devia trazer-lhe um pouco de sabor e perfume e graça

deiro que nós eramos, igualmente sentimos prazer e orgulho d'esse pouco de terra escolhida, na qual vimos que o nosso espirito



MILHO A' RAZA

latinas, no vigôr primitivo e fresco d'essa linguagem campreste, tão rudemente feliz. De modo que, contentes, hospede e hospedeira



A DUBADOURA DE ENCHER CANÉLAS

entrou e deliciosamente mergulhou, como num hospitaleiro lago de paz e de frescura!

Bello dia, bello dia, amigo meu! As suas barbas estrangeiras, para cujo *tipo* somente lhe faltava o *kodak*, as polainas e um *waldeck*, a quantos casaes de moças lembraram o *Senhor da Canna Verde*, voltado ao mundo para ir visitar os moleiros das insuas do *Selho*, n'aquela manhã de 21!... As raparigas do rio, com o chapéu de palha derubado e todas abrazadas da estiagem, davam-lhe os bons-dias entre os risos de intrigadas. cobrindo mais no lenço mouro a péle sardenta dos dois seios pesados de crias barrosas; e Manoel, de flôr côr de violeta ao peito, levantava pedantemente as barbas nazarenas, banhava-se nas grandes sombras meigas e rendadas de oiro, que traziam comsigo o aroma doce dos pecegueiros; e continuava caminhando, sereno, a falar do ceu, das areias do rio desesperadas, e d'aquella difusa, secca e fulminante poalha de cinzas vezuvianas, que lá ao longe barravam o craneo rapado das pedreiras e outeiros abandonados á canicula!...

Linguas d'agua, em magnificas ondulações de serpe escamosa de prata e de verduras, coleavam e abandonavam, negligentemente, as raizes disformes dos amieiros, á polpa da corrente.

Sob a camada das folhas verde-oiro, postas nos barrotes vermelhos das latadas em toldo de côr tão fôfo e morno e socegado que as avelhas zumbiam em torno indiscreitamente, os meios cantaros quebrados, sob cachoros de pedra, jorravam para a face da parede uma batega de sangue em cravos mordidos do sol e da aragem quente.

Havia um cheiro pesado e azedado de estrumes, junto da aldrava de cada córte de gado, nos silenciosos eidos das quinta; e logo, subindo as ladeiras onde a tulha vermelha se entoldava de grades ao sol, mêdas, caniços sobre quarteirões de ervilha aromatica, pesadas e folhudas terras de abobora, a doirada carapinha dos castanheiros — como crespas e irtas de uma passagem de verniz, — a rede chineza das folhas dos alperces, as leiras, a ceára, a serra, tudo, como imaginado, se desdobrava em frente, mostrando e arborizando terras á fartura!...

E então, a baixo, num pontilhão romano, — sob cuja corrente cerce aos limos e gorda, os peixes negros e miudos coleavam — nós

da, amarelada e alegre multidão de folhas, que a casa principiava a mostrar a pedra dos seus quatro primeiros degraus de fron-



PÃO NOSSO DE CADA DIA!...



A MENINA DAS MAÇAS ROUBADAS

vimos emfim, extaticos, a Casa do Moleiro!  
— Eil-a no bosque!!!

Era lá adiante, ao fundo de uma renda-

taria, os caixilhos vermelhos das vidraças de que ninguem se lembrava que vidros houvessem tido algum dia, e o telhado derubado em biseira, partido, onde as ervas dos invernos seccavam e se suspendiam como se fossem as barbas ruivas de algum fauno que d'ali tivesse desertado, abandonando toda a tralha da caracterisação.

Do pontilhão á casa, pelos ramos esgalhados das oliveiras (asperas de côr e forma), lançava-se a rêde sensual da vinha, que a toda a parte trépa e sobre todos os outros ramos se esparguiça; fustes verdeclaro de amieiros, ábeira-d'agua, amareleciam e brincavam ao sol; o ceu corria alto,

azul e todo aberto sobre o vergel, como um grande toldo de bazar turco; e sobre os planos verdes de arvoredos, para um córte de paisagem que subia álem, por detraz do moinho, os pinheiraes empoados das encostas ligavam-se uns aos outros, em redor da aldeia, como num grande cinto militar.

— Salve-os Deus!... disse-nos aquelle homem de suissas crespas e brancas, que apertava um cigarro nos dedos grossos, serenamente, como depois das horas do officio.

E dentro em pouco nós subiamos os cinco degraus de pedra, cruzavamos a porta do moinho, ouviamos a *corredoura* roer e correr, monotonamente, e viamos, em redor, que tudo estava escuro, soturno e empoado.

A mim vieram-me lembranças de Daudet e das suas cartas e do seu moinho!... Uma onda de frescura doce e leve, mais grata no seio d'aquellas sombras recolhidas e serenas, tornava brilhante e quasi agreste o quadrado verde e cheio de sol, de vegetação, que se alcançava pela janella.

Apetecia ficar ali!...

— O tempo vae contra a muedura. Agora raro se móve a azenha. Só lá ao nascer é que se amánha um pouco d'água na poça, que, afinal, não arranca mais que dois alqueires...

E o homem sentou-se calado, e a *corre-*

*doura* continuou a triturar, a quebrar, a moer, sob todo o seu peso de grande mó empedrada e empoada.

Eu voltei a pensar no meu caro sr, Daudet e nas suas cartas e no seu moinho memoravel. Assim, a umas sombras, com uma *borracha* gorda e nada que se parecesse com papel ou tinta, deveria imaginar-se, delinear-se e, emfim, crear-se, um grande, sereno e epicurico volume.

Depois quantas paginas nos daria aquella azenha de rusticos, ás margens do Selho, entre cerejeiras e prateados ramos de olival! Mesmo a monotonia da *corredoura*, ro-

dando e rodando—como o burro pachorrento ao redor da nóra — tinha a sua poesia, a sua musica, o seu *estado d'alma* e mesmo um pouco de tragedia, na persistencia do esforço em tempos de tanta estiagem. Dava-nos uma canção feita de evocações, de notas batidas e repetidas, somnolenta, sequiosa, pesada — monotonamente, emfim. E aquelle cavouqueiro do campo, a periscar com fastio e a abandonar sobre os joelhos as mãos grossas de animal

indifferente, na selva, tambem nos enriqueceria o motivo, dado o somno e o desdem que o minavam.

— Bonito, este aspecto!... disse você, Souza Pinto.



O MOINHO DE SECHO (VISTA PARCIAL)

— Acolá álem, poz-se o homem a explicar, é Santa Eulalia. Ali em baixo vae a estrada de Braga... Os senhores conhecem; já por lá passaram...

E de novo as suas mãos cahiram sobre os joelhos e o homem ficou a rever as folhas verde-doirado que se mostravam pelo quadro rôto da janela.

Então, o petiz que pouco antes tinha chegado poz-se-nos a explicar todos os elementos do moinho. Com uma isitacção risonha, de rustico desconfiado, principiou a apontar e a dizer que aquele deposito de forma triangular se chamava *moéga*; a cavilha que a meio da face central regulava o andamento da



OSSOS DO OFFICIO

*mó*, era conhecida como *quitadouro*; a especie de pá de madeira que fendia no extremo a *moéga* e pela qual a farinha cahia, *biqueira*; a haste de madeira que ao lado da biqueira se arrastava sobre a *mó*, *chamadouro*; e a pedra da muedura ou seja aquela grande borôa que em primeiro logar é rolada pela azenha e tritura o pão, *mó* ou *corredoura*. Depois tinhamos as *cambeiras* de pinho, arqueadas, dentro das quaes a *mó* corria; e, finalmente, o *sarilho*, pesado monte de ferraduras velhas, que cahia á lage e despertava uma

campainha sempre que o pão em greiro se tivesse extinguido dentro do deposito triangular da *moéga*.

— Coisas velhas... rosnou o velho, enfasiado, sem tirar os olhos dos taleigos e sacos, cheios, que encostavam aos cantos do moinho fresco, sombrio e enfarinhado.

Viémos á azenha, depois, onde as aguas refer-viam em tumulto á volta do eixo e das *pennas* de madeira, que espadanam!

Uma latá-da de uvas brancas fazia toldo ao quinteiro, esfarrapada a todo o panno pelo sol, e na qual as teias d'aranha lançavam redes pardas e bem urdidadas, de folha para folha verde.

— Prendem-se as

aguas álem, no tabuão; e quando soltas, com ellas rodam as *pennas*, a *rêla*, a *estrella*, o *eixo*, da azenha; e a *mó* principia a correr, lá em cima!... Que tal?...

— Bonito!... Bonito, e adeus!

— Vão com o Senhor.

Voltamos.

Logo adeante, pela volta de cima, de Santa Eulalia, appareceu-nos uma rapariga que trazia da cidade os taleigos de milho, carregados e arroxados no macho galego. Vinha vermelha do sol e do caminho, e rilhava, do avental em sacco, as maçãs su-

*priêgas* de alguma colheita longe das vistas dos caseiros usurarios. Risonha, a moleira passou dando as boas tardes e chamando o macho. E d'ali em diante, seguindo quasi sem palavras, eram as grandes telas do campo alegre, arejadas e animadas, quem melhor do que a historia dos ligures e dos phenicios nos divertiam!

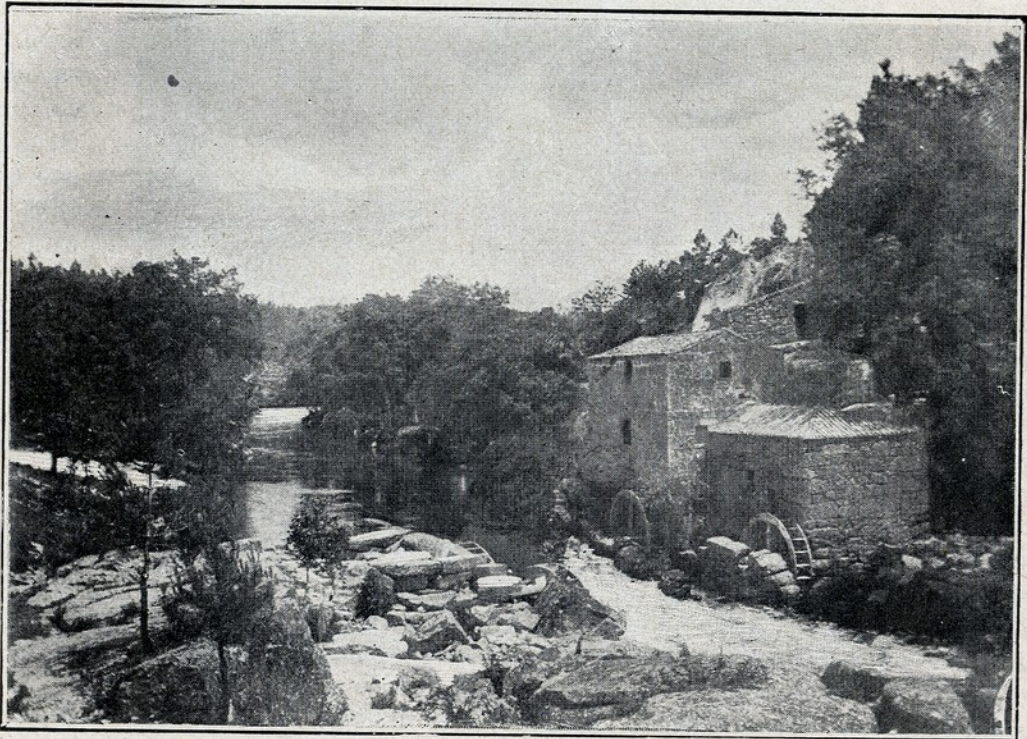
Lembra-se você, Souza Pinto?

Pelos quintaes, á falta de grandes rosas cláras e espigadas de oiro, sorriam-nos e coloriam-se, com a grande réssa ardente da tarde, as dalias-cátus que os brasileiros e os morgados, curiosos, já vão adquirindo. Sobre alguma latáda, perfilado e vestido de azul, apontava-nos um *soldado* de folha. Os teáres dos lavradores arredados dos campos, martelavam infatigavelmente em casas de um só andar, onde as galinhas debicavam

á porta e a céga-réga da dubadoira enchia as canélas de algodão. Não bolia folha verde sob o azul do ceu! De vez em quando ouvia-se, lá distante e quasi rouca, a cantiga desgarrada de alguma lavadeira, a bater as roupas á sombra quente dos olmeiros, n'uma lage de poça. Zumbiam e batiám-nos, como loucos, os bezoiros doirados e perdidos dos pomares. A poeira subia dos nossos pés, crespa, morna, pesada. Ceáras e ceáras, quebradas, já, da sazão, como que mantinham irsurta e ougada a cabelleira côr de oiro tostado. Tudo parava, em redor. Os grilos cantavam cega e impertinente-mente. E o sol parecia que — como um gladiador victorioso — tomava, quieta e esmo-recida nas suas mãos, para uma posse violenta e carnal, a terra toda!

Duas horas!... Todo o calôr!!!!

ALFREDO GUIMARÃES.



AZENHAS NO «AVE»



UM TRECHO DOS GUINDAES

# O Porto

A Eduardo de Noronha



EM este interessante mensa-rio publicado artigos devidos á penna dos nossos mais brilhantes escriptores ácerca de varias cidades e villas portuguezas, destacando-se mesmo

algumas monographias soltas de locaes typicos, edificios e antiguidades portuenses; o que é certo, porém, é que não appareceu ainda noticia alguma especial sobre a *antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto a cidade da Virgem*. Ora é isso justamente, o que vamos tentar fazer e

resumidinho, visto que a monographia da capital do Norte só em grossos volumes poderá ser devidamente tractada.

Segundo se infere de velhos alfarrabios, antes de ser fundado o congado portucaleNSE, existia na margem esquerda do Douro um castello chamado *Calle*, em cujas circumvisinhanças se formou uma pequena povoação que se foi alongando até o formoso Douro, onde fundeavam as varias embarca-

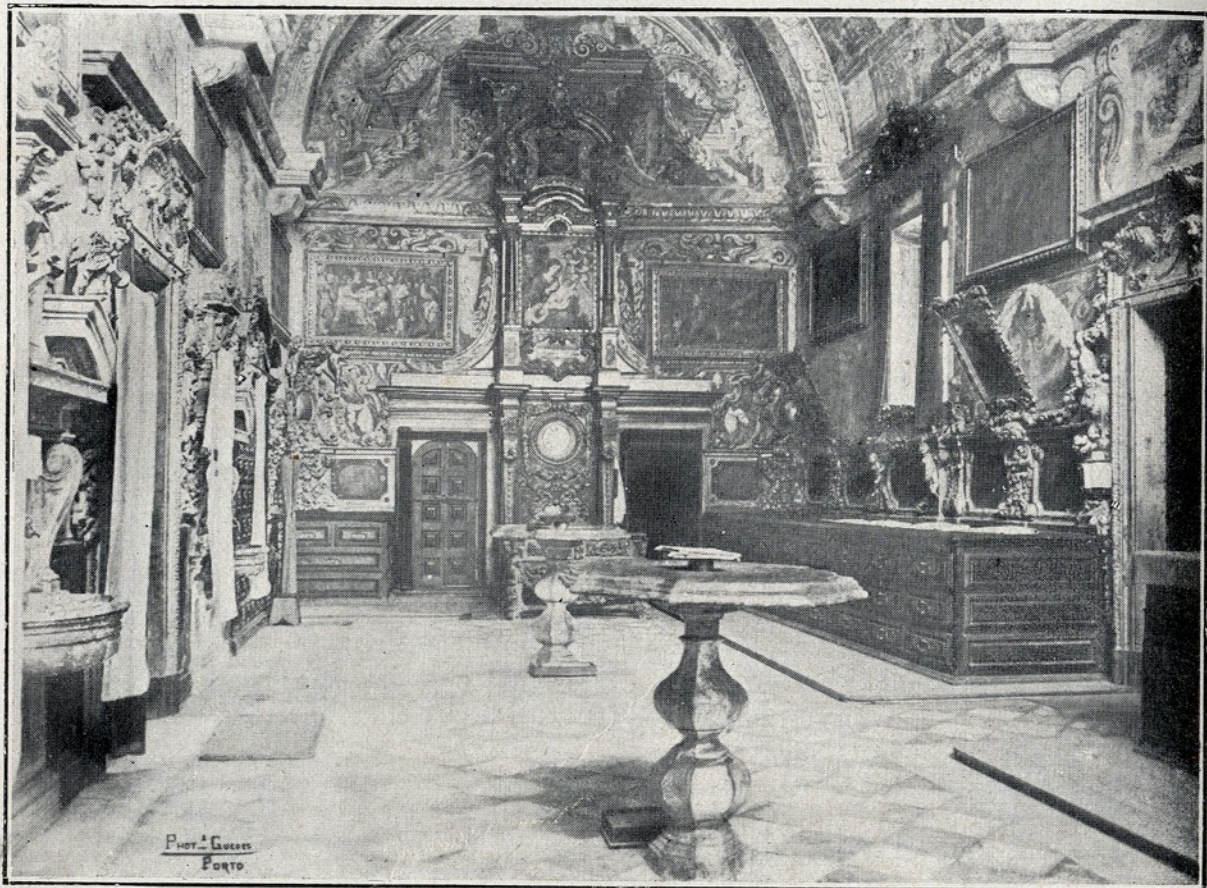


ções que alli iam dar, e por essa circumstancia se lhe deu o nome de *Portu Calle*; na margem fronteira formava-se e desenvolvia-se outra povoação igualmente em torno d'um castello chamado de *Pena-Ventosa*, que é o sitio onde hoje se ergue a Sé. Essa povoação tomou para si o mesmo nome da primeira: *Portu Calle*, e parece ser esta a proveniencia do nome de *Portugal* por que a nação é conhecida. A margem esquerda chama-se agora *Villa Nova de Gaya*, e constitue um lindo arrabalde do Porto — que fica na margem direita — e que tem comunicação directa pela ponte D. Luiz — de dois taboleiros — ou então em caminho de ferro pela ponte Maria Pia.

Até o seculo XII nada se conhece da sua vida historica. Sabe-se apenas que em 937 os arabes derrubaram o castello de Pena-

tes, que pouco a pouco se foram livrando da tutella ecclesiastica. Quando ocorreu a morte de D. Fernando — d'onde advieram as intrigas de Leonor Telles e conde de Andeiro — o Porto adheriu a D. João I que — após a sua subida ao throno — augmentou as regalias aos *Tripeiros*, nome por que vulgarmente são conhecidos os portuenses, attribuindo-se essa alcunha — nada deshonrosa por signal — ao seguinte facto que passa por historico: para abastecer a marinha que se havia organizado para uma das aguerridas expedições do citado soberano, os portuenses mataram todo o gado bovino existente na cidade e arredores, e aproveitaram para sua alimentação apenas os meúdos (*tripas*) de que fizeram um prato que ainda hoje tem fama.

Quando D. Affonso V quiz enfeudar o Porto, os burguezes recalcitraram e não



SALA DE CERIMONIAS DA SÉ DO PORTO

Ventosa e bem assim o burgo que o rodeava. No seculo XII, D. Tareja doou essa cidade ao cardeal D. Hugo que, por seu turno, concedeu foral, em 1173, aos seus habitan-

houve remedio senão manterem-se-lhes as anteriores regalias.

Mais tarde — quando D. Manuel quiz reformar os foraes das cidades e villas, cor-

tando-lhes as franquias populares — o Porto foi honrosamente poupado, ficando com as mesmas regalias, se bem que augmentadas.

Quando D. José creou — em 1750 — a

Eis em quatro traços a noticia dos factos historicos que mais renome deram á formosa cidade do Porto.

Vamos agora passar uma rapida vista aos



RUAS DE S. JOÃO E MERCADORES

lei da monopolisação dos vinhos do Alto-Douro — questão que durou vinte annos — os portuenses repelliram tal attentado á liberdade economica do paiz. Ao tempo de reinar D. Maria I, foi a *invicta* que deu o exemplo da creação de uma junta de Defesa Nacional, a quando da invasão franceza.

Foi tambem n'essa nobre cidade que Fernandes Thomaz iniciou o celebre movimento de 24 de Agosto de 1820.

D'ahi por diante, o que tem havido de factos historicos n'essa cidade — que sempre constituiu um baluarte de liberdade — toda a gente o sabe, parecendo-nos ocioso dar mais algumas notas, salvo a de relembrar que foi tambem no Porto que se realisou o movimento revolucionario de 31 de Janeiro de 1891, que, por então, fracassou.

monumentos, edificios e jardins mais importantes d'essa linda terra essencialmente commercial e industrial — que é tida — e sem contestação alguma merece essa honra — como uma das mais lindas cidades de Portugal, não só pela sua boa situação topographica, como ainda pela belleza dos arrabaldes que possui e que em nada se parecem com os de Lisboa, em geral áridos e escalvados.

\* \* \*

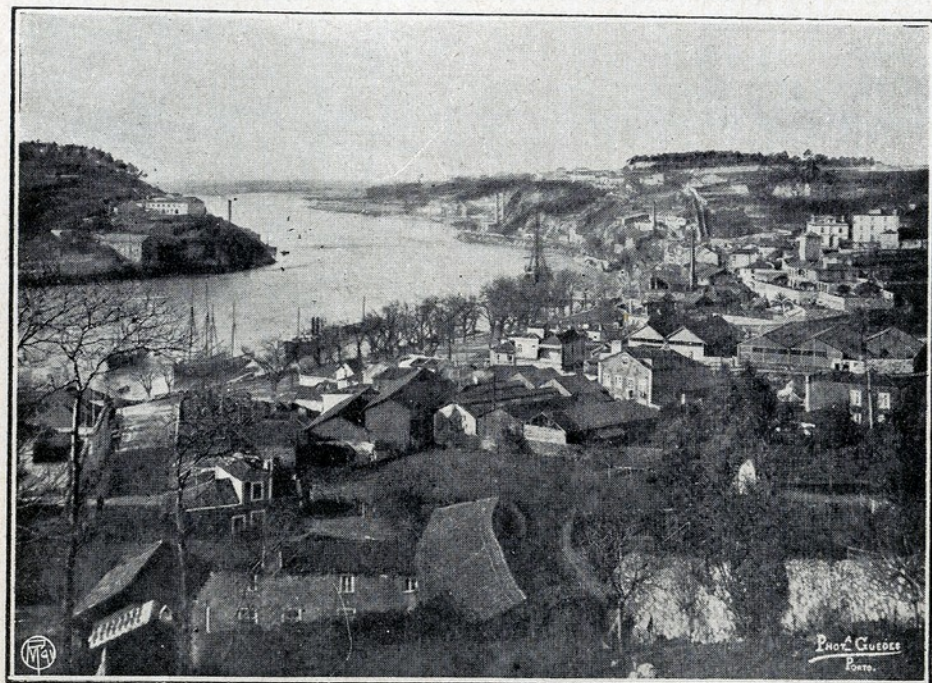
A praça de D. Pedro — antiga das Hortas, por haver sido traçada sobre o primitivo local assim denominado — mais vulgarmente conhecida por *Praça Nova* — é a mais bonita do Porto, lembrando — pelo empedrado — o nosso Rocío. Ao centro ergue-se a

estatua equestre de D. Pedro IV, que tem no pedestal dois magnificos baixo-relevos representando um d'elles a entrega da bandeira bordada por D. Maria II ao batalhão

Nicolau Mazoni. Vê-se de todos os pontos da cidade e pôde visitar-se — mediante pequena gorgeta ao sineiro; — é toda em cantaria e tem 8 campanarios com os respectivos sinos.

Da varanda — em columnas de pedra — desfructa-se em toda a volta um soberbo panorama.

N'uma esplanada, a algumas dezenas de metros dos Clerigos, ergue-se o soberbo Hospital da Misericordia, que principiou a construir-se em 1770. E' um magestoso edificio de tres andares, com muitos salões, grandissimo numero de enfermarias e tres mil degraus. As paredes-mestras têm — em alguns pontos — a



VISTA DA BARRA, TOMADA DO PALACIO

voluntario da rainha, e o outro a entrega do coração do dador da Carta Constitucional. A estatua é de bronze, cinzelada por Calmels e foi fundida em Bruxellas. O palacio da Camara Municipal — que lhe fica ao norte — é um edificio simples, realçado apenas pela figura tósca, collocada no tympano, representando um guerreiro empunhando uma lança e escudo com as armas e que symbolisa a cidade. Diga-se de passagem que o cartorio da Camara do Porto é valiosissimo e encerra documentos que datam de 1390.

Ao sul da praça, começa a subir, para a direita, a calçada dos Clerigos, avistando-se ao topo a igreja que lhe dá o nome e se torna notavel pela sua situação no centro da cidade e pela elevada torre que se vê a grande distancia, servindo até de phanal aos mareantes que a avistam a 60 kilometros. E' muito elegante esta torre e mede 75 metros d'altura. O edificio começou a construir-se em 1732 e a torre em 1748, ficando prompta em 1762, tendo sido executada sob a direcção do architecto italiano

espessura de onze metros. A invocação de Sancto Antonio que lhe foi dada, é devida a um caso curioso, consoante refere o *Diccionario Popular*, de Pinheiro Chagas, de onde respigamos algumas notas para a factura d'esta breve resenha de edificios, e que passamos a referir: A mesa da Sancta Casa reuniu em 15 de junho de 1770 para resolver qual fosse o padroeiro d'este hospital; uns optavam por que fossem S. José, S. João de Deus e outros por Sancto Antonio. Sendo impossivel accordar-se n'uma opinião tão desencontrada, procedeu-se á votação e saíu eleito Sancto Antonio. O provedor, porém, que se chamava D. Antonio de Lencastre, objectou que poderia dar-se essa eleição como combinada vista a homonymidade sua e de mais alguns mesarios e aconselhou a que se fizesse nova eleição. Realizado novo escrutinio, saíu outra vez eleito Sancto Antonio, e assim se ficou chamando essa instituição.

O convento do Carmo — que fica situado na praça de Carlos Alberto, um pouco áquem do Hospital da Misericordia — foi creado em

1619 a expensas da Camara e da cidade, e pertenceu aos frades carmelitas, acabando de construir-se em 1628. E' n'este edificio que está installado o hospital da Ordem Terceira.

O palacio de Crystal é uma das obras modernas mais importantes do Porto. Lançada a primeira pedra em 1861, no formosissimo local da Torre da Marca, d'onde se gosa uma vista deslumbrante, foi feito pelo risco do architecto inglez Schields e dirigido pelo architecto portuguez Gonçalves e Sousa. O edificio mede cento e dez metros de comprimento e setenta e dois metros e trinta e quatro centímetros de largura, tendo a cupula, de crystal, no ponto mais alto, dezoito metros e noventa. Possui quatro fachadas, e entrando a fachada principal — onde se lê a palavra *Progredior*, lemma d'aquelle edificio — vê-se, á esquerda, o theatro Gil Vicente. Os jardins são lindos, aformoseados ainda pelo lago e suas grutas que dão um aspecto feerico a essa estancia; é n'esses jardins que fica a capella de Carlos Alberto; ainda n'esse parque existe uma curiosa, posto que resumida, collecção do animaes vivos.

A igreja de Cedofeita é o monumento mais antigo da cidade. Foi fundado em 559, por Theodomiro, rei dos Suevos, sob a invocação de S. Martinho de Tours. Ha em volta d'esta igreja uma lenda que, por curiosa, não deixamos de a referir: este monarcha, tendo um filho muito enfermo, submetteu-se ao catholicismo, mandando a França uma embaixada para trazer as reliquias d'esse sancto, com quem tinha a maior fé, e n'essa occasião fez construir a basilica para as receber, e tão depressa foi feita que lhe pôz o nome

de *Cito-facta* (Cedo-feita). E' um edificio de tosca architectura gothica.

Digno tambem de vêr-se é o jardim da Cordoaria, um dos mais arborizados passeios publicos da capital do Norte, embora fique collocado entre tres fôcos pouco agradaveis: a cadeia da Relação, o mercado do peixe e o hospital da Misericordia. Dentro d'esse jardim foi erigido um modesto monumento a um distincto filho do Porto: Marques Loureiro, um grande floricultor; é obra de Teixeira Lopes, o notavel esculptor de quem teremos o prazer de falar no fim d'este artigo, quando nos referirmos a alguma coisa d'arte. No socalco do monumento, vê-se um busto do propugnador da horticultura, e em cima uma figura de camponeza — *A Flora* — com um mólho de plantas na mão.

A cadeia da Relação — que fica á esquerda d'este passeio — é um grande e desengraçado edificio construido por D. Filippe II, de Hespanha, em 1583, a instancias das Côrtes de Thomar, sendo demolida por João d'Almada e Mello que, em 1765, a mandou reconstruir. Num dos seus quartos, escreveu



PALACIO DE CRISTAL

Camilo as *Memorias de Carcere*.

Mas o edificio mais sumptuoso do Porto é o palacio da Bolsa, mandado construir em 1841 pela Associação Commercial sobre as

ruínas do convento de S. Francisco. Tem uma soberba escadaria e dois salões: o nobre e o de recepção, que é d'um gósto luxuoso requintadamente artistico. Para melhores e mais detalhados pormenores veja-se os artigos de João d'Oliveira Ramos e Joaquim de Vasconcellos na *Arte e a Natureza em Portugal*, em que se refere á igreja de S. Francisco e á estatua do infante D. Henrique, e que por esse motivo nos abstermos de referir aqui.

A igreja dos Congregados — que fica ao fundo da rua de Sancto Antonio e perto da Praça Nova — data de 1680, epocha em que foi introduzida no Porto a Ordem dos Congregados de S. Philippe Nery. Ficava outr'ora extra-muros da cidade; a igreja de Sancto Ildefonso — ao cimo da citada rua — encerra bellos ornatos, bons altares e tem a celebri-

sál-a as escadas, com suas setteiras, d'onde a guarda municipal, entrincheirada, fazia fogo sobre os revoltosos do 31 de Janeiro de 1891.

Caminhando para a direita, encontra-se a praça da Batalha — um largo muito arborizado — onde se ergue um singelo monumento a D. Pedro V, mandado erigir pelo operariado. Foi executado pelo velho e falecido escultor portuense Teixeira Lopes.

Dirigindo-nos para o lado de S. Lazaro, depara-se-nos um lindo jardim — e perto um

largo terreiro em que costuma realizar-se a feira de S. Lazaro. Ao norte do jardim vê-se a Bibliotheca Publica, um edificio enorme, primitivamente o convento de Sancto Antonio da Cidade; é mais ampla do que a de Lisboa. Para mais indicações, leia-se o precioso artigo de José Pereira de Sampaio (*Bruno*) — o erudito director d'esse estabelecimento scientifico — inserto nos n.<sup>os</sup> 16 a

18 e 20 da 2.<sup>a</sup> série d'esta interessante revista.

A ponte D. Luiz — que dá accesso a Villa Nova de Gaya — foi construída em 1881, sob a direcção de A. Maury, sendo o projecto actual de Th. Séyrig que tambem coadjuvou G. Eiffel no projecto da de Maria Pia. Teve um outro projecto, devido ao falecido general João José de Mattos. E' elegante, espaçosa e d'ella se abrange a vista de toda a cidade até á foz do rio Douro; a ponte Maria Pia é



EGREJA DA TRINDADE

mais antiga, pois foi inaugurada em 1877, sendo a sua construção feita sob delineamento e direcção do celebre engenheiro francez Gerardo Eiffel, o que deu o nome á notavel torre de Paris. Tem cêrca de quatrocentos metros de comprimento, é construída n'um só arco e destina-se á passagem dos comboios do Sul.

Ainda uma das obras mais dignas do Porto e que merece ser visitada é o celebre Hospital dos Alienados, que mais tarde to-

mou o nome do seu principal instituidor, o benemerito Joaquim Ferreira dos Santos, mais tarde Conde de Ferreira, que — por sua morte — lhe legou duzentos contos. Está installado no largo da Cruz das Regateiras, ao Costa Cabral, proximo a Paranhos. Os directores têm sido — entre outros, cujos nomes de momento nos não occorrem — o dr. Antonio Maria de Sena e dr. Julio de Mattos, que ainda exerce essas funcções.

O Porto possui dois importantes cemiterios: o de Agramonte — proximo á Boa-Vista — e o do Prado do Repouso — juncto a Campanhan. N'esses logares de respeito — verdadeiros jardins dos mortos — vêem-se alguns tumulos de merecimento, destacando-se: no do Prado do Repouso, o monumento aos vencidos de 31 de Janeiro; e no de Agra-



EGREJAS DO CARMO E CARMELITAS

monte, o erigido ao Conde de Ferreira e o que foi consagrado ás victimas do incendio do theatro Baquet.

Não nos davamos por satisfeitos se não fchassemos este resumido artigo com a indicação de uma visita que todo aquelle que vá ao Porto não deve deixar de fazer, e bem assim indicar alguns dos estabelecimentos artisticos e commerciaes que o Porto possui e que

merecem menção especial. Principie-mos por atravessar a ponte D. Luiz, para visitar o museu de arte — a casa de trabalho dos grandes artistas Teixeira Lopes, ao topo das Devezas, em Gaya. Essa casa de trabalho, cujo aspecto exterior é bello, e que encerra verdadeiros primores d'arte, é de construção muito original e mesmo rica para artista portuguez, e foi delineada por José Teixeira Lopes, ir-



PONTE DE D. LUIZ E CAES DA RIBEIRA

mão do celebre estatuário. Por uma larga porta, de magnifico desenho, penetra-se n'uma grande sala, que — segundo Gandarella, a cujo artigo nos reportamos para fazer referencia a estes dois extraordinarios artistas — se poderia chamar *sala dos modelos velhos*, mobilada com preciosos e velhos moveis e decorada a faianças, tapetes, quadros antigos e, principalmente, *maquettes* das valiosas obras de Antonio Teixeira Lo-

uma bella figura da Caridade; o baptisterio da Sé e uma estatua de D. Pedro V, em Braga.

José Teixeira Lopes — além de ter delineado — como dissémos — a sua casa de trabalho, teve tambem excellente collaboração na *maquette* da porta da igreja da Candelaria, no Rio de Janeiro, e outras obras primoras que nos não recordam; crémos, porém, que mais tem produzido Antonio Tei-



PONTE DE FERRO D. MARIA PIA

pes, os gessos da *Viuva*, da *Rainha Sancta* e de varios bustos encantadores. Pegada a essa, n'outra grande casa, trabalha o artista e em cima, n'um andar um pouco recuado, ficam as salas destinadas á bibliotheca e iconographia, e gabinete do artista. Da casa de trabalho passa-se, por uma especie de quinteiro com um telheiro, para a casa de moradia dos Teixeira Lopes — casa d'uma encantadora apparencia rustica. Teixeira Lopes, pae, deixou cousas primoras, como um *Christo* em bronze; o tumulo da familia Campeão, no Repouso, onde tambem se vê

xeira Lopes que — além da *Viuva*, da *Rainha Sancta*, de um busto da *Republica*, da estatua a Eça de Queiroz, no Largo do Quintella, aqui em Lisboa — tem a *Historia*, que figura no tumulo de Oliveira Martins, *Caridade*, *Caim*, *Sancto Izidro*, e tantas obras-primas que não as podemos mencionar todas.

Cabe agora a vez de — para fecho — indicar algumas casas importantes no Porto e que merecem visita especial: as photographias Biel, na rua Formosa, e Guedes, na rua de Sancta Catharina, propriedade do nosso querido

amigo e distincto escriptor Guedes d'Oliveira, a quem devemos a amavel cedencia de algumas das photographias que illustam o nosso despretencioso artigo; a fabrica de camisas *Confiança*, de Antonio R. Cunha, na rua de Sancta Catharina e que tem agora em Lisboa uma succursal na rua Augusta installada n'um magnifico edificio; a filial dos Armazens do Chiado, na praça dos Voluntarios da Rainha; e, no genero litterario, o lindo edificio manuelino em que está mon-

tada a Livraria Lello, nos Carmelitas, ao topo da calçada dos Clerigos.

E por aqui nos quedamos hoje, deixando para artigo de maior folego o que ácêrca da linda capital do Norte se poderá dizer ainda e que — desenvolvida, como se pôde e deve escrever — daría margem a longos estudos.

X — VIII — CMX.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

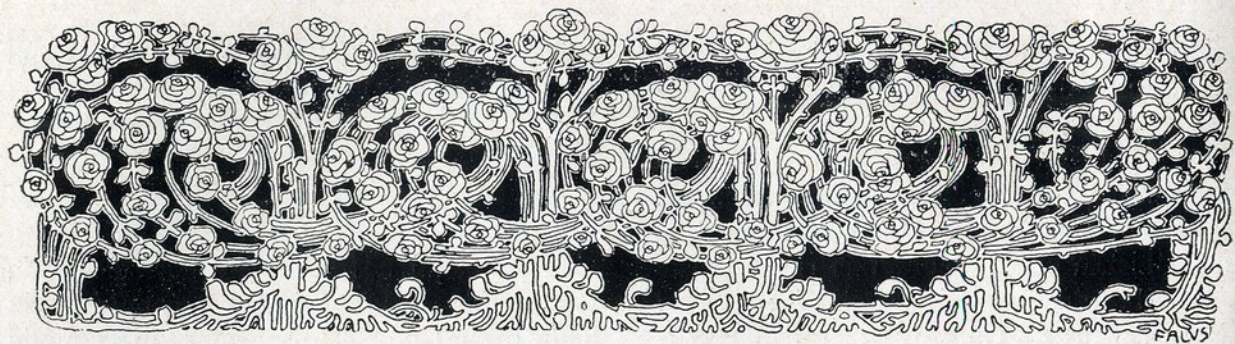


### Arte portugêsa



SILVA PORTO — NA ARRIBANA





# Visão de Deus

## A minha mulher

*Brumas ao longe... Sementeiras feitas...  
Névoa sobre os pinhaes, de mãos erguidas...  
— E as sementeiras falam de colheitas,  
— Nas leivas, a sonhar, germinam vidas.*

*Olho a paisagem com meus olhos vagos,  
Ondeaantes de névoa, sonho, e scismo...  
— Ergue-se a alma, em candidos afágos,  
— Como névoas á beira dum abismo.*

*Olho e sonho, no meu deslumbramento  
Extasiado, — e pérco-me sentindo,  
N'uma ascensão p'ra Deus, meu sentimento  
Em oração de névoa aos céus subindo...*

*E em mim mesmo renasce o antigo culto,  
Em minh'alma na doce claridade,  
Passa o inefavel, piedoso vulto  
De uma oculta distante divindade.*

*Neste silencio, altissimo e profundo,  
Em que o ruido sonha e adormece,  
Como um sol novo sobre um novo mundo,  
Uma visão de Deus sobre mim desce.*

*E em mim, sobre a paisagem reflectida  
Em meu Amor, num comovido abraço,  
Sinto Deus na visão da minha vida,  
E a minha vida emflora todo o espaço!*

*Como n'um coração que resumisse  
Toda a Beleza em si, num grande Amor,  
E em Amor se nos dêsse, e nos cingisse  
No seu rejaço immenso todo em flôr,*

*Minha Alma sonha, ondeia na paisagem,  
E' silencio e perfume e névoa, assim  
Como tudo o que eu sinto é pura imagem  
Do meu perfeito Amor resando em mim.*

*Sinto a piedosa, a intima bondade  
Das coisas ao redor, numa ascensão...  
E o coração da terra é claridade  
A iluminar de Amor meu coração...*

*Nesta piedade que me exalta e é  
Piedade nas coisas, luz nos ceus,  
E Beleza e Amor, visão e fé,  
E comoção e pranto, eu sinto Deus!...*

*Ergue-se em minha Alma revelando,  
Num momento de assombro, a sua essencia  
E deslumbra e comove dilatando  
A Alma além das trévas da apparencia...*

*E sinto Deus em mim, sentindo a Alma  
Harmoniosa e intima de tudo...  
— Erguem-se cantos sobre a terra calma,  
— Extatico de Amor, sonha o ceu mudo...*

*Sinto Deus e sorrio... Em meu sorrir  
Entreabre a Alma as pétalas do pranto,  
E na visão de Amor do meu sentir  
Tudo é divino e amoroso e santo...*

*Deste mirante aonde Deus se sente  
E a nossa alma se repouisa em Deus,  
Viste a paisagem, piedosamente,  
Com teus olhos de Amor. Irmãos dos meus.*

E a tua voz de prece, enternecida,  
Que tem silêncios p'ra dizer melhor,  
A Beleza indizível desta Vida,  
E os mistérios sagrados deste Amor,

Tua voz pequenina, em oração,  
Disse o que o teu sentir melhor sentia,  
E os olhos da tua comoção  
Viam melhor que a tua vista via...

Minha Mãesinha, meu Amor... Assim  
Esta paisagem me diz tanto agora,  
E se revêla Deus e se ergue em mim  
Sua visão de Amor branca de aurora.

O caminho do Amor, que bom caminhó!..  
A que alturas supremas nos eleva,  
Que bom olhar no olhar do mais ceguinho,  
Que dilúvios de luz na maior trêva!..

Sentir a Deus, sentir, extasiado,  
Teu olhar de Alma a reflectir o meu,  
Olhar e ver o ceu todo estrelado,  
Sentindo dentro de Alma o proprio ceu...

Avistar Deus no nosso Amor. senti-lo  
Para além da apparencia, em mais verdade,  
Num horisonte ideal, claro e tranqüilo,  
De névoa incerta e doce claridade...

Sentir a Deus levando-te nos braços  
E as lagrimas nos olhos, e a ternura  
Da tua alma a florir nossos abraços,  
E meu pranto a florir em formozura...

Meu Amor e meu Deus! Visão perfeita  
Do nosso Amor em corpo florescida,  
Alma livre da fôrma que a sujeita,  
Fôrma a viver mais elevada Vida..

Se olho os teus olhos fico-me scismando...  
E meu o scismar é névoa que se ezala,  
Da tua Alma em teu olhar resando,  
E a sorrir, a resar na tua fala...

Névoa que mostra Deus e que deslumbra  
Meu ser divino escravo da apparencia,  
Luz ideal de ternura e de penumbra,  
E de Amor e visão e transcendencia.

E' bela, meu Amor, porque te vejo  
Com meus intimos olhos deslumbrados,  
Não com meus olhos cegos de desejo,  
A' iluzão e á apparencia acostumados.

E's bela, meu Amor!... Tua Beleza  
Vejo-a sentindo a tua Alma... Assim  
Como sinto perfeita a Natureza  
Animizada, emocionada em mim!

Ancias de polen tateando ramos  
Numa cegueira, procurando a flôr,  
Tambem nós, meu Amor, nos procurámos,  
Para sentirmos Deus no nosso Amor!

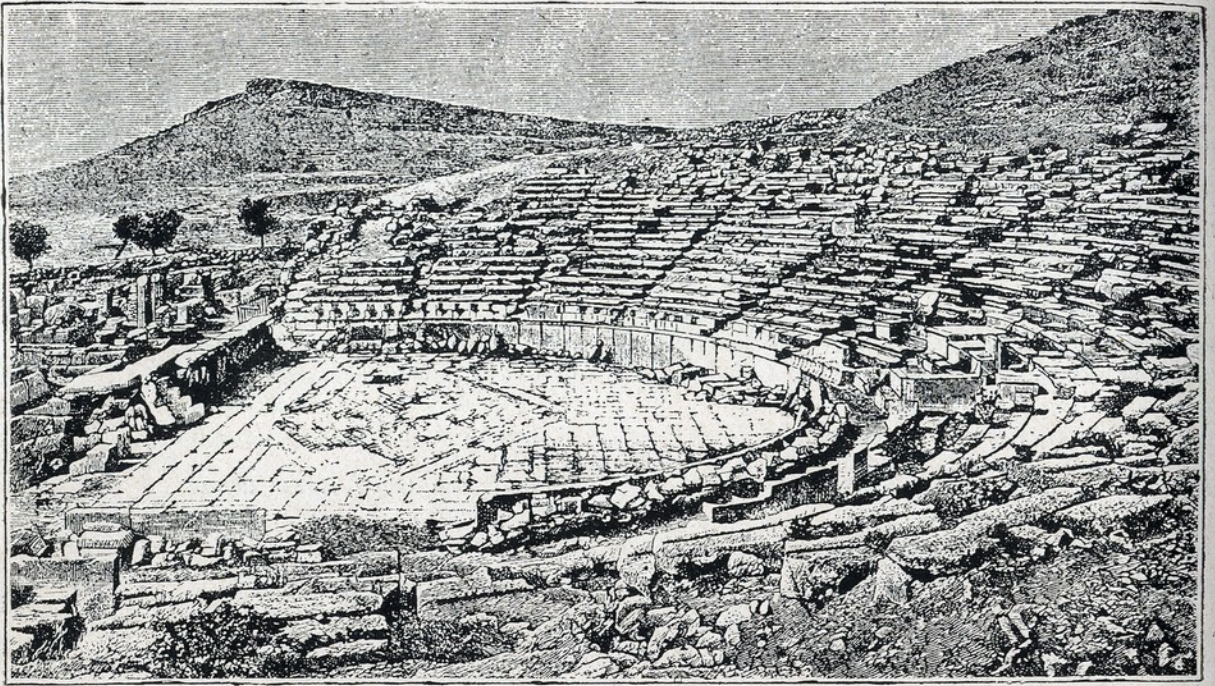
Quero-te como o Sol deseja ás flores,  
E a madrugada ao Sol, e a noite ao dia,  
Como a alegria pura quér ás dôres,  
E o pranto que sorrí quér á alegria!

Quero-te, meu Amor, porque tê amava  
Bem antes do momento em que te vi,  
Por este Amor que em mim se levantava,  
Desde o principio, em oração, p'ra ti!...

Amo-te meu Amor, — como a luz ama  
O seio imenso e maternal dos céus!  
— Amo-te como a alma, a névoa, a chama,  
— E a luz, e o Amor, e o Bem se amam em Deus!...

AUGUSTO CASIMIRO.





THEATRO DE DIONISOS EM ATENAS

# O theatro da Natureza

(Revivescencias do antigo)



MIUDADAS vezes as necessidades modernas da Arte e dos costumes, recorrem ás antigas usanças tradicionaes cuja memoria se perpetuou até nós pelas ruinas dos velhos edificios, e d'este modo revivem usos perdidos havia muitos seculos, operando-se uma verdadeira reconstituição archeologica.

E' este phenomeno de revivescencia que ao presente se está observando, pelo que respeita os theatros.

Uma corrente forte se vai formando,

principalmente nos paizes do sul, movida pela necessidade hygienica, social e artistica de mudar as condições dos espectaculos actuaes.

Em vez de se exhibirem em salas acanhadas, quentes anti-hygienicas e perigosas, a arte e a poesia acharão melhor scenario nas collinas e nos valles, onde a natureza a todos faculta os seus adornos naturaes, a pureza do ceu, a folhagem tremula das plantas, as nuvens, o vento, os campos e as praias,

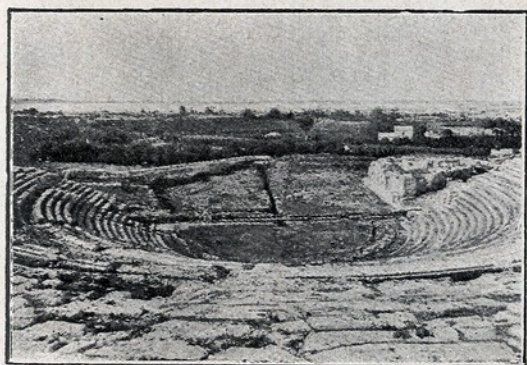
Volvemos pois á fôrma primitiva dos theatros da antiga Grecia, como os de Athenas e de Syracusa, como o de Taormina, restau-

rados e aproveitados pelos romanos, onde a multidão de dezenas de milhares de espectadores presenciavam o espectáculo, numa confraternidade democratica, naquelles imensos amphitheatros situados nas encostas de collinas coroadas de oliveiras, tendo em face a vastidão azul do mar.

Ainda hoje se encontram em muitos lugares da Europa as ruínas destes vastos amphitheatros, restos gloriosos das antigas civilizações grega e romana. De todas estas ruínas, as do antiquissimo theatro de Taormina, na Sicilia, são as que mais inteiramente nos revelam a fórmula original e as particularidades especiaes de tão curiosas construções.

Edificado ha cerca de 23 seculos na encosta septentrional do monte Tauro, é um vasto *auditorium* circular de bancadas em degraus, defrontando com o grandioso e indescriptivel panorama do mar Jonico, da costa oriental da Sicilia, e do monte Etna. Tem 336 pés de diametro; era todo forrado de marmores, muitos dos quaes os duques de Santo Estefano aproveitaram depois no seu palacio, espoliando vandalicamente aquellas veneraveis ruínas.

Ampliaram e restauraram os romanos a velha construção grega, já grandemente arruinada, mas a restauração ficou muito longe da majestade e bom gosto da decoração grega. O palco é a parte mais impor-

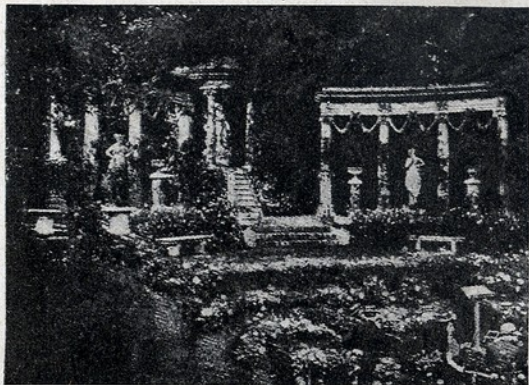


THEATRO GREGO DE SIRACUSA

tante que hoje resta do theatro, conservando-se intacto o plano fundamental do grandioso edificio. As ruínas dos theatros de Siracusa, de Segesta e de Taormina, completam-se de modo que o conjuncto dellas dá a idéa perfeita do theatro grego.

Em Taormina vê-se o grande portico com columnas, tendo nas paredes os nichos para as estatuas dos deuses e dos heroes.

Os actores representavam deante deste portico, num proscenio que ia até á orchestra, tendo duas portas lateraes commu-



O THEATRO DAS ROSAS

nicando por corredores com os camarins. No tempo dos romanos o theatro, augmentado com duas grandiosas galerias, comportava 40:000 espectadores.

Um viajante e escriptor illustre, contando a sua visita a estas ruínas, diz-nos que ante aquella obra de genio artistico e poetico da civilização grega, ficou subjugado e reconheceu a inferioridade artistica do famoso Colyseu de Roma, monumento estuendo da força bruta dos vencedores do mundo.

Alli em Taormina encanta a inspiração artistica, a calma e pura influencia de uma estirpe de homens, que acima de tudo pré-gava a arte e adorava a belleza. Do theatro grego disfructava-se o suave esplendor do mar, o maravilhoso scenario da costa, do Etna coroadado de fumo, e alli Eschylo, Sophocles, Euripides e Aristofanes receberam durante seculos o tributo das lagrimas e do riso, dominando multidões enormes.

Assim declara as suas impressões o illustre viajante inglez W. Paton, deslumbrado pela magnificencia e indizivel belleza das ruínas, da vista panoramica que se desenrolava deante d'elle, debaixo do azul limpido e maravilhoso da Sicilia!

Renasce hoje, transcorridos tantos seculos, como idéa nova, a idéa dos *theatros ao ar livre* e *Theatros da Natureza*. Esta

idéa não é mais do que a revivescencia archeologica do theatro grego e das antigas representações medievas, em que se exhibiam os *mysterios* e os *autos* nas cathedraes e nos tablados erguidos nas praças, por occasião de festejos publicos.

Assim na igreja ou capella do Hospital Real de Todos os Santos, de Lisboa, ao Rocio, representava-se em 1518, pelas matinas do Natal, perante a rainha D. Leonor, o *Auto da barca do Purgatorio*, de Gil Vicente, e annos depois, em 1521, pelas festas da solemne entrada da rainha em Lisboa, era o mesmo Gil Vicente encarregado de mandar levantar os *catafalcos*, nas ruas, para n'elles se representarem *autos* de sua composição.

Só mais tarde se realizaram os espectaculos dramaticos nos famosos *Pateos das Comedias*, no *Pateo das Arcas* e nos theatros do Bairro Alto.

Os espectaculos nos logares publicos, apenas cobertos por um toldo, faziam-se de

d'estes espectaculos antigos nas ruas e nas praças, nos palcos em que, na pittoresca Coimbra e suas cercanias, se exhibem pelas populares festas do São João, as encantadoras *fogueiras*, nas quaes dá largas ao seu estro a musa popular, ora sentida e triste, ora faceta e ladina, como a musa velha do sempre inimitavel Gil Vicente.

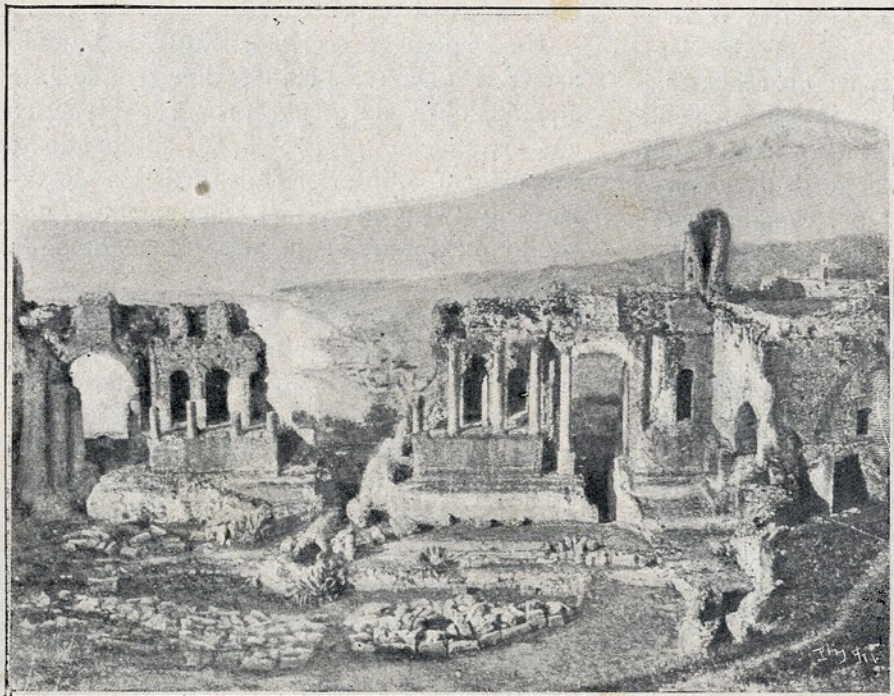
Os modernos theatros populares tiveram inicio recente em França, pela ressurreição do theatro romano de Orange, devida ao zêlo de Paul Mariéton e de Mounet-Sully. Alli se representou em 1888, pela primeira vez, o *Edipo-rei*, seguindo-se-lhe uma serie de tragedias antigas, nas quaes todos os annos os actores exhibem perante numerozo publico, debaixo do ceu luminoso da Provença, o *cothurno* e o *peplum* dos antigos.

Annos depois, em 1895, um novo apostolo, M. Maurice Pottecher, creou o theatro popular em *Bussang*, perto da fronteira alsaciana, onde se representaram com enorme exito diversos dramas simples, rusticos, pu-

rificantes, em que a arte, longe de se manifestar encerrada em salas estreitas, n'uma atmosphaera mephitica, sob o imminente perigo de pavorosos incendios, e analysando casos sordidos de adulterio e de crime, desabrocha e se purifica n'um ambiente largo, perante a multidão sadia, e o aspecto sincero e grandioso da natureza.

O apostolo de Bussang foi ouvido com agrado; por toda a parte se improvisam theatros ao ar livre, em Gérardmer, em la

Mothe-Sainte-Herave, no Poitou; em Plonjean, na Bretanha, em Paris mesmo, o theatro de Verdura do Pré-Catalan; e semelhantemente á tentativa de Orange, em



THEATRO GREGO DE TAORMINA

dia, havendo a platéa ou *popularia* para o povo e os *palanques* e *tribunas* para a côrte e para a nobreza.

Ainda hoje temos uma reminescencia

muitas cidades da França, em Ardes, Champigny, Nîmes, Luchon, Béziers, se procuraram utilizar as velhas ruínas romanas, ainda melhor ou peor conservadas, ou se aproveitaram simplesmente quaesquer sitios proprios para a representação das velhas tragedias classicas.

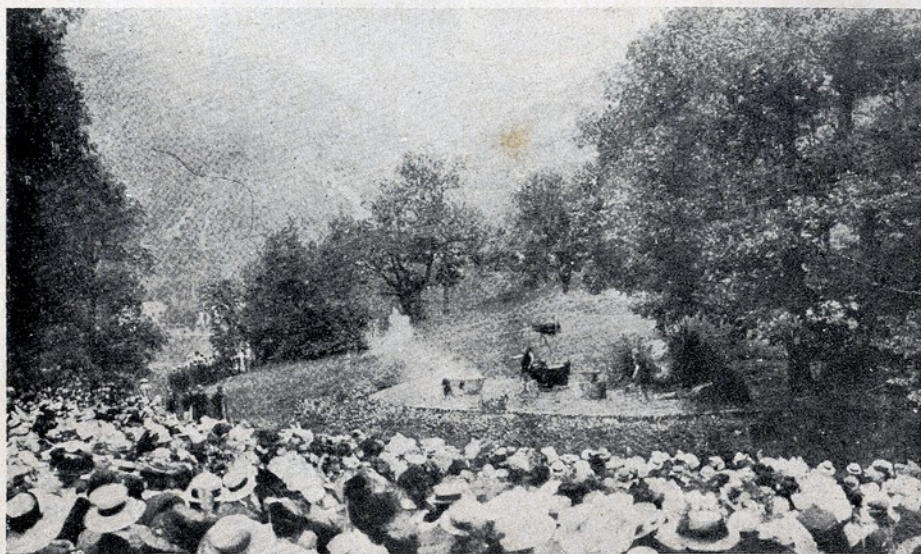
São estas as que, pela sua simplicidade, melhor se podem adequar ao *theatro da Natureza*.

Companhias de famosos artistas tem dado magnificos espectaculos n'estes theatros da Natureza, de preferencia nos pittorescos sitios dos baixos Pyreneus.

Em França a iniciativa tem applausos e conquistou razoavel exito. Em 1906 outro benemerito, M. Jules Gravereaux, fundava em uma collina proximo de Fontenay-aux-Roses, (poetico povoado, de tão poetico nome, onde por tanto tempo viveu e porfim morreu o notavel romancista e academico francez, André Theuriet, um fanatico amator de rosas) um *theatro de Verdura*, destinado a glorificar a rainha das flôres.

Fundou ali pois a celebre *Roseraie* e o *Theatro das Rosas*; no roseiral creou cêrca de 7:000 variedades de rosas; no *theatro* dava a recita inaugural com os *Rosati*, sob o ceu purissimo e sereno; a encantadora mademoiselle Sandrini, bailarina da Opera, e as suas companheiras reproduzindo entre o arvoredado, as bellas e plasticas posições das dansas gregas, deixaram aos espectadores inolvidaveis recordações. «Era, diz um critico que assistiu á recita, a graça antiga resuscitada, ante um publico de artistas, que se miravam, surpresos de não estarem igualmente revestidos á antiga com a toga e com o *peplum*. E' difficil, continua o mesmo critico, M. Chapelle, tornar comprehensivel aos que não o presenciaram, a magia indizivel do aspecto d'aquelle es-

pectaculo. A scena — um hemicyclo — emoldura se em dois porticos semi-circulares, ao centro dos quaes está lançada a escadaria que conduz ao templo de Venus, for-



O «SIEGFRIED» NO THEATRO DA NATUREZA (CAUTERETS)

mando uma graciosa reprodução do templo do amor, no Trianon.

Entre as columns, grandes vasos com rosas; estatuas de nymphas. A orchestra de 12 figuras, encoberta no rosal; a sala com suas bancadas de relva; e no palco um grupo de amadores representando com arte o *Triumpho do Deus Pan*, opera mythologica de M. Alexandre Michel.»

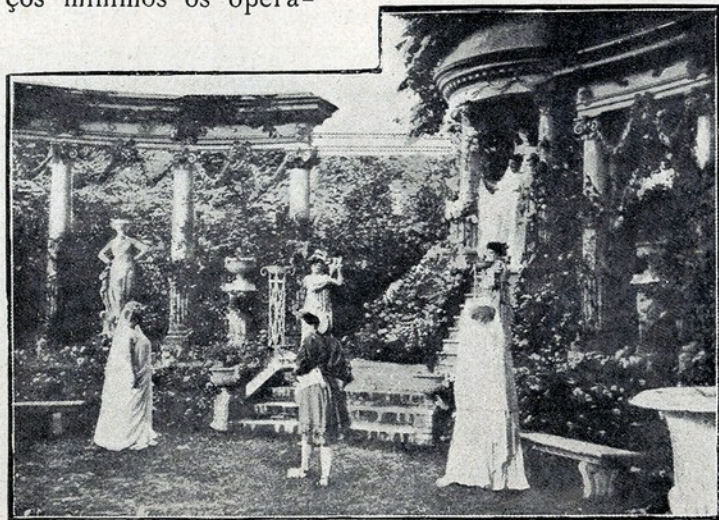
\*

Não possuímos já, infelizmente derruidas e sotterradas, as ruínas do antigo *theatro* romano, na rua de S. Mamede, á Sé, das quaes nos deu interessante noticia o estudioso Luiz Antonio de Azevedo, na sua memoria, publicada em 1815, e da qual se extraiu ultimamente um artigo illustrado, da *Illustração Portugueza*, assignado Rocha Martins.

A iniciativa da restauração d'este costume archaico, das representações ao ar livre, tem obtido numerosos adeptos.

«Estes espectaculos ao ar livre, diz Jean Frollo, o elegante e erudito articulista do *Petit Parisien* (cujo artigo vamos extractando), estas interessantes renovações artisticas,

crearam uma atmospheria de sympathia á roda de um vasto projecto: — o de crear no centro de Paris, um immenso theatro popular, onde, por preços minimos os opera-



UMA SCENA DO «TRIUNFO DE PAN» NO THEATRO DAS ROSAS

rios, os empregados, a gente miuda, que pela exiguidade dos seus recursos não podem frequentar os theatros, verão representar as melhores obras dramaticas antigas e modernas. Eis aqui o primeiro resultado obtido pela propaganda dos theatros ao ar livre; outro resultado porém, mais elevado, pelo qual Michelet pugnava com todas as suas forças, é o de se elaborar uma arte dramatica nacional, feita de ideal e de verdade, em que se agitem os grandes problemas que devem interessar um paiz, e na qual revivam as nobres figuras que lhe proporcionaram um logar invejavel na historia do mundo.»

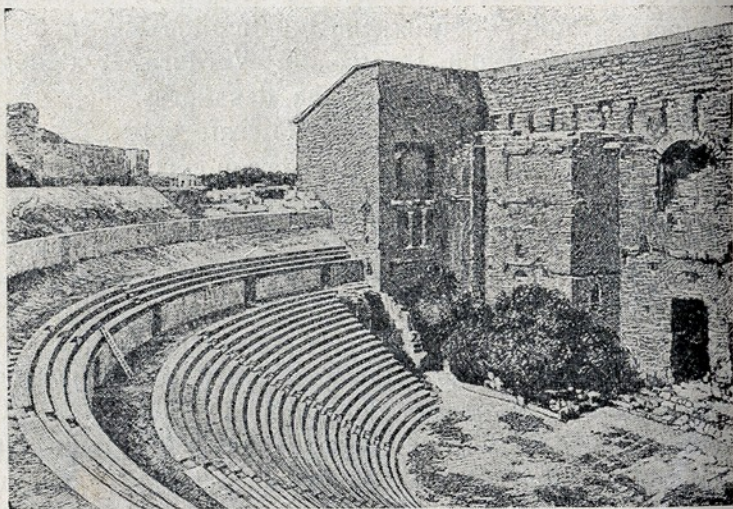
Como se vê, esta revivescencia archeologica dos processos theatraes visa a um intuito elevado, de grande alcance social e educativo. Entre nós tambem teve echo a cruzada. Ouvimos falar já ha tempo de um grandioso sonho do sr. Marcellino Mesquita, para se effectuarem n'um vasto amphitheatro natural, á beira-mar, com o scenario soberbo que a Natureza do nosso bello paiz porporciona, recitas ao ar livre, de um grande

drama historico sensacional, sobre a *Perda da nacionalidade*, em 1580, revestido de extraordinario apparato scenico.

Não vingou o intento. Reviveu agora porem a idéa, na empreza do sr. Alexandre de Azevedo, animada pelo conselho e auxilio tão valioso do sr. Coelho de Carvalho, alto espirito e illustre escriptor dramatico, entusiasta pela idéa, e que para o novo *Theatro da Natureza*, inaugurado no Jardim da Estrella, a 2 de julho, expressamente ordenou uma traducção adaptada do *Orestes*, a formosa peça da trilogia grega de Eschylo.

A idéa de Coelho de Carvalho, tende a reconstituir o verdadeiro theatro da Natureza, sem o theatro material, como nos colyseus e circos românos; não pretende só o theatro ao ar livre;

quer o verdadeiro theatro tendo por scenario um jardim. Algarvio illustre, o sr. Coelho de Carvalho foi buscar a tradição remotissima das *Mouriscas*, ainda conservada nos mais reconditos dos montes algarvios na representação bailada e figurada da *Mourisca de Casamento*, em



THEATRO DE ORANGE

que, elle proprio o diz, o poeta — «se reproduzem os motivos movimentaes e dramaticos do famoso *Cantico dos Canticos*,

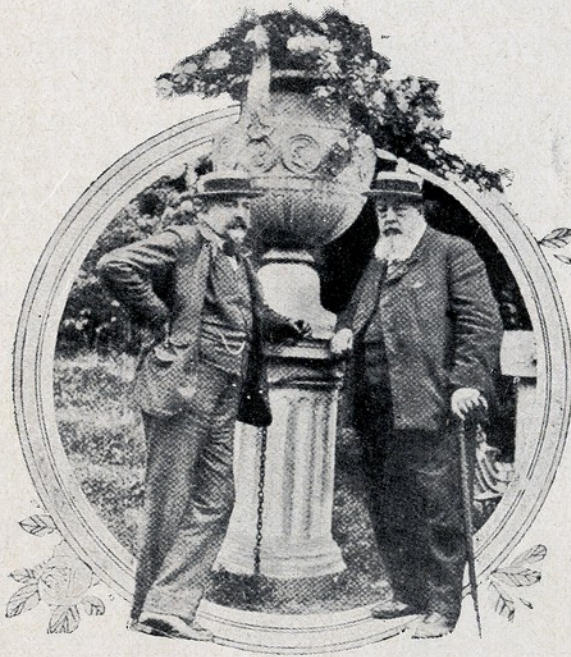
o poema dramático do sabio rei Salomão».

Esta velha *Mourisca* popular, conceituosa, com os seus cantos bailados, com os seus monologos, dialogos e córos, é no dizer abalisado de Coelho de Carvalho, o verdadeiro ideal do theatro da Natureza. E n'esta orientação scientifica e artistica, o sr. Coelho de Carvalho, ao passo que apresentou ao publico o *Orestes*, deseja preparar o *Cantico dos Canticos*, e aconselha aos auctores portuguezes a criação de um theatro nacional, que seria tão interessante e educativo, dizendo: — «procurem, na tradição das nossas

lendas, motivos dramaticos para reconstituirem, de fórma a interessar o publico, mas sem lhe tirar o ingenuo sabor primitivo, as antigas *mouriscas*, tão populares outr'óra, e dando á peça mais concentração, de sorte que a acção se dispa de incidentes e fique, por isso, mais integral e suggestionante. Farão assim theatro popular, para ser representado ao ar livre e com o scenario da *Natureza*».

E assim conseguirá Portugal aproveitar, nacionalisando-a, a tão sympathica idéa dos theatros da Natureza, para os quaes tanto se presta o incomparavel clima da nossa terra.

VICTOR RIBEIRO.



ANDRÉ MICHEL, AUTOR DO «TRIUNFO DE PAN»,  
REPRESENTADO NO THEATRO DAS ROSAS





SILVA PORTO — CONDUZINDO O GADO (RIBATEJO)

# Um dia em S. Julião da Barra

(24 de Julho de 1833)

(Conclusão)



Telles Jordão, cuja grosseria alvejava os proprios officiaes da guarnição da praça, deleitava-se em tornar a reclusão tão incommoda quanto possivel para as victimas da intolerancia politica, e assim, durante os ultimos nove mezes de 1832, não lhes permittiu que tivessem um só leito, cadeira ou meza, razão por que ao longo das prisões se alinhavam os colchões unicamente, que, enrolados durante o dia, simulavam fardos de fazendas.

Se nas tres casas abobadadas do revelim a vida era supportavel até certo ponto, dando a labutação dos duzentos (1) presos ali aferrolhados o effeito de «um bello e interessante painel», segundo a phrase de Silva Lopes; nas outras masmorras, em algumas das quaes não entrava um unico livro, passavam os dias, escreve elle tambem, «com monotonia e enjôo».

Das almas dos seus forçados hospedes cuidava, porém, o brigadeiro com attenção especial, como se prova pela ordem que deu para que não pudessem durante a quaresma comer carne.

A' obra dos sanhudos carcereiros oppunha-se a dos perseguidos, que a mais e mais se uniam, conseguindo illudir a tal ponto a vigilancia do Bachá e dos seus aco-

lytos que se estabeleceu correspondencia de umas para outras masmorras. Um dos processos, para o caso de duas prisões contiguas e de se ouvirem as vozes de uma para outra, consistia em se substituirem as lettras de cada palavra pelos numeros que lhes correspondiam na ordem usual do alphabeto. Por conseguinte em vez de *a* dizia-se *um*, em vez de *b*, *dois*, e assim por deante. Para se significar que a palavra tinha acabado, pronunciava-se: *Dama*.

Com o fim de obstar a enganos e de se falar expeditamente, os interlocutores observavam as casas de um jogo de damas, onde estavam marcados os numeros seguidos, desde um, e as lettras correspondentes a esses numeros.

Se as prisões eram distantes entre si, exprimiam-se os numeros dando outras tantas pancadas na parede.

Idearam ainda outro meio, não accessivel para todos. Era o de assobiarem, aproveitando os andamentos da musica para as transmissões. O *allegro* significava chamada; o *andante*, repetição da chamada; o *presto*, attenção, indicando-se as lettras de cada palavra pelo numero de compassos do *moderato*.

Como o pessoal da cadeia tivesse, por fim, desconfiado, foram prohibidos os assobios e estabeleceram-se rondas amiudadas para caçar algum desobediente.

Muito convencido da efficacia de taes ordens, Telles Jordão repetiria de certo a sua costumada e cruel graçola: «Esperam o seu

(1) Em 24 de julho de 1833 eram 202.

Pedro, mas ficarão empedrados». Vingava-se também obrigando os detidos a gritar: «Viva D. Miguel, rei absoluto de Portugal!», talvez na esperança de que assim manteria solidamente no throno a seu amo, que por duas vezes o foi visitar á Torre (1).

Ouviria o filho de Carlota Joaquina alguns d'aquelles vivas de tanta espontaneidade?

\*  
\*   \*  
\*

Approxima-se a hora em que a bandeira branca deixará de tremular sobre as muralhas de S. Julião.

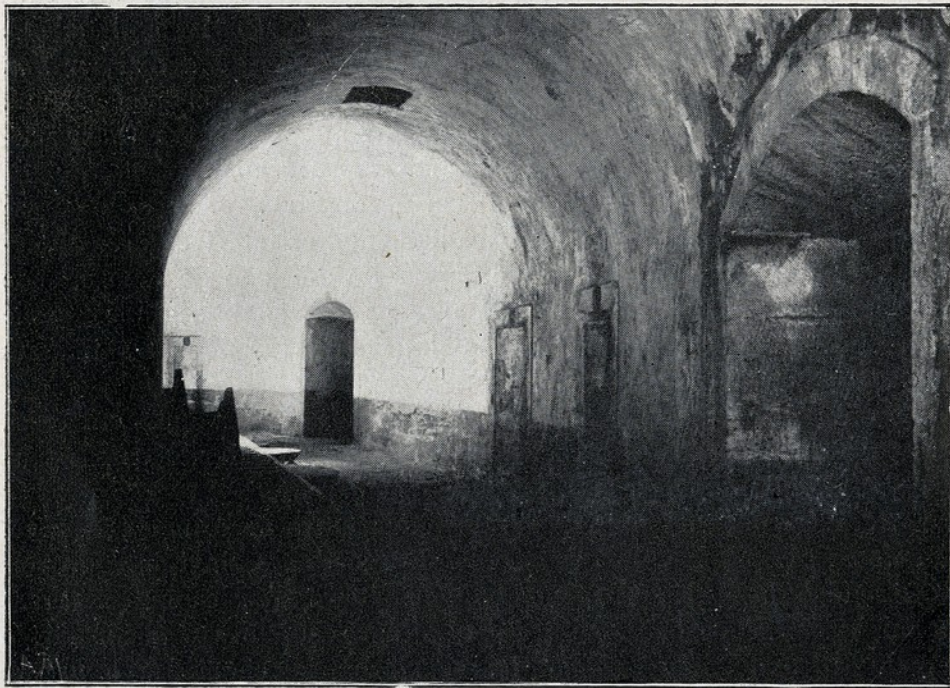
Já no dia em que para ali tornaram, vindos de Cascaes, tiveram os presos politicos alguns minutos de esperança. Cuidando que seguiriam por mar, como na ida, formaram um plano atrevido. Se os soldados da escolta enjoassem, conforme succedera aos que os tinham acompanhado áquella villa, tirar-lhes-hiam as

amedrontava a difficuldade de guiarem as embarcações, porque entre elles havia peritos na especialidade, mas preocupavam-se com um possivel ataque da esquadra realista, ignorantes, como ainda se achavam, do destroço padecido junto ao Cabo de S. Vicente. Não obstante, estavam decididos áquelle acto de extremo arrojo, e haviam-se até munido do pão e da agua necessarias para a viagem, eis que de repente os sonhos se desfizeram como por encanto: o regresso ia fazer-se por terra. E com effeito percorreram a pé as duas estiradas leguas de caminho, por cima de má calçada e de areia, amarrados aos dois e dois, levando ás costas a sua roupa, n'um bernal, para que lh'a não roubassem, como tinha acontecido ás bagagens. Exasperou-os tanto a jornada, feita debaixo de um sol abrazador, que Silva Lopes referindo-se, a tal proposito, aos carcereiros da cidadella de Cascaes e de S. Julião, os mimoseia com os seguintes epithetos: «ladrões, descarados malandros, estupidos sandeus com cara de cão, cabeça de burro e coração de tigre».

Estamos a ouvir o suspiro de alivio que este desabafo certamente lhe arrancou do peito.

Não foram como os antigos os vexames dos dias subsequentes, por isso que Santa Barbara, longe de se parecer com o seu abominavel predecessor, nunca deixava de fazer justiça ás reclamações que lhe dirigiam.

Porém a impaciencia continuava a mesma, atiçada pelas noticias que a todo o momento se espalhavam nas prisões: a 16, a da victoria alcançada pelo almirante Carlos Napier; a 22, a da occupação de todo o Algarve pelas tropas commandadas pelo duque



UM ASPECTO DO CORREDOR DAS CASAMATAS

armas, e, senhores das faluas, em 16 ou 18 horas chegariam ao Algarve, para ali se juntarem ao duque da Terceira. Não os

(1) A 18 de agosto e a 2 de setembro de 1831.

Terceira, e da marcha d'este general através do Alemtejo.

Ainda mais se excitaram os animos quando, no dia 17, foram corridos os ferros de todas as janellas, cuidado que nunca tinha havido durante aquelles cinco annos.

Estavam imminentes, sem duvida, acontecimentos decisivos, mas ao certo ninguem sabia nada. Tudo eram duvidas, incertezas, conjecturas.

\*

Chegamos finalmente ao dia 24 de julho de 1833.

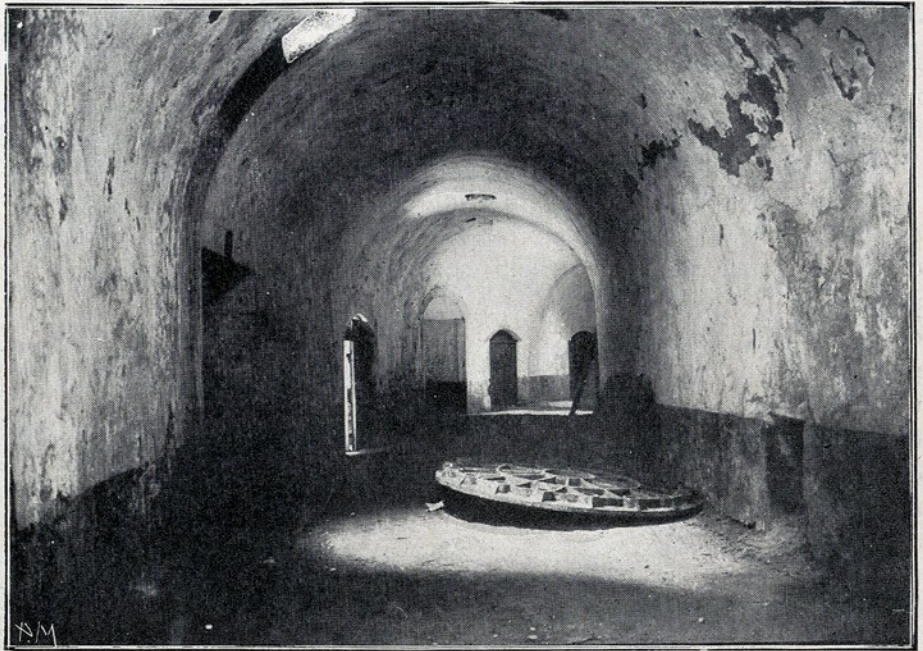
A's cinco horas da manhã, recebeu o governador Pedro José de Santa Barbara uma ordem circular do duque de Cadaval, governador militar da capital, preceituando-lhe que fosse encravada toda a artilheria, e que a guarnição marchasse immediatamente para Queluz, a reunir-se com as forças que tinham evacuado Lisboa. Determinação igual fôra expedida aos commandantes de todas as fortificações da margem direita do Tejo.

Tal era o desatino que no espirito d'aquelle general, riquissimo de bens de fortuna mas pauperrimo de talentos militares, causára a derrota soffrida na vespera pelas forças realistas, na Cova da Piedade!

O governador de S. Julião convocou logo os officiaes da praça a fim de pedir-lhes conselho, e mandou o barão de Tondella, coronel do regimento de milicias da Guarda, que para isto se offereceu, a saber noticias positivas, duvidando ainda um pouco de que fosse verdadeira aquella prescripção.

Pois não estaria até fôra dos limites do crível o pretender-se que uma força, composta de mais de oitocentos homens, abandonasse uma praça onde existiam, montadas.

74 peças de varios calibres, 8 obuzes e 9 morteiros, bem como larga copia de balas, granadas e bombas para estas boccas de fogo, havendo portanto a possibilidade de se offerecer energica resistencia a qualquer atacante habil e numeroso?



OUTRO ASPECTO DO CORREDOR DAS CASAMATAS

A ordem, porém, era terminante, e o successor de Telles Jordão nunca fôra homem para grandes resoluções, e muito menos para uma d'essas desobediencias heroicas, a que se tem devido mais de uma victoria e a salvação de um exercito. Apenas se certificasse, cumpriria tudo submissamente. A demora nasceu da duvida, e não de ter vislumbrado mais sensata resolução.

Emquanto esperava, a noticia foi se alastrando na fortaleza, e logo a soldadesca, para não deixar aos inimigos o vinho que por lá não faltava, se entregou a copiosas libações. Quasi nada tardou, igualmente, que os voluntarios realistas de Portalegre e os milicianos da Guarda começassem a percorrer quartéis e baterias, gritando confusamente:

— Viva o nosso rei!

— Viva o senhor D. Miguel!

— Viva a santa religião!

— Morram os malhados, os herejes, os pedreiros livres!

Alguns dos realistas alemtejanos, acaudilhados por um dos seus capitães, levavam a todos a palma na violencia, e bradavam furiosos:

- Vamos já matar os presos!
- Não se dá quartel a nenhum!
- E' acabar com esses cães!
- Vamos a elles!

Com a facilidade que teem sempre as multidões em seguir um ruim alvitre, a restante soldadesca repetiu entusiasticamente:

- Vamos matar os presos!

Ouviu a celeuma o tenente de infantaria 19 Francisco Soares da Gama Lobo. Homem digno e generoso, treme pela sorte dos presos politicos, e começa por desviar uma parte dos energumenos, destacando-os, como piquetes, para um lugar fóra da praça. Não acabava de o fazer, quando lhe dizem que os grilhetas se estão armando, com aquelle mesmo perverso intento, e que um tenente, chamado Freitas,

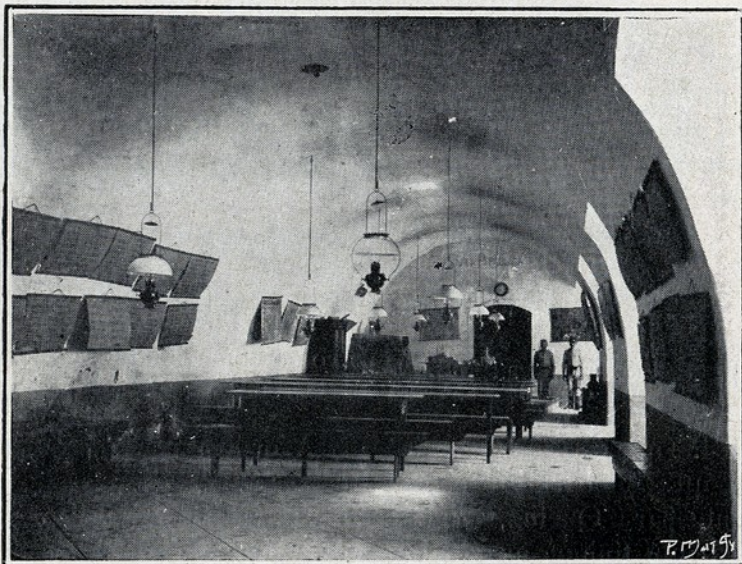
trata de carregar com metralha uma das peças, na tenção de a disparar contra as masmorras. A seguir, ouve a conversa de officiaes da guarnição, e conhece, indignado, que, longe de os reprovarem, applaudem os infames preparativos. Tendo appellado immediatamente para o governador, é incumbido, por este, de evitar o attentado, e corre para a guarda do revelim, a cujo commandante pede as chaves das prisões, a fim de leval-as a Pedro de de Santa Barbara. Ao passar na guarda principal, topa com os grilhetas, já todos armados: ajudado pelas praças da guarda, desarma-os e mette-os de novo nos carcerees, sem evitar, comtudo, que um dos facinorosos

descarregue a espingarda, sem felizmente ferir pessoa alguma.

Perdida a esperança de que pudessem escapar os presos da fortaleza, lembra-se de um irmão, que tem doente e sob clausura no visinho hospital da Feitoria, e acode lá, no empenho de salvar, não só a elle mas tambem aos medicos e a outro doente que lá se encontram. Pedem-lhe estes que volte para a Torre, e evite a grande atrocidade fazendo com que se não abram as portas das masmorras para a entrada dos almoços, pois que os malvados não deixarão de aproveitar este ensejo para irem perpetrar os assassinios. Condescende, tendo deixado na Feitoria o irmão e companheiros, todos

transidos de medo, tanto pelo perigo que os ameaça, como pelo que, na Torre, estão correndo os seus duzentos e quarenta companheiros de desgraça, a quem não podem soccorrer, nem ao menos prevenir.

A' sua entrada na Torre, succedida a tempo de



A ANTIGA «PRISÃO DO MEIO» DO REVELIM

evitar-se que fossem abertas as masmorras, é espantosa a confusão. Já certo o governador da authenticidade da ordem do duque de Cadaval, mandou encravar a artilheria, com que poderiam atirar-lhe, e vae sahir á frente de toda a guarnição.

Todavia Gama Lobo consegue ficar, sob o pretexto de forçar á partida a algum retardatario; mas, tanto que vê longe os que retiram, vae ajudado por tres homens de sua confiança arrambar as prisões do revelim.

Voltemos aos presos politicos.

Já sabiam que da batalha de 5 de julho só duas corvetas e um brigue de D. Miguel tinham conseguido voltar para Lisboa, e não

ignoravam que a nau D. João VI, uma fragata e um brigue, onde pouco tempo antes se desfaldava a signa realista, acabavam de apparecer deante de Cascaes, arvorando a bandeira azul e branca, por terem cahido, tambem n'aquella batalha, em poder da esquerda liberal: ainda assim, mal se atreviam a crer no boato que, a 21 de julho, fôra alegrial-os, e segundo o qual a divisão do duque da Terceira tinha já entrado em Palmella e em breve bateria ás portas de Lisboa.

Na tragica manhã, em que tinham as vidas suspensas de um fio, ouviram a grita dos voluntarios de Portalegre, mas vagamente, sem perceberem bem quaes fossem os designios dos sinistros fanaticos. Depois, tudo cahiu em silencio, e o tempo foi andando lentamente.

Ás sete horas, era costume o pessoal da cadeia ir abrir a porta e a janella da prisão do meio do revelim. Pois n'aquelle dia conservaram-se ambas fechadas até ás nove horas. Ouviu-se então, vindo de muito longe, o som da artilharia. No meio da crescente anciedade, cruzam-se explicações do factu, qual a qual mais phantasiada ou disparatada.

Caluda! Chega de fóra, e de muito mais perto, um ruido estranho. Percebe-se que é o do bronze ao ser percutido fortemente. Alguns presos vão espreitar á janella e vêm em frente, na bateria do Perdigão, artilheiros encravando á lufa lufa as boccas de fogo.

— Vão fugir os miguelistas! diz uma voz, meio em segredo.

— Mas antes que fará esta soldadesca desenfreada? . . .

Dos liberaes que a si mesmos fizessem esta pergunta, nenhum deixaria de empallidecer, por maior que fosse a energia

do seu coração. E' que o ser trucidado n'aquelle instante excedia em horror a tudo o que se imaginasse de mais funesto. Perder a vida ás mãos de inimigos desmoralizados, quasi fugitivos, quando a causa da Liberdade estava já tão perto do seu definitivo triumpho! . . . E na vespera de poderem gosar a ineffavel delicia de esteritar nos braços os entes queridos, que tanto os tinham chorado e por quem derramaram tantas lagrimas! . . .

Foram passando as horas com vagar desesperador: as dez, as onze.

De repente, alguém bateu com força á porta da casa da guarda.

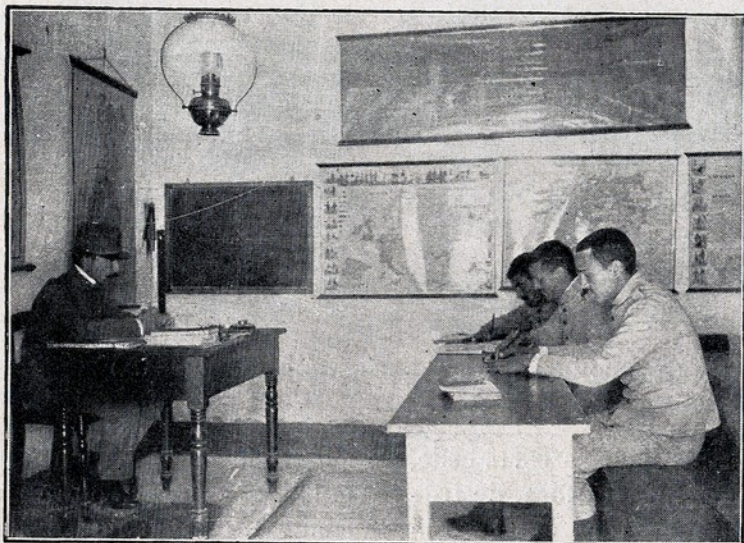
— Estão a arrombal-a, os assassinos! E' chegado o instante de morrer. Ao menos, vendamos a vida bem caro!

Quando estes e outros semelhantes pensamentos despertavam no cerebro de alguns dos desgraçados, fóra da prisão estrugiram brados clamorosos de «Viva D. Maria II! Viva D. Pedro IV!

Viva a Carta Constitucional!»

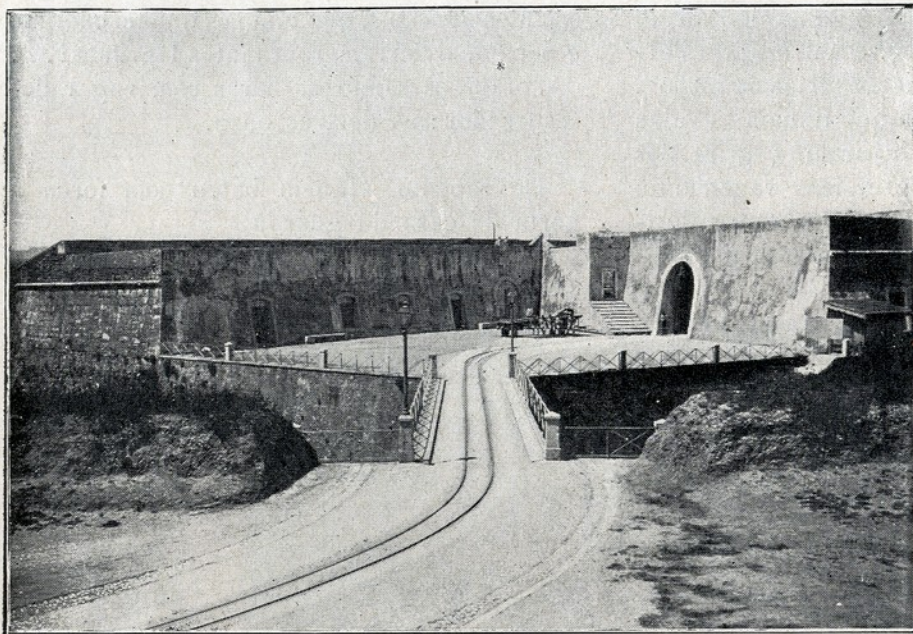
Foi como se todos elles tivessem repentinamente enlouquecido, mas enlouquecido de alegria. Na prisão do meio, uns corriam para a porta, anciosos de arrombal-a, e mal a conseguiam abalar; outros arremessavam-se para a janella; alguns andavam á tóa, d'aqui para acolá, como embriagados, chorando e rindo.

Gama Lobo appareceu por fóra da janella, apresentando-lhes dois machados, e logo o aço principia a morder a madeira. Trabalha-se com ancia, mas a porta, rija e espessa, continúa resistindo. Os primeiros braços deixam a tarefa, e veem outros, e outros. Do lado exterior, mais alguém for-



UMA DAS ANTIGAS PRISÕES DO REVELIM,  
HOJE ESCOLA DE PRAÇAS DE ARTILHERIA DE COSTA

ceja por destruir a barreira maldita. São os enclausurados das outras casas do revelim, cujas portas, mais fracas, resistiram menos. Empunhando dois pés de cabra, fornecidos também pelo official de infantaria, suam por arrancar dos gonzos os batentes.



O PATEO DO REVELIM (O ARCO QUE SE VÊ A DIREITA É OBRA MODERNA)

Ao cabo de uma hora de lucta, a porta cede, e os presos precipitam-se para fóra, de tropel, indo cahir nos braços dos outros com quem o infortunio os irmanára, e do seu libertador.

Estão loucos! Estão loucos! Beijam-se, abraçam-se, dão vivas estrepitosos.

Livres!... Livres, finalmente!...

Mas não será tudo um sonho? Quanta vez, durante o encarceramento de cinco annos, haviam sonhado aquillo mesmo, para depois, ao accorder?...

Não! Não estão sonhando.

Longos dias tinham vivido sob aquellas frias abobadas, cogitando na sua desdita, antevendo que só a morte os arrancaria d'ali; pois nenhum, certamente, lhes ficou gravado mais fundo no espirito, do que este em que viram escancaradas as portas da prisão, e lá fóra, a esperal-os, não os esbirros do despotismo, mas os correligionarios que vinham libertal-os.

Conhecemos um homem que estivera pres-

tes a ser victima das luctas politicas de 1828 a 1834. Era o tabellião João Baptista Scola. Já vestido com a alva dos condemnados á morte, aguardava no oratorio o instante de o conduzirem ao cadafalso, quando viu de subito irromper o povo, que ia soltal-o. Por

isso festejou sempre com febril entusiasmo, até chegar a muito velho, a data em que o duque da Terceira tinha entrado em Lisboa.—Outro tanto fariam os libertos de S. Julião da Barra.

A alegria teve em breve de ceder o passo aos deveres que impunha a situação, ainda melindrosa.

Urgia preparar tudo para o caso de um possível regresso dos

miguelistas, e, enquanto uns vão fechar as portas da praça, outros formam-se militarmente no pateo do revelim e elegem para chefe o brigadeiro Carreti, visto o marechal Caula estar muito doente.

Como a longa permanencia debaixo das abobadas lhes embranqueceu a pelle; e quanto os olhos se lhes contraem, tão deshabituaados estão a receber directamente a acção do sol estivo, que inunda a atmosfera!...

Para se armarem, lançam mão aos machados, aos pés de cabra, e até a pedaços de madeira... Dividem-se, depois, em pelotões, para que também se escolhem commandantes, e tomam pela ponte, em direcção ao corpo da praça, onde ficam as peores masmorras, já felizmente desertas. E, enquanto uns se espalham pelas baterias maritimas e pelas terrestres, os restantes encaminham-se para o posto da guarda principal, no intuito de reforçal-a.

Foi então que se vingaram de um seu

antigo perseguidor, unico, entre tantos, que ali pagou com a vida as passadas infamias. Chamava-se Luiz Pineti de Aranda, e a miude os tinha denunciado. Apenas os viu triumphantes, sahiu-lhes ao encontro, dando, com o mais nojento desplante, os mesmos vivas que tinha acabado de ouvir-lhes. Mataram-n'o junto do pharol. Menos hypocrita, haveria talvez escapado, como escapou Antonio da Horta Branco, outro miseravel, tambem dos mais vis, que, de joelhos, pediu e alcançou misericordia.

Das baterias maritimas avistaram os liberaes a esquadra do seu partido, pairando, em calmaria, á entrada da barra. Para lhe darem noticia da conquista, arranjam, cosendo pedaços de fazenda azul e de fazenda branca de antigos *signaes*, duas bandeiras do typo decretado quatro annos antes pela regencia da Terceira, e, tendo-as içado, deram uma salva de vinte e um tiros.

A' posse de S. Julião seguiu-se a do Bugio, do que resultou ficar a entrada do Tejo absolutamente livre para os navios do almirante Napier.

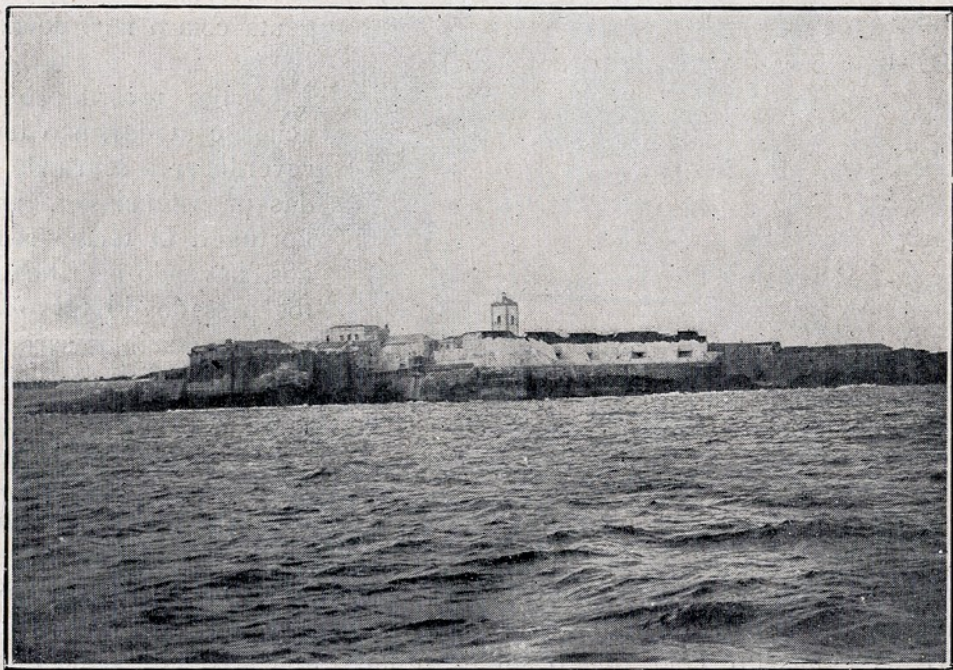
De participar ao governo de Lisboa e ao commandante d'aquella esquadra os factos recentemente acontecidos na Torre, bem como de procurar em toda esta as espingardas por ventura lá existentes, trataram os subordinados de Carretti durante o final do memoravel 24 de julho, cujo pôr do sol foi saudado com outra salva de artilheria.

Era o primeiro dia que, havia annos, muitos d'aquelles homens viam acabar sem terem a alma opprimida pela tristeza e o desespero, pois não pode sentir alegria nem esperança quem perdeu a liberdade. Socego

é que nenhum poude ainda gosar, nem mesmo durante a noite seguinte, que todos passaram de vela, guardando ciosamente as portas e olhando vigilantes a campanha, para que, se o inimigo intentasse reoccupar a fortaleza, encontrasse toda a possivel resistencia, não obstante a nova guarnição ser improvisada e já estar soffrendo fome, por terem d'ali desaparecido todos os viveres juntamente com os donos das casas onde se vendiam.

Para acompanhar o jubilo que transbordava dos corações, os flautistas, cuja musica havia, tantas vezes, temperado a melancolia do captiveiro, juntaram-se para tocar os hymnos liberaes, e os companheiros, a quem não cabiam encargos na defesa, formaram circulo em redor, sonhando todos um ridente futuro para si, para suas familias e para Portugal.

No dia 25, pela tarde, vieram rio acima os antigos presos politicos de S. Julião da



A TORRE DE S. JULIÃO VISTA DO MAR

Barra, e foram desembarcar no Caes do Sodré, a fim de se apresentarem ao libertador de Lisboa, então alojado em uma casa da rua do Alecrim.

Mal tinham saltado em terra, cercou-os grande multidão, que, em clamores de con-



tentamento, felicitava os resuscitados. Não foram só as mães, as esposas, as filhas que n'esse momento supremo choraram lagrimas suavissimas, ao apertarem contra o peito e cobrirem de beijos os entes adorados, que tinham julgado perdidos; até os estranhos se enterneceram. Perante estes dramas não ha espectadores indifferentes.



*Borges Carneiro*

O MAIS ILLUSTRE DOS PRESOS POLITICOS  
DE S. JULIÃO DA BARRA

Contraste flagrante: n'aquelle mesmo lugar, tinha sido, dois dias antes, executado um homem, por motivos politicos. Já nos degraus da forca, alongou a vista por sobre as aguas do Tejo, que o sol de julho incendiava, e em vão procurou os soldados da Liberdade, que elle sabia virem já perto, mas que não chegaram a tempo de o salvar. — A'quella hora, as forças do du-

que da Terceira ainda trilhavam o caminho de Azeitão á Cova da Piedade. — E o infeliz foi morto, sem que os seus brados afflictivos lograssem revoltar a numerosa plebe agglomerada no largo, nem os soldados que rodeavam o patibulo e que dentro de poucas horas fugiriam de Lisboa, acossados pelo medo. Má escola de valentia o serviço em volta dos cadafalsos.

Quando as victimas de Telles Jordão passaram no Caes do Sodrê já os madeiros ignominiosos não manchavam o lindo espectáculo de luz e vida que a natureza ali patenteava ao homem.

E todos sem duvida esqueceriam os passados tormentos, e os dariam até por bem empregados, pensando que essas e muitas outras violencias tinham concorrido immenso para que baqueasse o governo por elles odiado com sobeja razão. e triumphasse definitivamente o regimen que nunca admittiria, justo é dizel-o, a forca no arsenal das armas defensivas da sua politica, nem reputaria meio efficaz de convencer adversarios o afogar-lhes a voz na garganta com o laço de uma corda.

Com a recordação dos factos lastimosos acima contados, não levámos em mira fazer reverdecer a seara de odios que, por effeito das prepotencias do miguelismo, brotou em Portugal. O tempo seccou-a ha longos annos, havendo a critica de taes acontecimentos passado do turvo ambiente das paixões para os dominios serenos da historia.

Outro foi o nosso intento, já o dissemos.

Mais ainda: a luz que norteava aquelles martyres — luz de que hoje os vêmos aureolados — era então duvidosa, bruxoleante; mas, augmentando sempre de intensidade e esplendor, e espancando trevas de innumeros cerebros, foi o alvorecer da antemanhã que precedeu o formoso dia em que vivemos, banhados pelo alto e rutilante sol da liberdade.

Portanto, rememorar os trabalhos dos primeiros batalhadores d'essa causa redemptora, é cumprir tambem um dever de gratidão.

MAXIMILIANO DE AZEVEDO.



**I**MMENSA pena aquela morte subita do major Saturnino, em tão verdes annos!...

A nova irreparavel, escrevia o «Seculo», abalou o orbe das suas relações.

Certamente, effectivamente... O orbe ficou, sem duvida, muito abalado!...

Porque o major era um homem de extraordinario numero de relações. Desde o presidente do Supremo, o dr. Cerveira, ao lapuz que vende as cervejas no Jansen, o major todos conhecia, parava em todos os estabelecimentos, entrava em todos os teatros, cumprimentava todas as pessoas e pedia lume a todos os transeuntes, somente por espirito de afabilidade.

Que immensa perda!...

Como seu primo e alto funcionario, o Pacheco, este homem grado produzia em toda a parte um immenso respeito e uma não menos extatica admiração.

— Villaça!

Era porque o major tinha surgido com a sua enorme barriga e o seu bigode arqueado.

Em toda a parte era soberano, este Villaça.

Porque ninguem sentiu em vida o desgosto do major se ter negado a acceitar um convite de jantar ou almoço, e antes espontanea-

mente os recordava. Nem tão pouco ninguem, em dia algum, abriu serenamente a cigarreira, que o major não fosse gentil em servir-se do primeiro cigarro. Nem familia alguma falou de um camarote para o Republica ou para os touros, que o Villaça, inclinando a cabeça, não fosse, immediatamente, «um creado, para acompanhar as damas». Gentilissimo! Um perfeito homem de sociedade.

E essa cortezia, esse esmero de trato, ganhara-o cedo, ainda que Villaça tivesse nascido de um tronco aldeão, na Aldeia das Dez, em Oliveira do Hospital, ahi por 1858.



ALFERES VILAÇA

Tenho, entre os meus papeis, algumas das notas intimas do morto illustre.

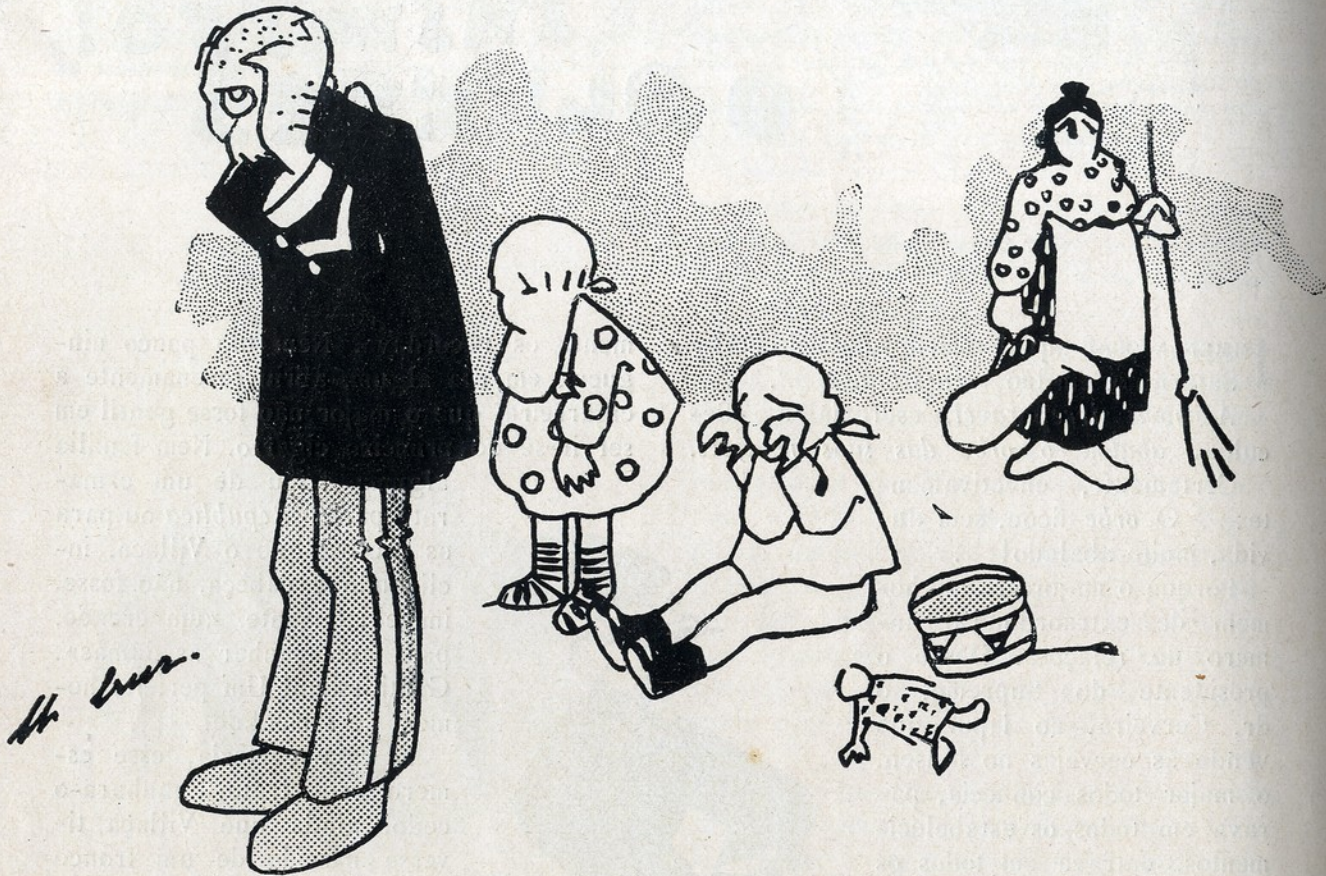
Ha um mez, ainda, que o major, triste de ver Lisboa despojar-se para a vida do campo, veio a esta sua casa—onde o

jantar é pobre e a cama é fraca — «para desabafar um pouco» commigo.

— Que diabo... Eu sei, sim, eu sei que

me deve doer um tanto a consciencia por vir aqui encommoal-o, quando eu, conservadôr por principios, tanto mal disse de você, como poeta, a varias senhoras e entre va-

— Não, eu sei. N'esta ultima tarde da vida, confiar a você os meus males, a minha má sorte e, afinal, a minha revolta contra esta sociedade ipocrita, ventrê porco de



TORTURAS DO NOSSO MAJOR

riadissimas familias. Você comprehende que a sociedade está mal educada. Essas mulheres que ahi estão (ainda os restos do meu tempo) ficaram-se pelo *Dom Jayme* e pela *Paqueta*. Que quer você!... Eu, como major, não me podia revoltar contra o existente... Concordava, portanto... Você perdôe. Mentiras sociaes, indeclinveis no momento psychologico.

E cofiava a fimbria triste do seu bigode arqueado e branco.

— Porém, você não é tolo. Cavaqueia e escreve bem...

— Favor, major...

— Não, senhor. Eu sempre disse... Ou, perdão, eu sempre entendi, hein!... Eu sempre entendi! E vinha, portanto (n'esta ultima tarde da vida...)

— Exagera...

onde brotam todos os vicios, e ruina formidavel da humanidade, caramba!

— Temos, então, umas memorias!

— Memorias!... Quem fala n'isso... Memorias, para quê? Isso era o meu ideal; mas não posso vel-o realisado. Sim, eu queria publicar as minhas memorias!... Porque eu sei de muita pouca vergonha, de muito escandalo, de muito nojo; mas tenho de calar... Compreende!... E' outro o fim da minha visita.

— Perdão, desculpe interrompe-lo. O major janta commigo. Ha-de desculpar a modestia dos meus dois pratos...

— E o senhor que pensa que se come em muita casa?... Janto cá, sim, senhor. Mas fique sabendo que ha por ahi muita miseria, muita barriga accilhada e muita vida escura... Fique sabendo!...

E o major, apoiando as duas mãos sobre o castão d'osso da bengala, caiu emfim no assumpto da sua visita...

Aquele filho matava-o. O ordenado ou, melhor, o *pret*, derretia-se-lhe mais facilmente do que o cebo. Eu, que conhecia o alferes, é que podia recommendar-lhe um pouco mais de prudencia e de generosidade pelo pae. Que possesse á prova de fogo o meu valôr de amigo *intimo*... Que, emfim, lhe prestava uma altissima fineza.

Durante o jantar, o major aqueceu, generosou-se. Sim, que diabo, o *filho fôra fino*. Procurava o dinheiro. Errou?... Espetou-se?... Não havia duvida. Mas n'uma aventura quem se não mette, n'este mundo! Até Vasco da Gama, Colombo, o Belchior

de «certa fama, para manter a sua linha».

A' noite saimos. Logo ao dobrar da minha esquina o major preteistou uma ida á feira da Rotunda, para não passar commigo nos logares mais concorridos. Deixei-o. Lá o vi trepar para um carro. E logo pensei — por amôr do proximo — em falar sinceramente ao alferes, embora na expectativa de apañhar uma descompustura.

\*

Eu não resarei, com gravidade, do que, nacionalmente, representa a Escola do Exercito. Afigura-se-me, somente, poder dizer ao grave individuo que se reporta a estas



... O NOSSO ALFERES ENTROU CEDO NA VIDA AMOROSA ...

do *balão*. Porém, que ao menos n'estes mezes, em que as melhores familias não estavam em Lisboa, lhe deixasse dinheiro para, uma vez ou outra, jantar n'um *restaurant*

paginas, que o exercito portuguez é magnifico, esplendido mesmo, como exercito de braços, vindo directamente de Entre Douro e Minho; e nunca como guisado, apare-

lhado e guarnecido na cosinha nacional da Escola.

Um exercíto que fornece azedumes e combates, entre Cupido e Venus, nas *quartas-feiras* do Campo Grande e quando caçadores 5 toca aos cysnes do Lago da Estrela, pode ser um exercito *d'inter-mulieribus*, mas nunca um exercito com competencia scientifica para tranquilisar a gente.



A AIDA PREGO

Vejamos, um pouco, onde o exercito se faz e aparece. Villaça pode ser-nos o typo social; pode servir-nos de modelo.

Não afirmará o leitor circumspecto que a mais forte corrente de ensino e moral se alcança abancado no *Gelo*, entre duas cervejas, e pelas conversações banaes que ali, facilmente, se ouvem.

Desde o gorduxo Carreira ao mais imbecil dos seus camaradas de serviço ao *café-restaurant*, todos os socios do folgado *club* escolar que é o *Gélo* sabem as preocupações *lectivas* do exercito que ali aregimenta.

Ali se vê o afinco com que a força armada distroe as ilusões amorosas de todo o paisano sentimental. Ver-se-ha como o exercito, força activa, conquista todos os logares *de coração* onde um mortal *civil* faz os olhos da sua fantasia. Ver-se-hão, rolando no «pó inutil», as nossas *mais verdes esperanças*. O leitor circumspecto verá, finalmente, que o nosso maior inimigo é o alferes.

Se a sciencia pesadamente problematica das Escolas estivesse em correspondencia directa com o seio das familias, eu afirmaria ao leitor paciente que me escuta, que o exercito, pela sua parte, estava realisando o seu programma escolar. Mas, ai! . . . não . . . O exercito não realisa. Esta fracção do exercito paralisa, pelo menos, a acção moral da domesticidade das familias. Porque é certo, e bem certo, que onde entra alferes sae asneira.

Para concluir, sobre o assumpto, qualquer coisa que, innabalavelmente, persuada o leitor, crêmos não ser mais necessario de que uma simples visita ao café onde a mocidade esperançosa se localisa diurna e nocturnamente.

Lá se vê o que se pede, como se pede, e do que se fala. Não creiam que o *Francez* que estas palavras assigna detesta o exercito ou foi por elle, algum dia, preterido, em casos onde o amôr e ambição legislam e ordenam. Não. O *Francez* tem uns olhos de vêr; e assim como vê esta desordem escolar ou, melhor, scientifica, onde a disciplina diz ser orientadora, comprehende e troça e *guerreia* todos os outros elementos escolares do paiz onde, sem consciencia e sciencia, se estuda *para passar*.

Este ramo d'arvore social, enxertado em *Villaça*, pode dizer-nos claramente em que circunstancias profissionaes, moraes e sociaes se pode sair, algum dia, da Escola militar. Pobres livros, inuteis tipographos, tristes escriptores. Para que serve tanto livro? Quando me recordo d'esses compendios tão tristemente inuteis revejo n'elles, sem exageros, o quadro ihumano dos christãos lançados ás feras, no colyseu romano.

Estranho romance o d'esse alferes!  
Estranho? . . .

Não, afinal é um romance parecido com

o de todos os amanuenses, bachareis e rapazes taumachicos (*sic*), d'esta Lisbôa tão

trigueiro e de bigodes irtos, foi n'um inverno, na *hall* de passeio de um theatro.



... AO FIM DE ALGUNS MEZES A NOTICIA FATAL ...

mentirosa e tão pequenina d'alma.

Quando eu conheci aquele alferes Villaça,

Era então um cadete aflanado, de olhar curioso, inquieto e atrevido. Representava-se,

e o cadete não via os actores; havia atenção, e o cadete desatendia. Sómente, quando o publico ria ou os braços se erguiam para aplaudir, o cadete, retirando os olhos dos camarotes, atirava uma gargalhada disparatada ou batia as mãos com um calôr exagerado.

Instrucção? Não tinha.

Nem instrucção, nem educação.

Sempre que algum camarada lhe fallava, perto de mim, n'uma licção ou em qualquer assumpto do curso, o Villaça, atirando-se para uma parede, engelhava a cara, mal disposto, mal educado.

— Raio!... Importa-me lá saber o que é balística ou para que isso serve... Irra, que massadôres!...

— Mas, ó menino, vem ahi o exame... Não estudas, não sabes...

— Sim, isso e depois... Raio! Importunos que vocês são.

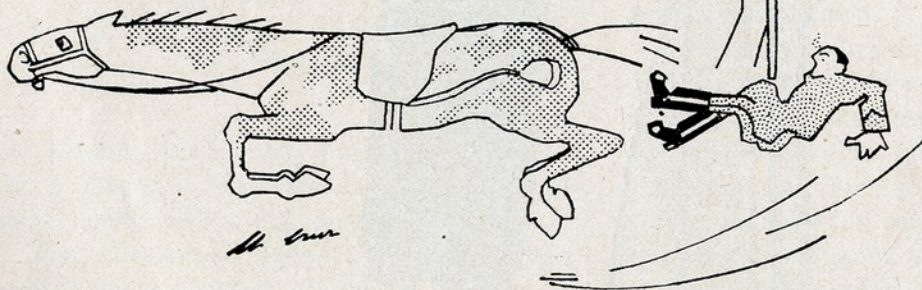
E letras?

Tambem não conhecia. A's vezes, ironico, perguntava-me elle como diabo se podia chegar a ter *amôr* á letra redonda. Transferia o padre José Agostinho para o seculo XIV; punha o Sá de Miranda a glosar motes, no seculo XVII... Era o diabo, aquele Villaça.

E namorar?...

Ah!... isso sim; d'isso lia e sabia immenso!...

D'ahi a historia mais extraordinaria da sua vida. Aquela que eu disse gemea da historia dos amanuenses,



N'ESSE VERÃO O NOSSO ALFERES FEZ DUAS EXPLENDIDAS QUEDAS NO HYPICO

dos bachareis e rapazinhos tauromachicos, quando creaturas aventureosas.

O nosso alferes, entrou cedo na vida amorosa.

Teve immensos namoros. Uns a ferver;

outros frios de gelo. Mas namoros de perfeita feição lisboeta, cocotes, frivolos, atracados á porta das pastelarias e binoculados, indiscretamente, nos theatros.

Na sua gaveta da Escola do Exercito, aberta a todos pela leviandade d'aquello moço curto de vistas, nadavam cartas e photographias com todos os segredinhos perversos das crias a desabrocharem na efervescencia picante do sexo, e ternuras de uma delicadeza de choro menineiro.—«*Nunca pensei que fosses tão ingrato, meu feio!...*» E logo, n'outra pagina, toda desenhada com uma caligrafia ingleza, muita aguda:—«*Que queria dizer aquele signal que me fizeste? Não comprehendi bem... Mas... como ias a rir-te... Dizia respeito áquella conversa de ha dias, quando tu estavas muito meigosinho?...*»

Os rapazes da Escola, postos em massa atraz do conquistadôr, rematavam estas leituras com uma gargalhada enorme, troçando d'esse *peccado* de que todos elles, a um por um, possuíam tambem provas admiraveis.

Villaça teve, como disse, infinitos namoros. Riu muito e — contava elle — chorou muito. Um estudo de campo de defeza custava-lhe

immenso a delinear e apresentar. Mas, em compensação, uma carta de namoro — lamexas, romantica, frivola — corria-lhe no bico da penna o mais espontaneamente que era possivel.

A's noites, n'um rez-dochão da rua de S. Domingos á Lapa, o nosso alferes lançava os seus braços

engaloados por sobre as grades da janella e Aida, recolhida na meia sombra das cortinas em arco, olhava de lado, extaticos ao luar que brunia as paredes e os vidros.

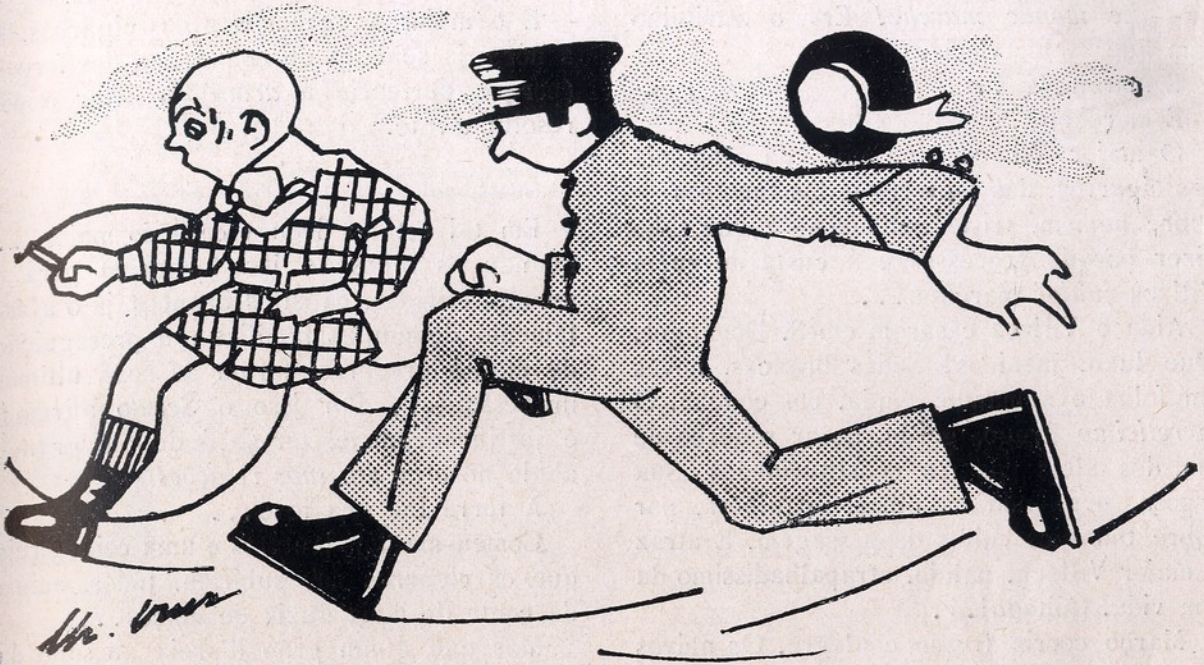
Não se diria que a conversa dos dois

fosse coisa de toda a gente não comprehender.

— Aqueles — dizia uma noite um salão, que passava — falam cá como uma pessoa.

— E eu gostava immenso que tu souesses. E' muito engraçado, pois não é? E até é bom saber-se...

— Muito!



O IMPEDIDO E O MENINO

Pois então. Não que elles não são mais do que a gente. E inda a *Republica* não chegou.

O alferes e a noiva ficaram um pouco a escutar. Era pasmoso!...

— A culpa foi tua!

— Minha?!

— Sim, tua. Pois não foste tu que distestes ahi «dois butes na guitarra»?

— E que tem?

— Que tem... E' calão. Já se vê que é calão.

— Deixa lá. A prima Galveas tambem assim fala e a mãe até gosta. Se tu souesses o que ella sabe. E' muito engraçado. Quem lh'o ensinou foi o Xico Sabugosa, quando nós iamos ás ferras, em Cintra. Até o rei gostava de a ouvir.

— Ora conta lá, dizia o Villaça, todo á curioso.

— Quando chegava a casa sentava-se á meza, traçava a perna e batia as palmas: — *E' lá; dois curtos*. Isso é que a gente ria!

— E' engraçado. Has-de apresentar-me á tua prima; no domingo. Gostava de aprender.

Previa-se que este rapaz, quando cadete, possuia esplendidos exercicios da arte de guerra... cupidicia.

Mas — ó pedras do caminho — certo festival no jardim dos ursos e das fôcas, preparou o trambulhão monumental, d'este Villaça manhoso, videirinho e arranjadinho, como o senhor seu pae.

A Aida, filha do Conselheiro Prego — juiz na Boa Hora — vendou-lhe os olhos como o Amôr e obrigou-o a tropeçar, para lhe cair nos braços.

Quanto se vingou a honesta sociedade e, muito mais, a sociedade orgulhosa, com este Quixote de calções á *Chantili*, sempre prompto a roubar-lhes a primeira *Graça* enamorada!

Villaça, cadete, apresentou-se, possuidor de bens. Tinha, tinha alguma coisa, «*um rendimento bem bonito*.» Esta mentira funesta, agravada por uma responsabilidade de amôr levado a serio, comprometeu-o d'alma e coração. Era, afinal, como um depoimento de reu, que d'uma só contradição



mete os pés em Africa ao aludido cavalleiro. Villaça só tarde reflectiu; mas como heroe moderno, fortalecendo-se com certa doze de audacia que é como bronze no animo de certos homens, tomou a responsabilidade do erro e... caminhou!

— *Le monde marche!* Era o estribilho com que se fortalecia.

E marchava...

E marchou...

O major Villaça, que vivia da economia dos cigarros, dos jantares e dos theatros — pobre homem, triste velhaco — é que sabe dizer porque processos e á custa de quem Villaça *junior* marchou...

Aida e Villaça casaram em S. Domingos. Que luxo, meninos! Sedas brancas, novas em folha e armando, ainda, em concha. O *mereticimo* Prego, gordo, no ar soberbo de um dos altos poderes constitucionaes. Sua esposa, erguendo os olhos, orgulhosa, por sobre todos os vultos de passagem. E atraz o major Villaça, palido, atrapalhadissimo da sua vida. Coitado!...

Março corria fresco e alegre. Os noivos fizeram pé em Cintra. Despezas extraordinarias, monumentaes, para Villaça major. N'esse verão, o nosso alferes fez duas quedas soberbas, no hypico. Mas quedas, despezas,

suores, tormentos, nada d'isso tirou ao chronometro militar aquella certeza caracteristica de, nove mezes passados, um Villaça e Prego, côr de rosa, entrarás barreiras humanas.

Um anno depois, outro.

E outro, ao fim de mais dez mezes.

E o major a economisar nos cigarros. E a nóra, já senhora do commando das forças (porque pertencia á *arma*), a bater o pé, resolutamente.

Em tal estado ficou a casa do major... quando os olhos se lhe fecharam para o mundo. Dividas, cabellos brancos, já o afastamento de muitas familias e a preseguição de muitos credores, foram as suas ultimas impressões... Por isso o *Seculo* afirmou, e justificadamente, ter-se dado um grande abalo no *orbe das suas relações*.

A terra lhe seja leve...

Comeu-me dois jantares e uma ceia. Creio que os cigarros não subiram, todos, acima da conta de meia duzia de maços...

Mas que é um grão d'areia ao sopé da cratera formidanda do Vezuvio?

A alta sociedade, sim.

Essa é que soffreu um grande *abalo* — ficou, como se usa dizer, entre brazas!...

(Caricaturas de Christiano Cruz.)

JOSÉ FRANCEZ.

O reconstituente por excellencia!

# Somatose liquida

Em todas as pharmacias e drogarias

# A catadupa ardente

POR

Frank Laville



EM por isso tenho a sua botânica em muita conta, replicou Beatriz.

Streathfield, a embaloçar-se na rede, pachorrento, e saboreando o gostinho de questionar — a sério — com o objecto da sua devoção.

Adorava-a, havia já dois annos, puxadinhos, e todavia, as oportunidades em manifestar-lho tinham-se limitado a poucas horas, ou, quando muito, a um que outro dia, — com intervalo de menses, ou ainda mais.

Agora, comtudo, graças a um acesso de febre regional, e á hospitalidade do seu commandante, passara uma semana inteira a aquecer-se á luz radiante do expressivo rosto do seu idolo, — semana deliciosa, que os trouxera a um acúme de familiaridade, concorrendo para tornar possível uma questiuncula.

Sorriu, contentissimo.

— E não obstante, impugnou elle, tenho-me farto de estudar a vida das plantas, por esses montes, ha mais de cinco annos.

— E com tão pouco resultado, que eu, em menos de dois, tenho feito muito mais descobrimentos do que o senhor. Asseverolhe que o *graphalium* abunda para baixo da linha da neve — o caso é sabê-lo procurar.

Streathfield abanou a cabeça,

— Ver . . . e crer, adversou. Eu, por mim, nunca o encontrei.

— E eu repito-lhe que sei onde se encontra, em espaços de milha — tenho a certeza.

— Onde, se me é licito a pergunta, e se é que a informação não representa monopolio ?

Elia, riu-se para o pae, como este assomasse á varanda e se sentasse numa poltrona de verga.

— Saberá que o capitão Streathfield teima em acreditar, que aquelle ramo sêco de *graphalium*, pendurado ali, na moldura do espelho foi creado por estes sitios, disse ella.

— Asneira, amigo, replicou sir Robert. Não viva na illusão de que aquelle seu esteril districto de Kotal açambarcou por junto á flora e a fauna de todo o Kust hindustanico. — E' uma planta silvestre, que cresce espontaneamente acima da cascata da Ferradura Ardente.

— Da Ferradura Ardente ? Streathfield ficou-se um instante a cogitar. Isso fica-lá para o districto de Kalentar, se me não enganano ?

— Fica. Meia duzia de milhas além da fronteira.

— Não é ali que o Futteh Khan ? . . . encetou o capitão.

— Tal qual, atalhou o commandante Ha dez annos era esse o theatro das suas proezas. Agora, comtudo, é um sitio tão seguro como a rua mais concorrida, lá em Londres.

Streathfield acenou com a cabeça.

— Assim me consta, respondeu. Mas . . . Ferradura Ardente ? Qual será a origem de um titulo tão esquisito ?

Sir Robert Grey pôs-se a rir.

— Não faria essa pergunta, se o tivesse visto em pleno dia. A agua despenha-se da

altura de uns cem pés sobre uma rocha, que é tal qual uma ferradura. Quando o sol lhe bate em cheio, e a refração dos penhascos vermelhos vem tingir o lençol de agua, dir-se-ia uma catadupa de bronze em fusão. E' uma garganta extraordinaria, e lá quanto a *graphalium*, abunda em qualquer das vertentes.

— E agora — está convencido? perguntou a joven, quando o pae se pôs de pé, internando-se no edificio. O capitão, comtudo, é que não era sujeito que desistisse, assim, facilmente do gostinho de discutir.

— Ver e crer, insistiu com teimosia, e um e outro lá foram continuando a esgrimir frases, até que o crepusculo e a pancada no gongo lhes veiu lembrar que o jantar mantem o seu posto, ainda na mais elysiaca ordem de coisas.

No dia immediato, assim que a alvorada despontou na fimbria das montanhas, o capitão desceu pela escada da varanda, muito de seu vagar. A rir, lá comsigo, a caminho da estrebaria. A discussão concorrera para estreitar a intimidade entre elle e miss Grey, na vespera: a si comtudo parecia-lhe havê-la levado um tanto aos extremos. «Hoje, dizia comsigo, tratarei de mudar de tactica.» Tencionava montar a cavallo, galopar até á garganta de Kalentar, alcançar um espécime da tão discutida planta, e com o signal patente da sua penitencia fazer jús á graça de um prolongado perdão, que elle receberia contrito e submisso, antevendo que viesse a render-lhe uns longes de ternura. — Bateu palmas, afim de acordar o somnolento curador indigena.

Este, accudiu ao chamado, a esfregar os olhos, e sumiu-se na estrebaria.

Decorridos uns três minutos, o nosso capitão, impaciente, foi ter com elle.

De repente, notou que, em um dos compartimentos, faltava um caválo.

— Onde está a egua da *mem sahib*? indagou. abrolhando-lhe, de subito, uma vaga desconfiança.

O curador, muito encolhido e mesureiro, respondeu que a dona, já tinha vindo mandá-lo aparelhar, para fazer o seu bocado de exercicio.

— Com escolta? perguntou o capitão, de chofre.

— Não, *sahib*, sósinha; respondeu o afghan.

Streathfield não esperou para ouvir mais' galgou para cima do seu alazão, e meteu a trote pela estrada da Residencia. — Parou á porta da casinhola da guarda, que marcava o limite do exiguo acantonamento.

— Viu passar a menina, cabo de esquadra? perguntou ao cabo, perfilado, e a fazer-lhe continencia; o alazão, aos corcovos, e a sarilhar, com a aragem esperta da madrugada.

— Saberá que vi, meu capitão; e apontou para o norte, onde a linha das montanhas, encerrando o vale, demarcava a fronteira; — haverá meia hora.

Vibrou a chibata na garupa do alazão, e o official despediu como um raio, através das terras cultivadas, para a beira do rio. O instincto segredava-lhe o que succedera.

O pensar de Beatriz Grey e o seu haviam coincido e tambem se levantara cedo a joven, com o fito em apresentar provas da sua afirmativa, e agora, levava-lhe duas milhas, ou mais, de avanço, galopando para a garganta da Ferradura Ardente, resoluta em trazer comsigo um testemunho, para lhe lançar por terra a incredula teimosia! E elle, carrancudo, a prever que os seus brilhantes planos de submissão se arriscavam a sosso-brar.

Um breve instante de reflexão, comtudo, veiu trazer-lhe novo alento. Conseguisse elle alcançá-la, antes de que ella chegasse ao seu destino, e alegaria aquella sua perseguição como prova de penitencia e de affecto dedicado.

A festo do leito do rio o trilho era menos mau. Os calhaus, soltos, espadanavam sob a pressão das ferraduras de animal, o saibro, porém, acamado, facilitava a andadura. Tinha ainda outra vantagem. De espaço a espaço, observava vestigios de ter passado por ali outro cavaleiro. Galgada obra de uma milha, a impressão das patas de um caválo seguia a eito para a esquerda, e elle, a abençoar a sorte que lh'as tornava visiveis. A não serem aquelles vestigios, haveria talvez errado caminho.

O piso cada vez se ia tornando mais escabrozo. Em alguns pontos, uns penedos enormes, pardacentos, entaliscavam a vereda, e as neves invernaes haviam arrastado detritos que atulhavam o algar.. Os regatos a esfervelharem por debaixo dos penhascos

mal se viam, actualmente, de fundas que eram as rachas. O caválo já principiara a arrifar.

Trepou a uma rocha, quasi que a prumo, que escondia a perspectiva do barranco, e antolhou-se-lhe, lá ao longe, alvejante e a scintilar, ao clarão do sol nascente, o ponto que devia encerrar a solução das suas dvidas — a catadupa da Ferradura Ardente.

Um immenso lençol de agua, rompendo da crista de um precipicio e despenhando-se sem intermitencia na furna de um valle subjacente. Era tal qual a cauda pujante de um corcel gigantesco, branco de leite, a scintilar d'encontro aos penhascos umbrosos, e descrevendo uma curva de primorosa gracilidade.

Brandiu no ar o capacete e clamou. Mas não foi apenas com a satisfação do descobrimento. A uns quatrocentos passos, em frente, guiando o caválo com destreza por entre os matacões de granito, distinguira um vulto indeciso. Beatriz ia ali, na sua frente! As coisas iam correndo bem!

Ella, ouviu-lhe a voz. Voltou-se no selim, e o éco debil da voz da joven veiu ferir o ouvido do apaixonado capitão. Ella, acelerou o passo á montada.

Elle, percebeu-lhe a intenção. A caprichosa menina espartava a egua para ser a primeira a alcançar a prova impugnada. Tratava-se de um certame hippico, afinal? Pois bem, elle apostava por o seu alazão, apesar dos premios que a egua tinha ganho á dona, lá nas proprias corridas, em Simla. Soltou novo clamor, e meteu o poldro pela encosta abaixo a galope desfeito.

A principio, a joven, menos pesada, levou-lhe vantagem. A montada do capitão, aliás, ia esfalfada com a ladeira, ao passo que a sua já encontrara dez minutos de descida para se refazer. Gradualmente, porém, á proporção que o poldro ia tomando fôlego, e a boa mão de redea, e a cauta destreza do cavalleiro entravam em jogo, foi diminuindo o intervallo. Streathfield expediu através do espaço um desafio faceto.

Teve resposta, mas não da joven. Estroncou um tiro, lá de um pincaro, á esquerda, repercutindo-se de penhasco em penhasco, até ao fundo do barranco. O caválo deu um galão, convulsivo, recuou, barafustou no ar com as patas dianteiras, e baqueou, inerte, despedindo o cavalleiro do selim a rebolar, atordoado, pelos penedos.

Streathfield ouviu um grito, e em seguida, o tropear das patas de um caválo voltando para trás. Pôs-se em pé, a cambalear, ao tem-

po que Beatriz arretava a égua, junto d'elle, escorregava do selim, — e acto continuo, retumbava outro tiro no silencio do barranco.

— Está ferido? — Está ferido? inquiria ella, anciosa, e os dedos a tremerem-lhe, asidos ao braço do mancebo. Elle, disse que não, cabeceando. A bala silvara, inocua, ao longo do barranco, a egua, porém, incolume mas assustada, arrancou as redeas da mão da dona, e incontinente, ella ahi vae, a galopar, desatinada, a caminho da estrebaria. Zuniu outra bala que se chapou perto delles, com um estalido.



BRANDIU NO AR O CAPACETE E CLAMOU

Streathfield travou da mão á joven, e puxou-a para trás do penedo mais proximo. Abrigando se com a rocha pôs-se a espreitar o fraguado.

O tisonado rosto de um *pathan*, a arreganhar um riso maléfico, surgiu acima das restevas, e resouu nas alturas um clamor triunfante.

Streathfield olhou para cima e patentearam-se-lhe uns vinte vultos, e saltar de fraga em fraga, velozes, para se reunirem ao vigia, no algar. Tratou de pôr em acção o revolver, que todo o individuo de raca branca nunca deixa de usar, naquellas paragens fronteiriças.

O vulto isolado impinou-se de encontro ao horizonte, engatilhando a comprida escopeta *jézail*, que ferira no coração a brioza montada do official. Este, tomou o fôlego dispondo-se para o que desse e viesse. O *pathan*, pelos modos, suppunha-o inerme.

Com a firmeza de homem afeito a trilhar fragas e alcantís, o bandido veiu vindo, aos pulos, de penhasco em penhasco, ancioso em ser o primeiro a assenhorear-se da preza, que a sua bala certaíra lhe havia grangeado. Streathfield, agachado, sem bulir, á espera de o apanhar ao alcance.

Então, ao erguer-se, retumbou novo tiro. Sem se lhe ouvir um brado, o homem despenhou-se n'uma fosga. Um clamor de raiva ecoou cá em baixo, entanto o capitão, aferando pelo pulso a joven, despedia ás carreiras pelo barranco além, furtando-se, agil, a coberto das anfractuosidades da rocha, arrastando comsigo a companheira.

Não havia meio de escapar, quanto a isso, demais o sabia elle; homem algum, de botas e esporas, póde ter esperanças de competir com o *pathan*, de babuchas, nas suas proprias fragas. E comtudo, havia a sorte de topar com uma qualquer posição — uma lapa, o pincaro de um rochedo, um nicho entre os penhascos de granito — onde pudesse aguentar-se com o seu revolver, até sobrevir auxilio.

Pois devia de vir, affirmava elle a si proprio. Dois regimentos indigenas e meio batalhão inglês podiam lá consentir, que uma mulher de raca branca fôsse raptada naquelles alcantís, sem que se procedesse a uma pesquisa, feroz quanto insistente? Conseguisse elle aguentar-se, até ao escurecer —

até á tarde, quando menos, — e o soccorro não deixaria de vir.

Galgaram meia milha, ás cegas, por assim dizer. As balas, a lascar os seixos, por pé delles; e os bramidos de raiva, por detrás das suas costas. O lódo mole do rio a pegar-se-lhe ás botas de montar: Beatriz, aos tropeções á saia de amazona. Mas corriam com teimosia. o attrito dos estilhaços de pedreira a torturar-lhe os pés, e elles, anciosos, e respirando a custo.

Depois, um subito desgarrão, a mão da joven como que arrancada do aferro do companheiro. Ella, baqueou, sem fala, a arfar. Escorregara-lhe o pé nuns seixos, e a queda acabara aquillo que a estafa de meia milha tinha encetado. Streathfield percebeu que a joven de modo nenhum podia dar nem mais um passo.

Espraiava a vista com desespero, em derredor, a praguejar, raivozo, entre dentes, ao ouvir o uivo de triunfo dos perseguidores. A umas cincoenta braças, para além da torrente, uma lasca de rochedo resvalara lá de cima, ficando encostada á base, a um angulo deixando um intervallo de uns cinco palmos. E elle, a vará-la com os olhos.

Chapou-se uma bala, aos pés de Beatriz, arremessando-lhe a areia ao rosto. Ella deu um grito. Streathfield girou sobre si, cingindo-a nos braços, e deitou a correr com desespero, através do leito do rio. O frouxo baluarte era bastante defêsa contra aquelles cães da fraga. Aprenderiam á propria custa quanto custaria ao primeiro que tentasse forçar a enesgada órreta. Arrostá-los ia até que soasse a hora da libertação. Volvido um instante, tornejara o parapeito de pedra, a cujo abrigo conseguiu depôr a pesada carga.

Olhou para fóra e viu a chusma dos perseguidores investir para a frente, a ceu aberto, trepar pela encosta, e estacar. Avariavam, afinal, a posição que tinham que levar de assalto.

Falazavam gesticulando, e fôram-se ajuntando, a um e um, como se aquelles fojos e algares vomitassem gente. Depois um dos bandidos conseguiu ser escutado, — o caudilho, ao que parecia — e aprovado o seu alvitre. Retiniu do auditorio uma gargalhada estrepitoza, e dois bandidos apartando-se da chusma, enfiaram de corrida pela gar-

ganta além. Os outros para ali se postaram a expectorar chufas contra os defensores da improvisada fortaleza, comquanto parecessem ter sustado a qualquer tentativa de *accommeter*.

— Se elles se limitarem a vociferar e a ameaçar-nos, de punho cerrado, ainda poderemos escapar desta, dizia *Streathfield*. Daqui a uma ou duas horas, assomam ao barranco uns quinhentos homens, a suar e a arfar. E a praguejar como uns damnados. — Pudera! accrescentou o moço, tentando levar o caso a rir.

*Beatriz* não abriu bôca, por instantes, limitando-se a abanar a cabeça.

— Não me fio nestes malvados, declarou. Deixe ver o que fará aquella cáfila que meteu a correr pelo vale; elles têm um qualquer plano — tão certo! Intentam armar-nos para ahi alguma cilada, que não podemos prever.

O official engatilhou um sorriso implacavel.

— De uma coisa tenho eu a certeza, afirmou elle. Restam-me cinco cartuxos. Os cinco primeiros que se atreverem a enfiar pela órreta, vão-se abaixo, — e estou convencido de que já o avaliaram.

Ella fitou-lhe os olhos, interrogativos.

— Quatro? perguntou; quatro?

Elle, hesitou um instante, antes de responder; depois olhou para ella com resolução

— Desejaria que eu conservase um cartuxo, na expectativa do peór?

Viu-a empalidecer por baixo do crestado do sol, mas leu-lhe nos olhos resolução igual á sua.

— Sim, respondeu ella com firmeza — sim, com certeza que o desejo; e durante dez minutos, nem um nem outro abriu bôca,

vindo apenas quebrar o silencio o rugido distante da torrente ou o grito de um milhano a esvoaçar.

Então, como que por subito instincto. *Beatriz* ergueu os olhos para o docel de penhascos. Soltou um grito; *Streathfield* voltou-se de repelão, seguindo-lhe a direcção do olhar, a tempo, justamente, de a atirar ao chão e erguer o braço á laia de escudo. Uns doze rostos tismados á espreita por cima da penedia, e um clamor da chusma postada além do rio; o cotovêlo do official aparou o matacão de granito que haveria acertado na cabeça da companheira. Bateu-lhe numa fonte novo projectil, deixando-o atordoado e inane.

Os serranos, com um berro, ergueram-se de pé e investiram pela encosta. A luctar, oprimida pelo péso do corpo inerte de *Streathfield*, *Beatriz* lançou mão do revolver que o official largara na queda, ao tempo

em que a mão de um *pathan* a aferrava pelo pulso. Sentiu-se um arranque, um puxão, e com o som abafado de um tiro, o corpo de um *pathan* baqueou sobre as pedras e ficou inerte.

Aos atacantes a victoria, aliás, não deixara de custar sangue.

Dali a meia hora, *Streathfield* recuperava os sentidos, a pouco e pouco, com um fragôr de aguas revoltas a azoinar-lhe os ouvidos, e a dôr aguda nos pulsos e nos tornozêlos, das cordas de estopa com que o ataram, a atormentá-lo.

O balanço rythmico de uns homens marchando a compasso levava-o por ali fóra. Eram meia duzia, segurando a extremi-



BEATRIZ LANÇOU MÃO DO REVOLVER QUE O OFFICIAL LARGARA, NA QUEDA...

dade de cada liame, e a par delle, outros tantos levando em charola Beatriz. Ia da cõr da cêra o semblante da joven, examine e de olhos cerrados. E elle a dizer comsigo que estava morta, e a dar graças ao Ceu por ella haver tido animo de lhe ter poupado o alvitre para que elle haveria appellido. Fôra aquelle tiro, sem duvida, que lhe retumbara aos ouvidos, no acto de elle perder os sentidos, atordoado com a pancada.

Acto-continuo, porém, morria-lhe a prece nos labios, Beatriz abriu os olhos, infitou-os nelle e a expressão de um e outro era do mais intenso desespero. E elle, sem poder conter um gemido, que os *pathans* que o levavam em charola acolheram com gargalhadas de escarneo.

Lançou a vista pela senda escabroza, e percebeu a causa daquelle estrondo atroador das aguas que estava ouvindo. O prestito dos seus portadores ia avançando firme para a catadupa, — achavam-se a uns cincoenta passos da queda de agua da Ferradura Ardente. O resurtir da espuma até já lhe inundava o rosto; moveu a custo a cabeça, em redor, e olhando para baixo, contemplou, lá no fundo, o torvelinho das bolhas de agua a esfervelhar.

Era aquella a sorte que a ambos esperava — era o desenlace da tragedia. Elle e Beatriz haviam de ser arremessados para aquella voragem férvida, espumejante, esmagados e triturados por aquella mó implacavel da rocha.

Estremeceu, e depois de reflectir, tornou a dar graças ao Ceu. Havia de ser breve, sequer ao menos — uns instantes de agonia, e depois, o olvido total. E dahi, comparado ás possibilidades da selvajice *pathan*, era ainda um acto de misericordia.

E não obstante, desviou a vista. Sentia-se capaz de arrostar com a morte, — no momento dado — e pedia a Deus que lho não prolongasse, — ao contemplar, porém, aquelle abysmo, os nervos como que se-lhe afrouxaram. E o pensar em Beatriz era a propria agonia, esfacelava-lhe o coração. Se a espectativa o aterrava, a si, homem que tanta vez tinha arrostado com a morte, a que ponto a aterraria a ella, que vivera, até ali, ignorando o que fóssem perigos ou lances desesperados?

Achavam-se agora ao alcance de uma pe-

drada — parados á propria sombra do lençol da agua da catadupa.

O estrondo era ensurdecedor; as rochas a pingar com o esparrinhar da agua.

A uma voz do cabecilha, estacaram os portadores, depondo a carga sobre uma lage, mesmo em frente do sorvedeiro.

O bandido acenou a dois sequazes, uns tições robustos, athléticos, de musculos salientes, arreganhados num riso cruel, implacavel. Debruçaram-se, um aos pés de Streatfield, o outro á cabeça. Ergueram-no em peso. Devagar, a principio, depois com impeto crescente, puseram-se a embaloicá-lo, para trás e para diante, ganhando impulso, dizia elle comsigo — afim de o arremessarem, com um ultimo empuxão, para o proprio amago da cataracta, para ser triturado numa polpa informe pelas prezas dos penhascos que lhe serviam de alvéo.

E a abanarem-n'õ, para lá e para cá, outra vez.

E repetiu-se — accelerando o impulso, — uma, duas, — três vezes — e elle a sentir afrouxar o aferro, o que significava o preludio da solução final — agora — era chegado o fim — com tremendo impeto voou por ali fõra — crente em que o amargor da morte havia passado, finalmente — e estacou.

E aquelles verdugos sem o largarem, ofegante, ao passo que a cafila dos bandidos ululavam com alegria diabolica. Pudera — que optima patuscada — o estarem gozando aquelle espectaculo — o *giaúr* — o christão odiado, em transes de agonia — estarem-lhe lendo nos olhos o desespero da expectativa do lance final — cada vislumbre de esperança alternando com um arranque de pavôr — que riquissima folia! Facecia das taes que é raro apanhar; que devia de repetir se, até se haverem esgotado de todo os recursos da tortura.

Empurravam-se aos pares, afim de não perder um só instante daquelle recreio de enthusiasmar, a rosnarem uns para os outros que era pena ter desmaiado a mulher, perdido assim o ensejo de se renovar, duplicando-o, o gozo requintado do tormento.

E, durante minutos sem fim de agonia se foi prolongando jogo tão deshumano.

Retiniu pelo valle subjacente um tiro de refle. O cabecilha, um latagão de barba gri-

salha e aspecto bravo, trepou a um penedo pond' a mão em pala sobre os olhos. Expediu uma ordem breve. Os prisioneiros fôram levados em charola, muito á pressa. Amparados aos penedos com uma das mãos, e aguentando o frete com a outra, os carregadores lá fôram trepando, de fosga em fosga, engatinhando, a arfar, magoando e lacerando os captivos, na anciania da subida. Dir-se-ia quererem internar-se na propria catadupa; as delgadas torrentes que a flanqueavam despenhavam-se em pêso em cima delles, ensopando-os até aos ossos.

Estacaram, por instantes, numa lage estreita, saliente, depois, com veloz investida, transpuseram uma densa cortina de agua, e no mesmo instante, acharam-se numa lapa, aberta no rochedo, caver-

na espaçosa por detrás do proprio centro da cataracta. Ali, chegados, pararam.

A luz solar dardejava ao través em milhares de raios de arco iris.

Deitaram os dois prisioneiros na rampa alagada. Então, a um sobranceiro aceno de mão do chefe, retiraram-se os portadores. O bandido, para ali ficou, debruçado sobre ambos, a rir, tal qual um fauno maléfico. Levantou a voz num clamôr, afim de que o ouvissem acima do rugido da cascata.

— O *sahib* e a *memsahib* aprenderam um

dos segredos da serra! vociferou. O proprio misterio da catadupa da Ferradura Ardente!

E agora, oiçam outro! Quem é que lhes está falando? — Mas não, é escusado estarem a cançar o cerebro. A noticia é demasiado recente e não pôde ter-lhes chegado aos ouvidos. — Sou Futteh Khan — que encaneci, dez annos a fio, longos e fatigantes, lá na prisão, em Agra. — Futteh Khan, legitimo senhor destes alcantís,

que, tal qual um pombo caseiro voltei a buscar o meu ninho — e que em boa hora voltei, para encontrar recompensa dos longos tormentos infligidos pelos meus grilhões! E' digna de ouvir-se a historia, não é assim?

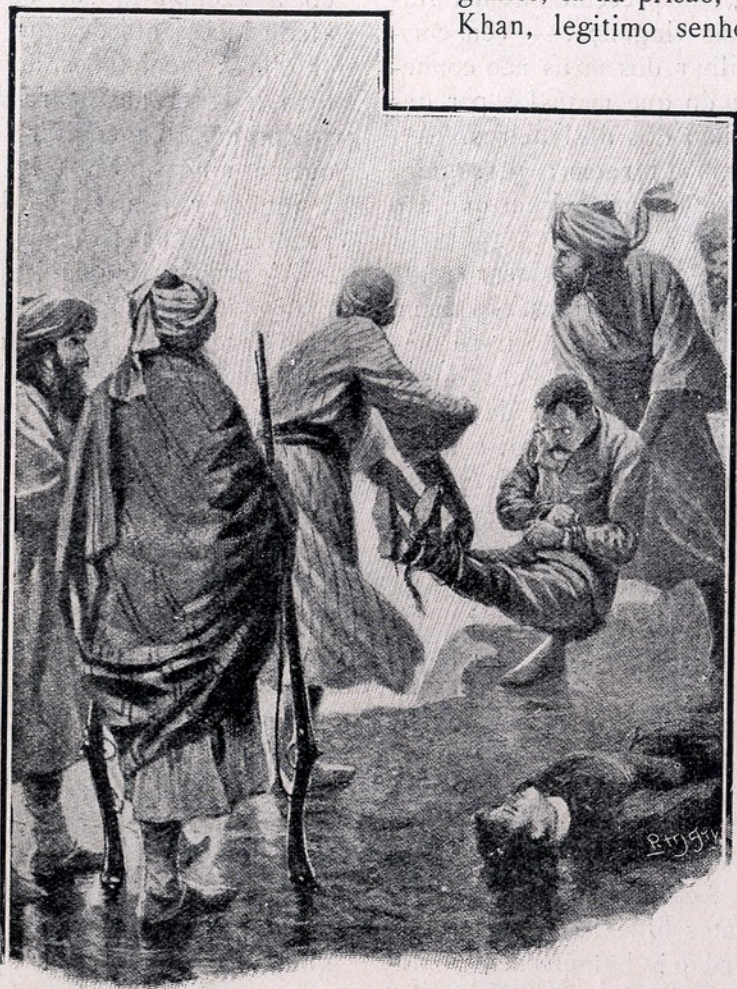
Responde, filho dos meus carcereiros! clamou, imprimindo a sola da babucha no rosto de Streathfield.

Este, olhou para elle com firmeza e o rubro estigma da pancada a a foguear-lhe

a face livida. Mas dominou-se, impassivel.

— Pouco aprendeste do nosso regime, em dez annos, Futteh Khan, retorquiui; se julgas que este teu atentado ficará impune. Antes de que se esconda o sol, dois mil homens haverão levado de escalada o pincaro mais alto das vossas serranias, para vos obrigarem a dar contas. Solta-nos immediatamente, se desejas preservar das chammas as tuas aldeias, e os teus sequazes do presidio e do tributo de sangue.

O afghan soltou uma gargalhada maligna.



E A ABANAREM-N'Ô, PARA CA' E PARA LA', OUTRA VEZ



— Elles já ahi vêm, *sahib* — elles ahi vêm! As vedetas apontam ao extremo do barranco. — Por que os não chamas de rijo — vá, grita — e verás que, nem o troar do canhão poderá suplantar o estrondo da queda de agua. Assolar as nossas moradas? Em nome do santo proféta de Allah, muito embora reduzam estas nossas serranias a um deserto esteril e desolado, não prescindo de um atomo, sequer, da minha vingança. — Vêm combater-nos? Um milhar dos meus não conhecem maior alegria do que matá-los por detrás de cada farelhão dos desladeiros.

Que nos persigam e tornem a perseguir! Crês que insistirão, quando virem que são baldadas as pesquisas?

Vêm ahi, sim, e hão de passar rente de nós — a meia duzia de passos, e podiam, até, estar mais perto — e hão de ir-se embora, sem saber coisa nenhuma. Pensa nisto, *sahib*, pensa nisto! A dois passos da salvação, e ella a vir ter contigo; e tu, a saberes que se afastará, que lhe has de passar despercebido. — E depois, *sahib*, e depois...

E lambia os beiços, implacavel.

Streathfield não pestanejou, sequer.

— E depois, Futteh Kan, e depois?

O afghan riu-se, feroz.

— E depois — sim, os dias do meu exilio hão de ter recompensa! Eu, gemi, por ventura, sob os lategos do azorrague? Não! Supportei os tormentos sem abrir bôca. Mas tu chorarás, bem alto, homem dos meus oppressores, quando sentires nas tuas carnes o meu ferro. Acaso as minhas esposas e os meus innocentes filhos carpiram a implorar o meu perdão? Lamuriaram á altura das tuas botas, conforme tantas o têm feito? Não, que o orgulho da serra estava com ellas, a tua irman, comtudo, derramará lagrimas, e mais do que lagrimas, até, antes que a minha faca lhe conceda a mercê de a libertar. Vingança? Pelas barbas do Proféta, hade ser digna de mim — vingança que será cantada, ainda, quando tu e eu e todos que trilham estas fragas estiverem reduzidos a pó, em outras tantas sepulturas! E agora, tenho que haver-me com aquelles que andam em vossa procura, *sahib* — que haver me com esses torpes cochinos desses Sikhes, e desses inglêses, que, na busca, nada mais encontrarão, além das balas da minha jezaíl. Tem paciencia, *sahib* — custaa-

me o deixar-te sósinho, mas não tardarei em voltar. Jaze para ahi e medita — cogita no salvaterio, no limiar da propria jaula, e convence-te de que é em vão, *sahib* — de que é em vão!

Disse, e, com um acêno de escarneo, abalou.

Sósinhos, com aquelle intermino ronquido a azoinar-lhe os ouvidos, com aquelle alude incessante de agua a deslizar-lhe ante os olhos; manietados, impotentes, perdida de todo a esperanza, para ali ficaram, ambos, ao desamparo, a cogitar na morte, ou naquillo que é ainda peór, talvez — orando, afinal, a implorar o misericordioso livramento da propria loucura!

A' proporção que iam deslisando as horas, veiu vindo a reacção do estupôr. O rugido incessante, o fuzilar daquella myriade de luzeiros da espuma, a fome, a dôr — tudo junto completou a sua obra. Pois que ao mancebo a propria vida se lhe prefigurava ter chegado ao seu termo, e o futuro, um vacuo, apenas, indeterminado e ignoto. A pouco e pouco, foi-se afundando num estado de semi-inconsciencia, a ponto de quasi que nem sequer sentir a propria dôr.

De repente, como que uma ferroada aguda, num braço, um esticção afflictivo, a espicar-lhe os atrofiados nervos, chamando-os á vida. Abriu os olhos, e ficaram deslumbrados por um clarão obcecante. Apesar da frescura das correntes, emanadas pela agua a cair, o ambiente era de suffocar. O penhasco em que elle jazia, o proprio fôrno.

Pôs-se a observar a vasta extensão de granito corroido pelas aguas. Já não luzia, como que polvilhado pela chuva. Ella, caía, mas no acto de cair transformava-se em vapôr. Ainda mais, num ponto, a menos de uma braça do seu poiso, onde um fio de agua caía do tecto da caverna, referviam os pingos e chiavam ao tocar na lage. Mexeu-se e a carne da mão nua achou-se em contacto com a pedra. Por pouco não gritou. Estava quente, — a escaudar, como se por baixo estivesse ardendo uma immensa fornalha! Aquelle misterio da fraga seria mais impenetravel do que elle proprio suppunha?

Dar-se-ia o caso de que o fraguedo fôsse a expansão eventual dos eternos fogos vulcanicos?

Então, de subito, ao reportar a vista, ou-

tra vez, para o clarão que penetrava a torrente, aclarou-se-lhe o segredo. A fornalha era por cima, — e não por baixo, no interior.

Aquelle immenso arco de agua concentrava os raios do sol, estabelecendo um fóco, tal qual um botão luminoso, na rocha, ao pé delle. Achava se por detrás de uma lente, ignea, estupenda!

Por instantes, como que respirou, aos sacões. E elle a encolher-se todo, — a retrahir-se do ponto deslumbrante. Faria aquillo parte dos tormentos evolvidos pelo cerebro bravo do afghan? — Havê-los-ia atirado para ali a sorte, de proposito, no seu caminho, afim de serem escaldados, torrados em vida por aquella chamma implacavel?

No mesmo instante, elle lá ia avançando, a custo, de rojo, para o proprio fóco, forçando a quanto musculo e a quanto nervo tinha no corpo. Tal é o poder da esperança, do instincto de vida, de liberdade! Com a ancia do desespero immergeu os manietados pulsos no disco refulgente, esticando a corda de estópa com quanta força tinha.

Gemeu; o fóco esbraseado concentrava-se no nó, atado entre as palmas das mãos, os raios incandescentes, comtudo, escaldavam-lhe a propria carne. A pelle encres-

pou-se, esfolando-se, a empolar a olhos vis-tos. Fincou os dentes, a transpirar por quanto póro tinha no corpo.

E as pulsações do coração quasi que a afogarem-lhe a garganta. E as cordas a de-negrir, crestadas, mas só á superficie, ao que parecia. Escanchou os braços, num fre-

nesí de dôr, e os liames ainda sem quere-rem cedêr, ao passo que a carne, quei-mada, refer-ria até ao osso.

O que quer que era, — um qualquer vis-lumbre tenue de som — pa-receu-lhe fil-trar-se atra-vés do fragór dominante da cata dupa. — Seria um tiro de espingar-da? — achar-se-iam os seus á porta d'a-quella sua masmorra? E elle, aos pu-xões ás cor-das, convulso, desatinado, e as cordas sem quererem ce-der!

Sentiu o chape-chape

de umas chinelas. Alando-se nas mãos coac-tas acima da lage candente, ergueu a vista. Emergendo da cortina de espuma, eis-lhe surge outra vez Futteh Khan.

E o afghan a contemplá-lo, com expres-são de implacavel contentamento. Não sus-peitara de coisa nenhuma, até ali. Soltou uma gargalhada.

— Acham-se a uns cem passos, os teus ami-gos, *sahib*; tão perto, que eu, homem pacifico, tive que vir ter contigo, para lhes escapar.



A FAIXA VERMELHA, O QUAL RELAMPAGO INSTANTANEO, LISTROU A PAREDE VERDE DA AGUA

Grita, clama por elles, não consintas que se afastem sem gozar a tua hospitalidade. Em nome de Allah, convida-os a entrar.

Não foi verbal a resposta. Com um arranque, partiram-se os denegridos fios, e Streathfield, aos puxões aos liames que lhe tolhiam as pernas. Futteh Khan bramiu uma feroz blasfemia e armou um pulo, desem-bainhando o facalhão que trazia á cinta.

Alou-se a meio o inglês, fingiu querer mandar-lhe um murro, e chapou-se em frente do bandido, a tolher-lhe o passo.

Deu-se a collisão. As sólas das babuchas escorregaram na lage alisada pelo sol, e o golpe da lamina encontrou o vacuo.

Vooou pelos ares a zunir a propria arma, entanto o dôno baqueava a pêso sobre os cotovêlos, atordoado pela pancada contra a lage granitica.

A bota de montar do official caíu pesada sobre a trunfa do facinora. O miseravel, a barafustar, desesperado, na pedra brunida, e as mãos sem encontrarem prêza. Foi escorregando, ganhando impulso a cada alo. O berro, que estrugiu pela lapa, dir-se-ia sobrepujar o proprio trovejar soturno da catadupa; e as mãos enclavinadas, num desespero, a aferrarem... o nada. A faixa vermelha, qual relampago instantaneo, listrou a parede verde da agua, sumindo-se, depois, como poderia ter-se sumido uma palhinha, no torvelinho de férvidos borbotões da voragem subjacente.

Ainda sob a acção lubrificante de quem acorda de um sonho, Streathfield deu por si a erguer da lage a lamina rutilante e aos golpes ás cordas que manietavam Beatriz, e como que numa visão, lá a foi amparando através do veu aquatico, descendo pela fraga por entre um bolcão da espuma, e caíu, por assim dizer, nos braços de uns vinte aguerridos Sikhes, azafamados, a espreitarem em vão pelas sanjas e algares, expectorando horridas blasfemias e ameaças, e despedindo balas inefficientes contra os pathans, a mofarem delles, lá dos pincaos. E as explicações que lhes deu fôram vagas, incoherentes.

Quando sir Robert Grey e outros quinientos sadios rostos inglêses assomaram ao barranco, retumbou um clamor de jubilo. Strathfield sentiu como que um baque no cerebro, e ficou-se, para ali, mudo, e com os olhos fitos em Beatriz, desmaiada, nos braços do pae.

Foi-se abaixo das pernas, e, na queda, sentiu nas mãos o contacto de qualquer coisa macia como veludo; verificou que, em torno de si, se espriava uma como que alcatifa de plantas, de fôlhas acinzentadas, e de flores, lanigeras, penugentas.

Entrou a rir, num riso estranho, impessoal; abaixou-se e arrancou um punhado das mesmas.

— *Graphalium!* murmurou; riu-se outra vez e caíu para trás, examine, como morto.

O luar banhava a varanda, naquella noite, com uma luz vívida, imprimindo ás sombras o aspecto de faixas de veludo, e transformando o terreiro em frente do edificio num lago de prata. Streathfield, absorto pelo encanto daquelle magico scenario, voltou-se ao roçagar de um vestido. Defrontou-se-lhe Beatriz, com o semblante illuminado pelo luar e os cabellos immersos na sombra.

Tinha os olhos marejados e os labios num tremôr. E ambos permaneceram silenciosos um instante.

— No fim de contas, prorompeu elle, de golpe — tinha razão, Beatriz.

Tirou do seio o molho de fôlhas amarfanhadas, alisando-as com as mãos envoltas em ligaduras.

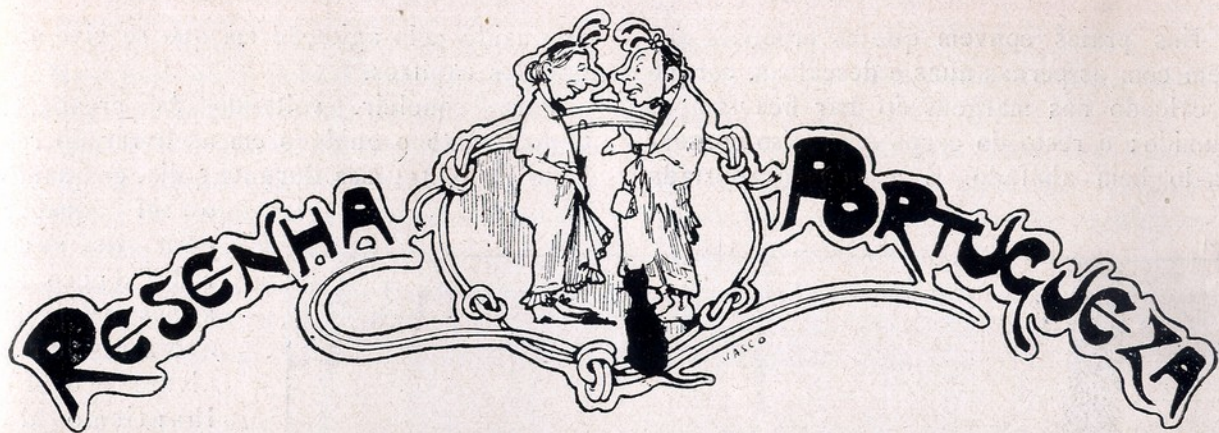
— Quer aceitá-las? perguntou o moço; e guardá-las? acrescentou, com os olhos fitos nos olhos della.

No semblante da joven, a expressão lagrimoza deslisou num sorriso.

— Com o seu acto de penitencia? respondeu, estendendo-lhe a mão.

Elle, voltou a cabeça.

— Não — mas sim com toda a minha alma, exclamou; e cingiu-a nos braços.



### Bartholomeu de Gusmão

A 6 d'agosto celebrou em Paris a Academia Aeronautica Bartholomeu de Gusmão uma data gloriosa: o 202.º anniversario em que o celebre inventor portuguez realisou no pateo da Casa da India o seu primeiro vôo, na presença do Rei, da côrte e de muito povo.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão nasceu em Santos, Brasil, em 1685.

Antes, porém, d'elle tinham tentado *ven- cer o espaço* Bacon, Lana e Galliano, mas infructiferamente.

Durante muito tempo suppoz-se que a tentativa de navegação aerea se devia aos irmãos Montgolfier, mas basta saber que estes fizeram subir um aerostato em 1783, quando em 1709 o nosso compatriota realisara a sua experiencia.

Tinha a machina a fôrma d'um passaro crivado de muitos tubos pelos quaes passava o vento para encher uma especie de bojo, que servia para a elevar, e se faltasse o vento, conseguia-se o mesmo effeito por meio de folles interiores. A ascensão devia tambem ser promovida pela attracção electrica de peças d'ambar, dispostas na parte superior, e por duas esferas, na mesma posição, incluindo o magnete.

Embora o Monarcha protegesse o infeliz Bartholomeu de Gusmão, nem por isso elle deixou de ser alvo das chufas dos engraçados da sua epocha, e tambem o accusaram de pacto com o diabo.

Falleceu, depois de tanto desprezo, — e Portugal ainda não resgatou a sua enorme divida — no hospital de Toledo, a 18 de

novembro de 1724, sendo enterrado á custa da irmandade dos ecclesiasticos de S. Pedro.

### A vida na praia

O mez d'agosto é o que a sciencia mais recommenda para banhos de mar.

A' maneira que a medecina progride, a nossa vida e os nossos costumes sofrem modificações por ella aconselhada. Preconiza-se muito o banho do mar, o ar salino e a demora prolongada nas praias.

Mas tem que se attender a varias precauções, porque esse banho nem sempre é proveitoso, excitando por vezes a gente nova e as pessoas fracas ou nervosas.

Evitem os esfriamentos, porque estes degeneram, quando causados pela fresca e humida brisa salina, em doenças d'estomago, doenças de garganta e até accessos febris.

E' um erro julgar que a humidade salina não encerra perigos. Os fatos impregnados em agua do mar, devem-se trocar por outros seccos o mais rapidamente possivel, pois podem causar alterações seja qual fôr o temperamento.

A quem observar os costumes dos habitantes da costa não passará despercebido o especial cuidado que elles teem em se livrar da humidade e do frio, e assim, seja qual fôr a epocha, usam fatos de lã, dando-se o caso que na Bretanha e na Galliza as mulheres põem duas ou tres saias de panno forte, e os homens nunca tiram a camisola de flanela.

E se o traje varia segundo as localidades, a base é sempre a lã de tecido apertado.

Nas praias convem que as creanças andem com as pernas nuas e descalças, porque o calçado nas margens do mar fica sempre humido; o resto do corpo é preciso conserva-lo bem abafado. E a mais apropriada

produzido pela agitação em que se vive nas grandes capitaes.

Para concluir, voltando ás creanças, tenham todo o cuidado em as livrar do relento da noite, mas durante o dia, enquanto o sol aquecer com os seus raios d'ouro as areias da praia e faz resaltar a alvura e o brilhantismo da espuma das ondas, deixem-nas em toda a liberdade, que corram, que brinquem, alli ou em jardins ou alamedas proximo da casa.

Tomem todo o cuidado na sahida do banho.

Apenas fóra d'agua, vistam-lhes uma camisola de flanela,

comprida e secca, e assim se evita o tremor que as accomette quando sahem para o ar livre.

Depois do banho o repouso, e ás creanças mais que aos adultos.

E se as leitoras quizerem recobrar a energia que se perde nas cidades precisam nas praias adoptar um genero de vida especial.

### As feiras

Deriva-se a palavra *feira*, segundo uns da latina *forum*, que significa praça publica; outros, porém, originam-na em *feria*, porque não costuma haver feiras senão nos pontos onde se celebra alguma festa, e ha quem opine que procede de *fazendo*, porque todo o commercio levava alli as suas mercadorias.

Os lithuanos tinham uma festa annual a que chamavam a *festa dos avós*; reuniam-se n'um templo em volta dos seus sacerdotes, evocavam as almas dos mortos e offertavam-lhes orações e iguarias.



FEIRA D'AGOSTO — 1.º PREMIO

veste é um *maillot* grosso, bem cingido ao pescoço, e por cima do qual é conveniente pôr uma camisola de flanela.

Quando as meninas teem mais d'oito annos, aos corpos de lã põe-se-lhe uma saiasinha, ficando a cintura coberta com uma blusa de marinheiro, e como os grandes chapéus são sempre incomodos por causa do vento e preservam tanto como um d'abas curtas, é melhor recorrer a estes.

Estes conselhos, sempre uteis d'atender, dedicam-se ás senhoras que buscam um pouco de tranquillidade nas terras maritimas, no fim de descansarem das agitações da vida moderna. Mas tambem podem ser prestadios ás que concorrem a pontos onde o mar é só um accessorio do casino e alli continuam a vida mundana com todos os seus resaibos d'elegancia e côr local.

Ha um grande numero de pessoas que procuram no verão o isolamento, e o grande *sport* é actualmente um recanto ao pé do mar, isolado de verdura e onde a voz do Oceano faz esquecer o nauseante rumor

Mais uma vez a feira d'Agosto, que acaba d'abrir, me recordou uma epocha feliz.

Aquella em que eu percorria o calendario para ver quando se realisava a das Amoreiras, a de Belem ou a do Campo Grande.

E então sonhava com uma espada de pau, com uma espingarda de cano de folha, com uma caixa de bonecos de chumbo...

N'esse tempo os rapazes não andavam de relógio nem com luvas, nem se entretinham em escrever cartas petulantes ás raparigas de pouca idade, nem se faltava ao respeito aos velhos... nem se sabia arranhar no francez! E' verdade que se era menos *civilisado*... mas não se perdia com a facilidade d'agora um anno de latim ou de philosophia...

Vestido com uma jaqueta que antes fôra um casaco do pae, contemplava-se embevecido aquelles pedaços de cartão, mais pesados que uma coroa, aquelles bonecos, que pareciam idolos tartaros, aquelles pedaços de madeira pintados com vermelhão, e a que os vendedores chamavam casas...

Tudo isso passou para nunca mais voltar.

A mocidade progride, e não se detem em insignificancias.

As feiras são umas veneraveis antigualhas, que se toleram pelas suas recordações d'hontem, pondo de lado a consideração que merecem pela sua curiosa chronologia.

Com o tempo desaparecerão dos nossos olhos, não creiam, porém, que será devido a desfalcerem por fim, mas porque nós é que nos iremos para não voltar mais.

Tal é a sua condição e tão fundas as raizes que no nosso character deitam os classicos costumes d'um paiz.

## Os crimes da paixão

Nas terras de Sant'Anna um rapaz de 17 annos matou a tiros de revolver a namorada, de 18 annos, e de seguida pretendeu suicidar-se.

E' claro que os nomes são indifferentes para uma chronica d'este genero, mas o que pergunto é se não é já tempo de pôr termo a estes delictos apodados com o pomposo titulo de *crimes da paixão*.

E logo ao animo de todos surgem duas compaixões: uma para a victima, outra para o assassino. O desenlace tragico do drama, em vez d'horrorisar, commove, desentranhando-se n'uma tristeza intima; e dos labios não se escapa um grito d'indignação, mas a phrase piedosa:

— Rezae pelo morto e que Deus perdõe ao assassino.

Lentamente, o crime da paixão foi adquirindo fóros de cidade em Lisboa e Porto, até constituir uma manifestação endemica de criminalidade; sabem-n'o todos os que



FEIRA D'AGOSTO — 1.<sup>a</sup> MENÇÃO HONROSA

matam mulheres: é crime que não infama, e assim repetem, como cylindro phonographico, esta phrase justificante do acto que praticaram:

— Queria-lhe tanto!...

O publico commove-se pensando no tremendo desequilibrio que esse homem terá experimentado nos seus sentimentos, nas incruentas luctas entre o amor e a fereza instinctiva porque terá passado até chegar a matar a mulher a quem amava...

Muito bem. Interrogo com toda a sinceridade, sem me referir a nenhum caso concreto. Não ha muito de comedia nas declamações lyricas d'estes criminosos por amor? Não ha entre os motores impulsivos do seu crime um sentimento repugnante de coragem, um convencimento de superioridade do homem sobre a mulher, a detestavel opinião que ella não passa d'uma femea, sem vontade, sem paixão, sem liberdade, sem sentimentos proprios?... E esta crença, este falso conceito, acha-se arreigado, não só entre a gente baixa, não só no povo illetrado, mas tambem, e ás vezes com mais força, nas classes instruidas; que o digam as pobres mulheres que arrastam os restos da sua vergonha e da sua dignidade pelo arroyo, ellas que digam quem é que possui a crueldade mais requintada, quem abusa mais da sua condição inferior.

N'esse sentimento de superioridade absoluta sobre a mulher tão inveterado no homem, acha-se o germen do *crime apaixonado*, como se diz vulgarmente, quando não é mais que o crime do orgulho insano, da força bruta, da mentira convencional...

### O saneamento da cidade

Será verdade que regressamos afinal ao senso commum? Parece, e não me atrevo a acreditar-lo.

Diz-se que a camara municipal vae fazer guerra aos papeis que se distribuem por essas ruas. Sabem? são os prospectos annunciando *tudo* — e propositadamente mando pôr a palavra em italico — e que constituem a vergonha dos nossos passeios e transformam Lisboa em cidade suja.

E' preciso libertar-nos d'esse pesadelo, d'essas immundicies anti-hygienicas e propagadoras de microbios, que não servem para nada nem para ninguem.

Se os commerciantes que empregam este meio de publicidade, imaginam que é effcaz, basta passarem pelos locaes onde elles se distribuem para se convencerem do contrario.

A mór parte das pessoas recusam se a recebe-los. E aquellas que os acceitam, indolentemente, não os leem, e pouco depois eil-os no meio da rua.

Bem sei que me podem objectar com duas razões, uma legal, e outra sentimental, embora tanto n'uma como na outra não haja nenhuma seriedade.

E são: a lei não se oppõe a esta distribuição, mas é facil a resposta: a salubridade publica está acima da lei; e attendendo a sermos um povo eminentemente sensível, objecta-se que se vae privar do seu ganha-pão muitos desgraçados que não teem outra maneira de ganhar a vida.

Embora me enteneçam com o argumento, a verdade é que me não convencem. A sociedade, por acaso, tomou o compromisso de fazer viver, por privilegio, tal ou tal corporação? E todos nós não estamos submetidos aos accidentes da vida? Para fazer viver uma centena d'individuos ha direito a contaminar uma cidade? Que os distribuidores de prospectos procurem outra maneira d'empregar a sua actividade... No dia em que a tracção mechanica supprimir a tracção animal os cocheiros ficarão com os braços pendentes? E a sociedade commover-se-ha pela sua sorte? Dirá simplesmente:

— Tratem d'outra maneira de ganhar a vida.

Não acho que estes sejam menos dignos de dó do que os distribuidores d'impressos pelas ruas.

Quando uma pessoa vae a Vienna, a Berlim, a Hamburgo, a Stuttgard, e outras cidades que calo, ao voltar a Lisboa sente um verdadeiro constrangimento no coração ao ver como é suja e mal tratada uma capital que podia ser elegante e artistica, devendo-se acolher, com reconhecimento, toda a reforma que tem por fim sanear, aformosear e limpar as nossas ruas.

Já agora permittam — porque resolvi fazer este mez uma resenha d'observações — que aponte ainda algumas reformas, e entre ellas... a do revolver.

Não lhes parece que ha um certo tempo para cá, esta arma se tem popularisado mais do que convem? Introduziu-se nos nossos habitos, installou-se, e tomando muitas vezes a palavra, tornou-se d'uso vulgar.

Toda a gente tem um revolver no bolso, para pontuar uma conversação viva e animada.

E assim tornou-se muito facil comprar uma arma, que serve mais para o ataque que para a defesa.

Dizem que o seu uso é prohibido, mas sendo assim como é que se tolera que se venda por toda a parte, com a maxima liberdade, a qualquer que tenha dinheiro para a adquirir?

O que eu vejo é que é mais um excelente pontapé n'esta pobre logica tão vilipendiada, tratada com tanto desprezo, e violentada a cada momento!

### A cholera

Longe de mim a idéa d'assustar, mas não devem levár a mal o registrar aqui que a cholera se encontra em Marseilha, e que tudo indica que nos devemos precavtar.

Mas o peor é que o patriotismo local sendo uma excellent cousa, não o devemos comtudo levar muito além.

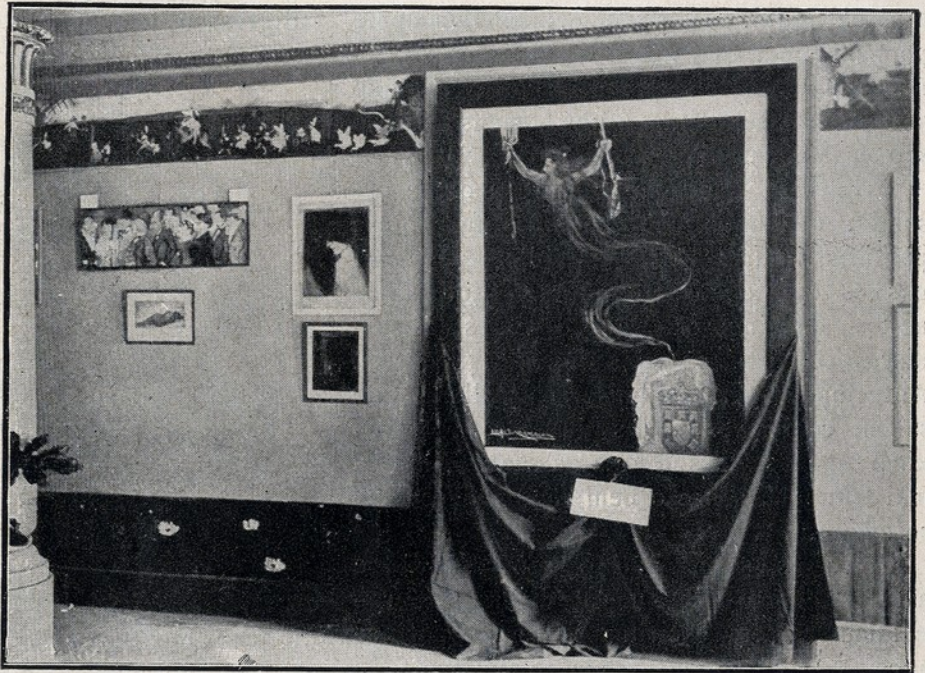
Quando uma epidemia se declara, como a febre typhoide, a variola, etc., não é nada d'extraordinario. Estes accidentes produzem-se em todos os tempos e em todos os paizes. E livramo-nos d'elles tomando as precauções necessarias, combatendo o mal pelas medidas mais energicas.

As povoações é que não o entendem assim, mancommunadas com quem devia desde principio respeitar a lei... embora admittindo que conhecessem o *Inimigo do Povo*, d'Ibsen. Ao manifestar-se algum caso suspeito, do que se trata logo é furta-lo á publicidade. Mandam-se telegrammas cheios d'indignação affirmando que são invenções

calumniosas e que nunca por lá foi melhor o estado sanitario.

Um pouco mais e avançar-se-hia que alli não morre ninguem, e mesmo não houve nunca nenhum doente.

As razões d'este patriotismo exagerado são facilimas d'adivinhar. Não se trata apenas d'uma questão d'amor proprio. Os interesses locais em jogo são: o receio do desvio de viajantes, o prejuizo que póde acarretar aos commerciantes. E' muito digno de consideração, talvez, mas os interesses particulares devem ceder o passo ao interesse geral. O



EXPOSIÇÃO LEAL DA CAMARA — QUADRO OFFERECIDO AO MUSEU DA REVOLUÇÃO

melhor é extinguir o mal e quanto mais depressa melhor. Proceder d'outra fórma chega a ser perigosissimo. E não se deve para esconder os mortos obrigar os vivos a morrerem...

### Os rebeldes

Pelos livros que ultimamente teem apparecido vejo que a rebeldia está acçommettendo a mocidade d'agora. Nenhum dos novos escriptores se conforma com o que possui nem acredita que seja bom o que existe. Para elles, tudo necessita d'uma transformação funda, radical, porque o que está estabelecido não vale a pena um tanto de respeito.



E allegam que possuem, quanto a arte, um programma deslumbrante, onde se apreciarão os meritos dos homens. E — sempre acreditando a sua palavra — sabe-se com certeza mathematica que elles vão transformar a litteratura, e até que não triumphem ninguem gosará das bellezas d'um bom livro, e nada existirá que valha a pena ser respeitado e exalçado. Os rebeldes, casta privilegiada, resolveram todos os problemas da vida, e basta le-los para se chegar ao convencimento que a humanidade é idiota.

Na phalange d'esses rebeldes, nem todos são homens. Ha mulheres que tambem não se encontram á vontade na actual sociedade e no existente, e suspiram melancolicamente por um amor que não é o amor que se conhece e umas leis que não são as leis que actualmente se acatam e uns homens que não são os homens d'agora.

Para esta gente bravia, orgulhosa e resoluta, o mundo compõe-se de farçantes: politicos, litteratos e artistas. São elles apenas os que podem ostentar o titulo d'honestos, de sinceros, de prosadores, d'estudiosos, affectados pelas injustiças sociaes. Ante um quadro de miseria só elles é que sabem commover-se, as desgraças do proximo apenas elles é que as sentem, e se o mal triumphá sobre o bem são os unicos que se affligem.

Como os annos não passam em vão e a vida exige outra cousa diversa de rebeldias, esses espiritos acabam por se accommodar ao meio em que vivem, e assim atravessam a existencia, succedendo-se as gerações d'incomprehendidos, que appareceram um dia nas columnas d'um jornal e disseram tudo n'um primeiro artigo, e não deram á arte nem á litteratura o *alguma cousa de bom* que deve existir mesmo em toda a obra má.

### Dolores Rentini

Era uma bonita mulher que appareceu ha uns dez annos nos nossos theatros, e que principiou a sua vida de palcos por um rapto, tendo d'ahi por diante uma vida em extremo accidentada.

A critica exalçou-a muito, chegando, por vezes a um exagero que quasi custava a conceber.

Chamaram-lhe mesmo a primeira artista d'operetta, — não sei se a infeliz actriz acreditou, — e não querendo discutir a levianidade d'esses processos que dão em resultado levar tantas vezes a crystallisar, a verdade é que o publico via-a com agrado em scena, e — insistindo sempre — attendendo á falta d'elementos que ha no theatro, Dolores Rentini não era para desprezar.

Faltava-lhe o jogo physionomico, a inflexão amoldara-se no mesmo tom, e, comtudo, dando o seu nome a uma *tournee* percorreu essas provincias com grande applauso, e foi este anno para o Brasil, cheia d'alegria, porque esperava que os resultados da digressão fossem altamente renumeradores.



DOLORES RENTINI

Estivera no Pará, em Manaus e em outras cidades do norte, e allí nunca a doença a affligira, e se alguma vez se avizinhou, vendo-a tão nova, formosa, não quiz cevar-se n'aquelle corpo gentil, e como que recuou.

Mas em Pernambuco a traiçoeira febre amarella, á douda, não teve a minima consideração, e sacudindo-a violentamente, pouco depois depunha-a nos braços descarnados da Morte, que teve um estremecimento ao sentir um cadaver resumando mocidade tão brutalmente arrancado a esta vida.

Foi desgraçada esta *tournee* morrendo no Brasil varios dos seus contractados, e para coroar é agora a pobre Rentini que abala d'este mundo.

Adularam-n'a muito, festejaram-n'a, aos

seus ouvidos a lisonja nunca se calou, e afinal para quê?

D'aqui a mezes — dias mesmo — já ninguém se lembrará d'ella, e as adulações, os applausos, as palavras lisonjeiras irão para outras que as aceitarão... e o que é mais acredita-las-hão... *Se o mundo assim é... assim seja...*

### Francisco Teixeira

Victimado pela tuberculose falleceu no dia em que completava 46 annos o carica-

turista Francisco Teixeira, director artistico da *Illustração Portuguesa* e que durante muito tempo encheu com os seus desenhos as paginas das *Novidades* e do *No-ticias*, do Rio de Janeiro.

Muito insinuante, excellentes espirito, causa pena ver o desaparecimento d'este rapaz, que tinha um bello futuro ante si, não permitindo, porém, a impiedosa morte que elle cumprisse até final o seu desejo, que era deixar uma obra inconfundivel, e d'onde ressaltasse nitidamente a sua figura artistica.

PORTUGAL DA SILVA.

**FARINHA  
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e  
pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910



## O theatro japonéz

### O horrivel realismo

Eu prometti tratar aqui — agora que os nossas casas d'espectaculos estão fechadas — dos theatros estrangeiros, resolvendo occupar-me n'este numero do theatro japonéz, pouco conhecido entre nós, e que é interessantissimo.

Vulgarmente são muito frequentados, e tem por habito representar incidentes sangrentos, scenas simuladas como a de se suicidarem, abrindo o ventre.

Poder-se-hia suppor que durante a guerra com a Russia, fechariam as portas, ou pelo menos, a assistencia seria menor, visto que uma grande parte do elemento masculino assistia, além do mar do Japão, a carnificinas que não eram simuladas.

Querem acreditar que as receitas duplicaram? A razão? é porque só se occuparam de batalhas e de matanças que o publico tanto aprecia.

Não conheço theatro onde mais reïne a ferocidade. No palco vê-se gente batendo-se, cravando facas no ventre e morrendo com a maior naturalidade do mundo, isto é, uma agonia, signalada por horriveis convulsões, deve, pelo menos, durar cinco minutos. Principalmente um certo estremecimento nos pés e nas mãos antes do ultimo suspiro é estudado á perfeição.

Pelo fato escorre-lhes o sangue, bem sei que basta ter uma esponja no sitio do coração embebida em agua avermelhada, mas ninguem finge a morte como elles, e as europeas não poderiam assistir a esse espectáculo sem perderem os sentidos.

Ora, no Japão, não só as mulheres, mas até as creanças a quem amamentam (e fazem-n'o até aos cinco annos, porque lhes é prohibido o leite de vacca) acham tudo isto naturalissimo!

Os pequenos japonezes, mesmo n'essa idade, já comprehendem perfeitamente.

E' uma raça intelligentissima para tudo que é massacre, e bem preparada desde a tenra idade para esta arte da guerra que é a verdadeira industria nacional do Japão!

E n'esse theatro ha mesmo uma cousa que elles podem aprender: é a que consiste em uma pessoa simular de morta, e cravar de subito o punhal no ventre do adversario, que por tal não esperava.

### No palco

Os theatros abrem ás dez da manhã e fecham ás sete da noite; mas tambem cada um está allí á vontade, e sobre esteiras, come-se, bebe-se, fuma-se.

A fórma é uma especie de telheiro rectangular. Ao entrar deixam-se no vestiario. . . os sapatos, e em troca recebe-se uma senha. Depois cada qual dirige-se para

o seu compartimento separado do do vizinho por umas pequenas tabuas e acocora-se.

As peças são enormes, sem interesse, insipidas, odientas.

Nas russo japonezas, quando em moda, os officiaes d'aquella nação representavam um papel ignobil, alcunhando-os de devassos e de cobardes, e a sala enthusiasma-se se um só japonéz matava meia duzia d'inimigos.

Como se comprehende não era a derrota dos russos que os japonezes acclamavam, mas tambem o anniquilamento da raça branca.

Confesse-se, entre essas peças escandalosas, ha por vezes algumas que encerram magnificas scenas patrioticas, e são admiraveis quando falam do seu paiz, assim como quando combatem por elle.

### Varios dramas

Tenho uma peça que se representou em Tokio: a morte de dois officiaes japonezes disfarçados em sacerdotes para penetrarem nas linhas russas.

Presos, comparecem ante os russos que os condemnam á morte.

No momento em que vão ser espingar-deados expressam-se com uma grandeza á Corneille. Depois de cuspirem o seu desprezo em face dos juizes, declaram com altivez que essa sentença é para elles a maior das honras, e que se sentem orgulhosos de derramar o seu sangue pelo grande Japão. E accrescentam que a vida para elles de nada vale senão pelo sacrificio que fazem por uma causa nobre, e dignamente apresentam os peitos ás balas.

A scena na verdade é esplendida, e tanto mais commovente quanto é veridica; occorreu na Manchuria.

O final é atroz. Os russos disparam sobre os officiaes ligados a postes, e lentamente assiste-se a essa morte, vendo-se o sangue a escorrer-lhes dos peitos. E' d'um espantoso realismo.

E' assim que as creanças que assistem a estes espectaculos, mais tarde se convertem em verdadeiros fanaticos, e é esse mesmo o fim que se busca.

O *Hari-Kiri* exprime a antiga maneira do suicidio japonéz, e é como denominaram um drama onde se reflecte a alma japoneza.

Baseia-se n'uma d'essas luctas e vinganças tão frequentes no territorio do Japão. Um cavalleiro da idade media parte, disfarçado, no intuito d'assassinar um general que deshonrara a sua familia. Acompanha-o uma *geisha* e um fiel creado. Os inimigos surprehendem-n'o e aprisionam-n'o. O servo bate-se como um leão para o libertar, mas não o conseguindo, resolve suicidar-se. E quando o cavalleiro é posto em liberdade, jura pelas cinzas do seu servidor, renunciar ao mundo, e entra para um mosteiro budhista.

Não ha duvida que para a Europa é um drama muito extraordinario; cá os creados são incapazes de morrer em defesa dos patrões, e o desempenho tem de ser d'um realismo violento e que exceda toda a imaginação.

### A senha

Se o espectador sahe durante o espectáculo não lhe dão senha.

Mas carimbam-n'o na palma da mão, e quando torna a entrar apresenta o cunho official.

De maneira que, se o assim marcado experimenta a necessidade — e ninguem de tal está livre — de lavar as mãos durante o intervallo, se o sinete vae por agua abaixo... para entrar tem de pagar novo bilhete.

### A antiguidade do theatro

Embora seja o divertimento predilecto dos japonezes, é claro, que se encontra muito atrazado. Em Tokio ha umas vinte casas d'espectaculos.

O theatro japonéz tem mais de mil annos.

A principio representava-se n'um estrado, e em volta collocavam-se bancos para a assistencia.

Só se exhibiam mulheres. Depois substituiram-n'as os homens.

Como peças européas representa-se o *Hamlet*, que é o filho d'um nobre japonéz, estudante na Universidade. A apparição do phantasma é no cemiterio, mas o famoso monologo *to be or not to be* foi supprimido pela difficuldade de o traduzir.

As obras preferidas são as tragedias historicas e os melodramas.

A comedia é quasi desconhecida.

Cada peça representa-se 25 vezes seguidas, recebendo o auctor cerca de 200.000 e outros duzentos pela impressão do seu trabalho. E depois fica sendo pertença dos actores. Estes são melhor pagos: Danni-ro teve 500 libras por 25 representações, Sadanu ganhou uma vez duas mil por vinte recitas.

Sada-Yacco foi a primeira actriz japoneza que representou com actores, é considerada uma grande artista, e embora em Lisboa muito a applaudissem... a verdade é que ninguem a entendeu nem mesmo os seus processos.

### A origem do theatro

Nada de lhe procurar a origem nos canticos e dansas da antiguidade.

A' semelhança das tragedias gregas, as representações eram, a principio, instituições de character religioso. Aos actores populares consideravam-os como desclassificados sociaes.

O arco do proscenio d'um theatro japonéz é oblongo, tem apenas cinco metros de altura e 23 na sua maior largura. A parte central do palco é construida de maneira que ao centro ha sempre uma secção circular que póde girar quando necessario.

*Madame* O-Kuni que iniciou os seus espectaculos em Kiotto, no seculo XII, viu-se obrigada a termina-los por ordem da auctoridade devido ás suas tendencias desmoralisadoras. Em Shogun a censura não foi tão rispida.

O enredo amoroso dos seus dramas divertiu alli muito o povo, ficando celebres nas chronicas da epocha. Mas o emprego de mulheres como actrizes deu logar a abusos, e foram prohibidas de figurar em scena.

Em Yeddo espalhou-se a moda dos actores

serem todos rapazes de galharda presença. Tambem deu logar a tendencias immoraes.

Antes, porém, já o theatro de *marionettes* se generalisara no Japão.

O drama japonéz tem passado por uma serie de vicissitudes.

A razão d'ordem material que se oppõe a que as japonezas entrem nas peças é porque ellas, tanto por herança como por educação, estão habituadas a andar com o peito contrahido, e a cabeça inclinada como o lyrio que emmurchece, e o seu andar torna-se desagradavel á vista, obrigando a voz a ser fraca. Além d'isso o drama japonéz requer uma grande resistencia physica. Os principaes actores andam no palco em cada representação cerca de vinte a quarenta kilometros, ora uma mulher não resistiria a oito kilometros. E a causa está não só no vestuario que lhe difficulta o andar, mas tambem no habito que tem de caminhar nas pontas dos pés.

O theatro japonéz chegou em 1868 ao ultimo gráo d'aviltamento exactamente nas vespervas da revolução.

Agora as mais eminentes personagens não se envergonham d'apparecer n'um theatro. E ante o proprio Mikado e a sua côrte por vezes os actores teem representado.

Actualmente nota-se um movimento que leva a crêr que se pensa a serio em o modificar no respeitante á parte litteraria, á educação dos actores, á construcção e administração, á hora dos espectaculos e arranjo da platéa.

E trata-se d'estabelecer uma eschola d'actrizes. Assim pôr-se-ha termo ao absurdo dos theatros separados hoje em dia, vendo-se nos dos homens os papeis femininos desempenhados por actores, e nos de mulher, as actrizes encarregarem-se dos papeis masculinos.

PORTUGAL DA SILVA.





## Curiosidades do tempo

### Congresso das raças

Sir Harry Johnston, na *Contemporary Review* apresenta uma interessante comunicação sobre problemas raciaes no congresso das raças. Segundo

elle poder-se-hiam dividir pela seguinte maneira os habitantes do globo:—O ramo Mongol-Amerindiano da raça amarella é o que maior numero attinge, pois pôde-se calcular *grosso-modo* em 612 milhões de almas, (586 milhões de Mongoloides na Asia, 16 milhões de Amerindianos, e uns 10 milhões de Mongoloides Europeus.) Os brancos, ou Caucasicos, da Europa, Africa, Asia, Australia e da America, veem a seguir, e attingem uns 570 milhões. Ha uns 300 milhões de tipos escuros intermedios, tais como os Mouros do Sul, os Tuaregs, os Tedas, os Egipcios, os Abissimos, os Somalis, o grosso dos habitantes Dravidios da India e de Ceylão, os Polinesios e os povos de Madagascar; e por fim ha uns 135 milhões aproximadamente de Negros e Negroides, (109 milhões em Africa, 24 milhões e meio nas Americas e 10 milhões e meio na Asia do Sul e Oceania).

Os 135 milhões de negros não são em modo algum uma quantidade desprezavel, e contam mais presentemente na politica do mundo, do que os 433 milhões de chinêzes.

O ramo Caucastico é principalmente dividido pela religião entre os 510 milhões de christãos brancos e os 64 milhões de Mohometanos brancos, os ultimos regidos por alguns 12 milhões de Turcos.

Sir Harry sustenta que a subdivisão Caucastica é superior ás outras variantes da raça no desenvolvimento cerebral e fisico. A raça Caucastica parece ter-se revelado a redemptora do

mundo, a criadora das civilsações Palaeolitica Neolitica e de das mais antigas epocas da idade do metal. Sobre se a raça branca pôde colonizar os tropicos, affirma Sir Harry que os



ZEPPELIN: — «Senhôr, os meus dirigiveis continuam a cair, mas ao menos teem sobre os aeroplanos a vantagem de ainda lhe não terem morto nenhum ministro!»

(Pasquino, Turim.)

brancos devem contentar-se com a colonização das regiões sub-tropicais do globo. Os brancos estão em pé igual, senão superior, no aumento da população. Nas outras raças a mortalidade das crianças e recém-nascidos é mais



TAFT, ANJO DA PAZ

Offerece uma corôa á Allemanha

(Kladderadatsch, Berlim.)

elevada. Sobre a mistura das raças entre si, assevera Sir Harry que ha uma costella negra nas populações immediatamente ao norte do Mediterraneo assim como na Irlanda, país de Galles e Escossia, e qualquer coisa dos Pelles-Vermelhas nos povos da Escossia e Irlanda, da Allemanha, do sul da Russia, Tartaria e Sibéria. A asserção de que existe uma unica especie de homens no mundo, é provada pela completa fertilidade entre todos os typos de homem existentes.

Segundo Sir Harry ha perspectiva de grandes desenvolvimentos sociaes na Asia pelos crusamentos, especialmente na Siberia Russa. O tipo branco já se está misturando com Mongolios, Japonêses e Chinêses, produzindo gerações de boa apparencia, vigor fisico e vivacidade mental.

Sir Harry defende nobremente as aptidões das raças não brancas, principalmente da negra. Teem-lhe dado livros compostos por puros negros o profundo goso da melhor litteratura francesa. Diz encontrarem-se de grau eminente nas suas respectivas vocações, compositores negros, musicos, actores, cirurgiões, dentistas, generaes; e acaba apresentando uma ousada proposta, — qual a de uma religião inter-racial.

Tem pouca simpatia pelas fés Hindu e Mahometana. Fala das tolas excrecencias que se foram juntando á de antes tão pura e transcendente religião Hindú, e das despreveitosas ruindades ditadas por Mahomet. Arrojadamente propõe uma religião commum inter-racial e acrescenta:—«Se ao menos agora podemos concordar no estabelecimento de uma religião inter-racial, e esta fosse a mais simples, não—dogmatica forma do Christianismo—o Christianismo sem os credos que Christo não conheceu! Os principios Christãos que foram anotados nos autenticos Evangelhos e Epistolas ainda estão insuperados como regra de conducta, como base de etica pratica.

Nada teem que vêr com totemismos, Sabbaths, adoração de feliches, misticismos, observancias vexatorias, ladainhas, e discutiveis adjunções supersticiosas. Se pudessemos concordar em difinir e adoptar uma tal base e fazê-la a religião do estado em todos os paizes, com permissão para cada individuo ou comunidade de acrescentar de motu proprio as elaborações de ritual necessarias a algumas individualidades, teriamos dado um grande passo para estabelecer uma irmandade entre



O KAISER KALEIDOSCOPICO GUILHERME:

«D'esta vêz espero que me tomem a serio!»

(Pasquino, Turim.)

os homens, uma irmandade que não precisa de significar necessariamente uma mistura de sangues, mas sim uma simpatia e interesses communs no desenvolvimento da humanidade. Aplicando os principios Christãos, o homem

branco trataria as outras raças da humanidade com bondade e justiça, sem desdem ou asperas impaciencias; e elles por sua vez cooperariam com elle na tremenda lucta com as cegas e descaroeveis forças da natureza que sempre e a cada passo parecem ameaçar a propria existencia humana.» Assim estaria a etica estabelecida para inculcar o principio Christão, mas ter-se-ia ainda de combater o demonio da natureza reaccionaria; e para conquistar essa fé, a unica para que vale a pena viver e morrer, no proposito divino da nossa superior evolução, precisaríamos de todo o auxilio que nos póde dár a Sciencia:—«Sempre será permittido a alguma brilhante intelligencia



SOB O PUNHO FERRADO

(Pasquino, Turim.)

adivinhar o que existe para além do nosso conhecimento, e proclamar a sua teoria;— talvez, sendo mais elevado do que os outros, possa entreluzir antes delles a Terra de Beulah ou os pincares que cingem o Paraiso.

Mas que esses que mais longe vêem se não sintam autorizados a perseguir, crucificar, amolgar ou queimar aquelles outros dentre nós que conservam os olhos no chão para mais segurança de estarem no caminho direito».

E assim continua *Sir Harry* suggerindo que o congresso inter-racial que ora se reúne em Londres defina uma base religiosa tal como o Christianismo da Christo, com a qual todas as raças civilizadas pudessem concordar. O Japão avançaria um enorme passo no concerto das nações se amanhã declarasse ser sua religião de Estado o Christianismo não-dogmatico.

### Como se forma um Camorrista

A Camorra é caracterizada como uma maçonaria popular tendo o crime por objecto. Dedicam-se principalmente os adeptos a explorar o povo, o que não impede a sociedade de ser muito popular. Da idade de tres annos começa a aprendizagem.

O CHANCELLER ALLEMÃO, AO EMBAIXADOR FRAN-  
CEZ:—«Estou certo que breve nos enten-  
deremos!»

(Pasquino, Turim.)

Ensina-se a criança a pedir esmola e a roubar pequenos objectos, tais como lenços, etc. Em poucos annos estará madura para a prisão. E' então que terá de escolher entre a virtude e o

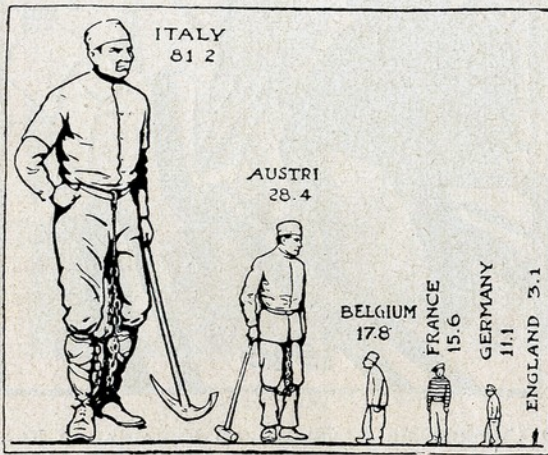
SAM:—«Pára lá, João, ha um camarada que  
tambem quer entrar!»

(Montreal Daily Witness.)



vicio. Se adopta a primeira, será explorada pela Camorra que pulula nas cadeias, ao passo que a opção pelo segundo significa filiação na sociedade, raros sendo os que assim se não decidem.

Mas para vir a ser Camorrista muitas provas lhe será preciso passar — provas de coragem, de destreza no uso da faca é de discreção absoluta. O candidato tem de passar por diferentes graus. Primeiro é *garzone di mala vita*, posição muito inferior; mas logo que dê boa conta de si pôde aspirar ao seguinte grau de *piccinto e sgarro*. Já lhe é dado então offerer-se para matar alguém designado pela Camorra; caso não haja vingança em projecto é experimentado com uma especie de duello á faca com um membro da sociedade. Se é ferido,



CRIMINALIDADE DA EUROPA

tem direito a outro, e outro ainda; se fôr ferido em todos tres é para sempre excluído da Camorra; quando bem succedido já se aproxima da terra promettida. Não será verdadeiramente Camorrista enquanto não tiver provado bem o seu valor em muitos lances diferentes. Este periodo durava d'antes de dois a oito annos; hoje é muito menor mas muito severo. O *piccinto* faz tudo o que o Camorrista lhe ordena e entrega-lhe o producto do seu «trabalho». Por fim, um assassinio bem levado a cabo faz-lhe conseguir o desejado titulo, e chega o grande dia em que a associação lhe entrega a sua cartá de nobreza.

A cerimonia é imponente. Tem de jurar solemnemente diante dos mestres da ordem, sentados em volta duma mêsá, que sempre lhes será

leal, que nunca diminuirá o seu odio ás auctoridades e á policia, e nunca em caso algum denunciará nenhum dos companheiros, os quaes amará acima de todos. Depois deste juramento, feito sobre facas em cruz, o aspirante é para todos os effeitos considerado um membro da sociedade, e gosa dos privilegios de Camorrista. As suas principaes virtudes serão d'ora avante a discreção e humildade. Sabe á que riscos se exporia se faltasse ao seu juramento; as regras e estatutos da Camorra, transmittidos oralmente de uma a outra geração fazem-lhe saber que a morte seria o seu castigo ao passo que um «bom comportamento» trar-lheha promoção nas honras e nos ganhos, e quando os seus crimes tiverem chegado ao apogeu do prestigio Camorrista, será contado entre os «trinta e tres», almejado grupo de entre o qual se seleccionam os grandes chefes.

Vejamo-lo agora em Napoles, «trabalhando no seu officio». Magro, de bigode, olhar obliquo, chapéu á banda, anda farejando alguma aventura que o exalte na estima dos mestres, e lhe mereça um bello futuro nalguma colonia penitenciaria. Se consegue escapar á policia, a familia será criada á moda camorrista — pais, filhos, irmãos, irmãs, sobrinhos tudo promiscuamente amontoado num mesmo quarto. Nesta atmosfera condizente ensinará elle aos filhos o que elle antes aprendêra, pois o Camorristismo é um mal hereditario. Se fôr para a prisão, sabe com certeza que ali encontrará muitos amigos; se se conservar cá fóra tem a sua independencia assegurada.

Apesar de tudo não deixará de dár o dinheiro para o azeite da lampada da Virgem ou outros santos, pois é affeiçoado á sua religião.

No carcere ou em liberdade o Camorrista tem orgulho na sua posição. nas suas cicatrizes, nos seus crimes, e finalmente chega a uma honrada velhice (na Camorra), certo de que nunca lhe faltará coisa alguma e de que quando morrer a familia não ficará abandonada, desamparada.

O recente processo da Camorra em Viterbo chamou a attenção sobre a criminalidade na Italia. O número dos assassinios annuaes é ali o mais elevado relativamente ao resto da Europa. Por milhão de habitantes contam-se effectivamente 81 assassinios em Italia, 28 na Austria, 17 na Belgica, 15 em França, 11 na Alemanha e 3 em Inglaterra. Em parte alguma está a vida de cada um tão exposta como na Italia, e não se pôde deixar de ponderar que assim é em grande parte devido ao funesto desenvolvimento de sociedades de bandidos taes como a Camorra e a Magia.





# Serões das senhóras



## Chronica da moda

O mez de Setembro marca uma pequenina pausa em assumpto de modas.

Já nada ha a adeantar sobre as *toilettes* de verão; o outono avisinha-se com as suas nuvens pardacentas, mas cedo é ainda para prevermos já todas as novidades e surpresas que o inverno nos prepara.

Os vestidos leves de cassa e de linho vão cedendo o logar ás *toilettes* um nada mais pesadas. Estas porém, nada variaram quanto á forma, apenas accessorios renovam com mais facilidade, e esses pequeninos nada são o bastante para modernisar, e *refraichir* qualquer *toilette*. E já que fallámos em accessorios, para ahi volveremos hoje a nossa attenção. A graciosa moda dos *fichus* que em todas as estações mais ou menos reina, entrou agora com o mais proveitoso successo: os *fichus* Marie Antoinette, os *fichus* Lamballe, os *fichus* Manon, os *fichus* á Charlotte Corday, e finalmente os *fichus* á camponeza, offerecem uma grande variedade, como variados são tambem os tecidos para a sua confecção: uns da propria fazenda do vestido quando este seja leve, outros de musselina e tulle, outros de deliciosas rendas *point d'Angleterre*, e ainda outros de cassa e renda, dando todos elles uma sou-

*plesse* e um particular encanto, como sendo uma das mais graciosas guarnições de um vestido, e que tem mais a seu favôr o ser adequado a todas as edades.

## Os cintos e os jabots

Em dez vestidos de tecido leve, seis terão os cintos de velludo, dois serão guarnecidos de cintos de *taffetas*, de setim, e de musselina de seda, e os restantes, devido á sua forma *princesse*, serão desprovidos de cintos. Poderemos pois optar por qualquer das maneiras. Para os cintos de velludo, têm preferencia em geral as côres escuras: o preto, o azul côrvo, e o castanho dourado, formam um bello contraste com os tons claros dos vestidos de *etamine*, de *linon* ou de *voile*,

brancos, ou crêmes. Alguns cintos são completamente lisos e outros um nada franzidos em volta da cintura; outros, a bem dizer não têm o nome de cinto, porque apenas se compõem de duas tiras de veludo que sahem de um nó ou laço, do mesmo veludo, sendo este collocado ao lado, á frente ou nas costas, podendo pois ter mais o nome de um enfeite, do que o de cinto, que em geral

se faz para ajustar. Os cintos de *moumés* têm uns laços direitos e entesados, como já se usaram no inverno, e dos quaes sahem umas pontas que cahem a direito, e sem terem enfeite algum; outros têm uma franja



nessas mesmas pontas, outros ainda umas borlas da côr da faixa.

Não ha nenhuma regra que prescreva formar o laço na cintura, ao lado direito ao esquerdo, á frente ou nas costas, mas estudando a linha da *toilette*, e a *silhouette* da mulher que a veste, facilmente se encontra a mais feliz disposição para o colocar. Para enfeitar os vestidos de forma Directorio com os seus largos *revers*, ou os de *fichus* Luiz XVI e Imperio, os laços são em geral colocados á frente; os cintos que combinam com os kimonos e que são formados com o laço de pontas direitas, são estes geralmente colocados a meio das costas. Se a *toilette* não tem qualquer cinto competente, raro é que não tenha um nó de veludo escuro, ou alguma passadeira de seda clara ou viva, que dê uma côr que é sempre um traço característico da mais moderna elegancia.

Os *jabots* têm sempre o mesmo successo; os mais modernos são no entanto os virados sobre o lado esquerdo, formados de pregas, e de rendas. Outros de Cambraia e *Valenciennes*. Os *jabots* de tulle, guarnecidos de trez ou quatro pregas de cassa, são um mimo de simplicidade. A Cambraia, a muselina, e o tulle que formam a materia prima, nem sempre são do mesmo tom das rendas e das *guipures* com que são adornados. A côr marfim das rendas verdadeiras, combina deliciosamente com o branco do linho, e da Cambraia.

Os *jabots* de cambraia de linho, ou de tulle branco, enfeitados *Chantilly* preto são o «*dernier cri*» da moda; formam a combinação do branco e preto que tanta acceitação tem tido; serão talvez mais proprios para senhoras de meia idade do que para meninas novas; no entanto para estas ul-



timas combinarão lindamente com qualquer *tailleur* de linho branco ou côr de rosa.

#### As luvas

Noutro tempo, bem diferentemente do que se vê hoje, era uma questão de maxima cortezia, e rigorosa praxe, conservar as luvas durante toda uma noute, quer em

Para augmentar o poder da alimentação dos caldos, leite e carnes para convalescentes juntar **SOMATOSE**.

reuniões ou no theatro. Hoje porém, algumas elegantes adoptaram a moda de descalçar as luvas após a entrada num salão ou numa sala de espectaculos. Esta moda talvez favoravel ás possuidoras de lindos braços, de niveas mãos e ricos aneis, parece não ter tido uma completa approvação, e posto que ellas se não usem com o rigôr d'outro tempo, não são comtudo dispensaveis: eis a unica differença.

A classica luva de pelica branca ou crême, é sempre a mais apropriada para as *toilettes* de noute, sem comtudo ser excluida a elegante luva de *Suède*: para de dia é esta a mais indicada, tendo sempre preferencia as côres claras na gamma dos beiges, dos gris, e pau rosa; os tons *biscuits* são todavia os mais procurados: *biscuit* roseo ou, em contraposto, o *biscuit* amarelado.

A verdadeira luva de Saxe gosa da mais alta predilecção como merece já pela sua finura, já pelo delicioso perfume que d'ella se evola no contacto da mão.

Existe um velho preconceito de que as luvas de algodão ou de seda não são extremamente elegantes, e que nunca o serão qualquer que seja a perfeição do seu fabrico; comtudo insistiremos que têm a seu favôr o merito de serem baratas e lavaveis. A luva de fio de Escossia é sempre de bom gôsto quando o seu tecido é fino e unido, mas sem arrendados nem abertos de especie alguma.

### Os veus

Estão-se usando muito os veus claros, brancos, crêmes ou Champagne; mesmo sobre um chapéu escuro se vê com facilidade um veu de largos desenhos brancos, principalmente quando possa ser de renda verdadeira. Algumas elegantes agradavam-se da moda de usar o veu sôlto e cahido em forma de mosqueteiro. Será talvez menos incommodo do que o veu junto á cara, mas conviremos que não são tão bonitos. Esses veus usados em forma de mosqueteiro tão geralmente uma especie de *écharpes*, de tulle e applicações de renda de Bruxellas, ou de tulle de seda bordado, com desenhos quer largos quer meudos.

Para viagens, e para o calôr nada ha de mais commodo e pratico do que os veus de

tulle lavaveis, com ou sem applicações de rendas.

Para *toilette*, o veu, é claro, deve sempre ser da côr precisamente do chapéu, e d'esse artigo ha agora uma variedade infinita de côres e de desenhos finissimos, que vão admiravelmente bem ao parecer.

Damos em gravura dois modelos de bluzas muito simples e verdadeiramente graciosas para a presente epoca de praias. Uma d'ellas é feita de musselina com salpicos de côr, tendo gola e canhões de renda, ou poderá tambem ser feita em linho com a gola e os canhões de renda de Irlanda. A outra blusa é feita de linho ou zephir, enfeitada de linho ás riscas, e o laço de veludo preto.

Damos tambem um modelo de chapéu, de palha tagal preto, sendo a fôrma muito elegante, e guarnecido de plumas em dois tons, branco e preto.

### As modernas bolsas «Aumonière»

A moda das bolsas *aumonière* está no auge da elegancia. São na verdade tão graciosas, de tanta utilidade, tão exequiveis e pouco dispendiosas, que toda a mulher as pôde possuir dando-se ao simples trabalho da sua confecção, e não só uma, como varias, afim de combinarem com differentes toilettes. De *broderie anglaise* para se usar com um simples vestido de linho ou cassa; de seda e renda para qualquer *toilette* de tarde; e ainda de panno ou seda preta para qualquer *tailleur* ligeiro.

Não são estas bolsas nada baratas para se comprarem, por isso tem a vantagem de uma grande economia quem as fizer.

De qualquer material pôdem ser confeccionadas; a que a 1.<sup>a</sup> gravura representa é feita com a escassa quantia de um metro de shantung, sobre o qual se applicam uns leves quadrados de renda, tendo finalmente uns grossos cordões de seda da mesma côr do shantung.

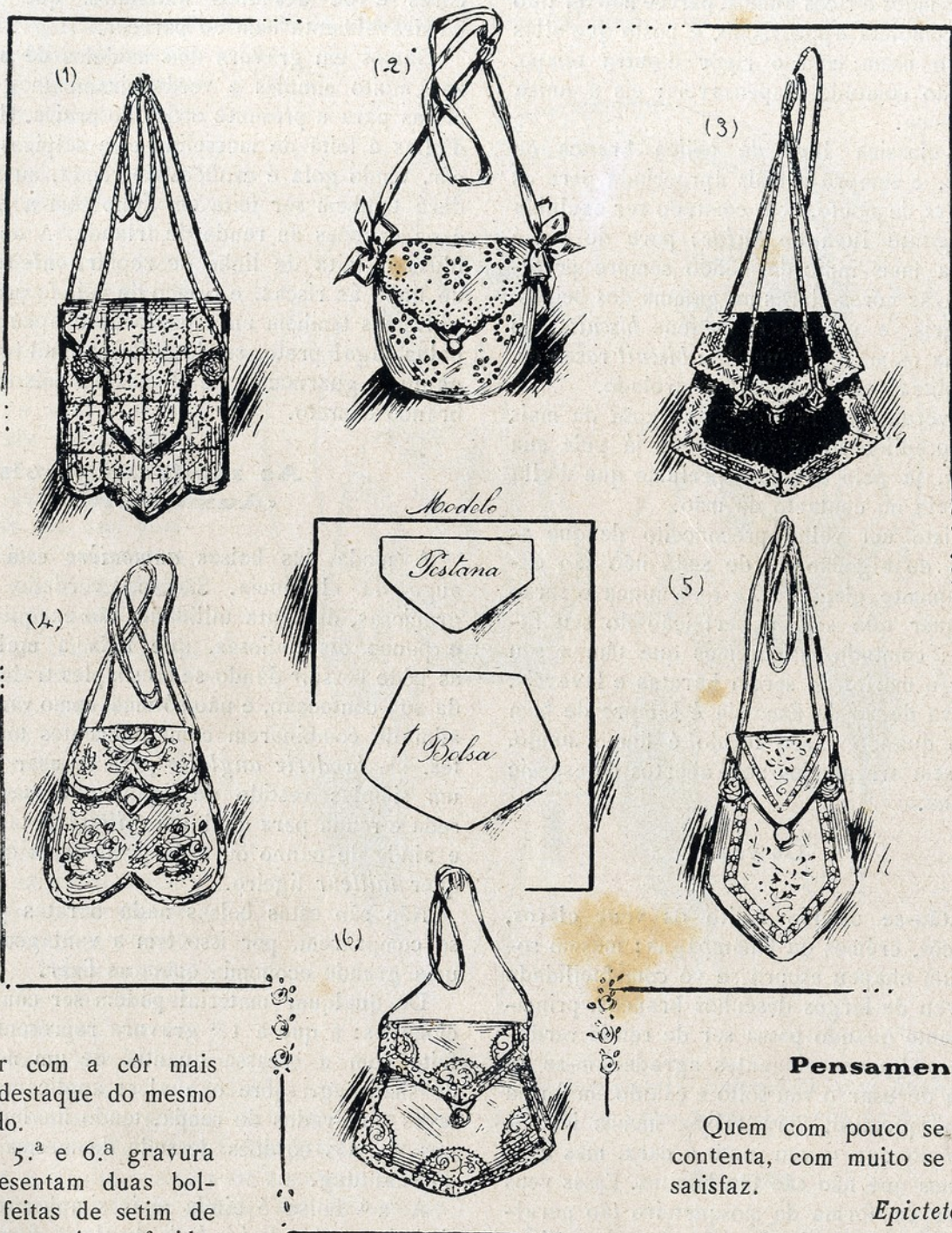
A 2.<sup>a</sup> bolsa é ainda mais simples, consistindo apenas de *broderie Anglaise*, forrada de gaze azul ou côr de rosa palido, e fita e laços da mesma côr. Esta bolsa é muito propria para meninas muito novas.

A 3.<sup>a</sup> bolsa é de setim preto, com entremeios crêmes bordados a fios dourados,

afim de combinar com os cordões, que deverão ser também dourados.

A 4.<sup>a</sup> é simplesmente feita de qualquer seda ou brocado, devendo os cordões con-

leitóras se poderão entregar, no intuito de ter esse objecto para seu proprio uso, ou na idéa de o offertarem como bonita lembrança, a qualquer pessoa amiga.



dizer com a côr mais em destaque do mesmo tecido.

A 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> gravura representam duas bolsas feitas de setim de qualquer côr preferida, apenas guarnecidas de entremeios e medalhões de renda, sendo os cordões da côr das mesmas bolsas.

Finalmente, será este um entretenimento de poucas horas de trabalho, a que as nossas

Pessoas ha que têm tal horror á vida recolhida, que preferem gastar para se aborrecerem por fóra, a divertirem-se gratuitamente em casa.

### Pensamentos

Quem com pouco se não contenta, com muito se não satisfaz.

*Epicteto.*

*C. Wagner.*